

MEMÓRIAS ITINERANTES

UM ESTUDO SOBRE A RECRIAÇÃO DAS FOLIAS DE REIS EM CAMPINAS

CÉLIA MARIA CASSIANO



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ARTES
1998

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

INSTITUTO DE ARTES

Mestrado em Multimeios

MEMÓRIAS ITINERANTES

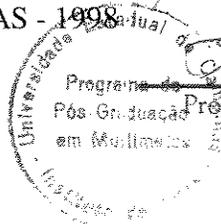
UM ESTUDO SOBRE A RECRIAÇÃO DAS FOLIAS DE REIS EM CAMPINAS

CÉLIA MARIA CASSIANO

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Multimeios do Instituto de Artes da UNICAMP como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Multimeios sob a orientação da Prof^a Dr^a Haydée Dourado de Faria Cardoso.

Este exemplar é a redação final da tese defendida pela Sra. **Célia Maria Cassiano** aprovada pela Comissão Julgadora em 25/02/1999

CAMPINAS - 1998



Haydée Dourado de Faria Cardoso
Prof^a. Dr^a. HAYDÉE DOURADO DE FARIA
CARDOSO
-orientadora-



UNIDADE:	BC
N.º CC:	1/1/1999
V.	Ex.
TOMBO BC:	38629
PROC.	229/99
	<input type="checkbox"/> <input checked="" type="checkbox"/>
PREÇO	R\$ 11,00
DATA:	01/09/99
N.º C.F.U.	

CM-00125828-1

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Cassiano, Célia Maria
C273m Memórias itinerantes : um estudo sobre a recriação das
Folias de Reis em Campinas /Célia Maria Cassiano. --
Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Haydée Dourado de Faria Cardoso.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de
Campinas , Instituto de Artes.

1. Cultura popular. 2. Comunicação visual. 3. História
oral. 4. Imagens fotográficas I. Cardoso, Haydée Dourado
de Faria. II. Universidade Estadual de Campinas.
Instituto de Artes. III. Título.

Comissão Julgadora:

Profª Drª Haydeé Dourado de Faria Carodoso

Profª Drª Olga Rodrigues de Moraes von Simson

Profª Drª Margareth Brandini Park

Data:

Para Gersi e Benedito Cassiano,
que me ofereceram uma infância rural.

AGRADECIMENTOS

À Profª Drª Haydée Dourado Cardoso, pela orientação, e por ter compartilhado comigo a paixão pelas Folias de Reis;

À FAPESP, pelo apoio financeiro durante os anos de realização da pesquisa. Agradeço também ao Consultor pelo acompanhamento do trabalho.

Aos professores e funcionários do Instituto de Artes, pelas colaborações prestadas no decorrer da pesquisa.

À toda equipe do Centro de Memória, em especial aos colegas do Grupo de Estudos Memória, Educação e Cultura, pelo apoio técnico, pelo espaço concedido para discussões, pelo incentivo à participação em diversos simpósios nacionais e internacionais e pelo carinho;

Aos amigos, pelo interesse e paciência com que acompanharam o trabalho: Suzana, Eugênio, India, Luciana, Mariane, André, Márcia, Jorge, Goreti, Renata, João, Ana Luisa, Lena, Juan, Marli, Ion, Ana Lúcia, Fernando, Hélio, Joelma, Magali, Clélia, Alessandra, Rosebel, Ivo, Bia e tantos outros.

Ao Paulo Amaral Lapa pela ajuda técnica na editoração eletrônica e digitalização de imagens, que permitiram essa apresentação final do trabalho.

Às minhas irmãs, pela força constante: Mila, Duda, Aida, Marta e Neila.

Aos foliões de Santo Reis, que acreditaram na pesquisa desafiando suas memórias através de histórias e imagens.

RESUMO:

Em Campinas - SP, várias Folias de Reis circulam pelos bairros da periferia nos finais de semana de dezembro e janeiro. Essas Folias são formadas por migrantes rurais que chegaram no município a partir dos anos 60, atraídos pelas oportunidades de trabalho oferecidas pela instalação de um complexo industrial.

Os deslocamentos dessas populações não esfacelaram essa “tradição”, pois, apesar da dispersão no espaço urbano, foram restabelecidas relações sociais entre pessoas, muitas vezes originárias de diferentes lugares do país, as quais compartilham memórias que sustentam tais práticas.

Os saberes rituais sobre as Folias de Reis até recentemente foram transmitidos de forma oral. Atualmente, porém, esses grupos têm acesso à equipamentos tecnológicos que permitem registrar parcelas de sua memória em suporte material, como fitas de vídeo e fotografias. Essa aquisição gerou uma expansão da memória coletiva dos grupos de Folia, com a criação de uma ampla rede de circulação de imagens - fotográficas e videográficas - de suas vivências presentes e passadas que possam servir como referência para as gerações futuras.

Delimitou-se para esta pesquisa o estudo em quatro grupos com diferentes características sócio-culturais, e desenvolveu-se uma metodologia de associação de depoimentos orais às imagens, a partir da seleção de 70 fotografias e 12 fitas de vídeo, pelos seus produtores, que possibilitasse afirmar que essa recriação é permeada por intenções e escolhas. Foi possível o entendimento das diferenças concernentes a cada grupo, da construção de suas trajetórias, e ao mesmo tempo a localização de elementos “invariáveis” que permitiram a compreensão de um sentimento mais amplo de identidade, fundado na memória comum de ser folião de Reis, de ter compartilhado um passado de expulsão, uma vivência da migração e a expectativa de vir a ter um lugar. Os procedimentos metodológicos adotados culminaram na construção de um texto em que fotografias produzidas pelos foliões e transcrições dos depoimentos orais entrelaçam-se ao discurso da pesquisadora, apontando aspectos ignorados da cultura da periferia da cidade e a importância adquirida pelo registro imagético no processo de recriação da tradição.

ABSTRACT

Folia de Reis is a religious celebration that happens in between December and January in the outskirts of Campinas, São Paulo, and in the others majors Brazilians towns. It comes from a tradition brought by the people living in rural areas to celebrate the birth of the infant Jesus. The Epiphany, through the idea of the Three Wise Men - the Magus Kings - who came from the East to Bethlehem to do homage to Jesus is the main theme of those people. The Folia de Reis is a blend from different traditions from Portuguese, African and native culture, giving to it a particular feature involving music, rhythm, dressing up, rituals, colourful banners, in a rich combination.

As the Folia de Reis has been transmitted through oral tradition for so long, with the migration of masses of population from small communities to major towns and with the fast modernisation of the Country, all these has been changed, and it is a constant process of recreation. The subject of this research is to catch the transformation that is happening in the last decades and to point out these changes. Thus this work suggest that nowadays, people are using new techniques, other than the oral tradition, to keep all these memories alive, particularly pictures and videos.

With the fast modernisation of the urban life in Brazil since the 50s, with a huge population coming from different parts of the Country, so many traditions have been changed, and still are. The Folia de Reis happens every year and put together people from all over the Country, with different backgrounds, bur sharing the same celebration of Epiphany, though different views of the event. It gives to these people a sense of identity in a changing world.

This work manage to recover about 100 pictures taken by the people from Folia de Reis themselves, plus the testimony of more than 30 people. The aim is to show how they register the Folia de Reis today - using new equipment as video and cameras - and how it has been transformed in the recent years.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: A trajetória da Pesquisa	15
CAPÍTULO 1 REFERENCIAL TEÓRICO METODOLÓGICO	23
1.1 A questão da interdisciplinaridade nas ciências sociais	23
1.2 A história oral como metodologia	30
1.3 O uso das imagens	36
1.4 Procedimentos metodológicos: história oral associada às imagens	40
CAPÍTULO 2 TRADIÇÃO ORAL E MEMÓRIA COLETIVA	45
2.1 Interações entre as tradições oral e escrita	49
2.2 A prática reinventa a escrita	52
2.3 As Folias de Reis das comunidades rurais brasileiras	56
função do mestre ou embaixador	60
função dos músicos instrumentistas e cantadores	70
função do bastião ou palhaço	72
função do bandeireiro	78
função do festeiro	82
função do gerente	83
função das mulheres	84
o povo inventa	91
CAPÍTULO 3 ETERNOS VIAJANTES	93
3.1 Companhia de Reis do Parque da Figueira	109
Produção e circulação das imagens	123
3.2 Folia de Reis do 'seu' Dilino	130
Produção e circulação das imagens	140
3.3 Grupo Folclórico Campinense	145
Produção e circulação das imagens	160
3.4 Companhia de Reis do Jardim Yeda	164
Produção e circulação das imagens	174
3.5 Usos da imagem e a expansão da memória coletiva	177
CONSIDERAÇÕES FINAIS: MEMÓRIA E IMAGEM	185
ANEXO 1: Mapa de Campinas	194
FONTES ORAIS	195
FONTES FOTOGRÁFICAS	198
FONTES VIDEOGRÁFICAS	216
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA	217

Introdução

A Trajetória da Pesquisa

*Meu senhor dono da casa
Um favor vou lhe pedir
Vem abrir a sua porta
É Santo Reis que está aqui ¹*



F4

No dia 10 de dezembro de 1994 o Grupo Folclórico Campinense, mantendo um costume de muitos anos, reuniu-se para a saída da Folia de Reis. Esse ano a *saída* foi na casa de Helena e Mauro de Faria, situada no bairro Parque da Figueira em Campinas. Com dias de antecedência, o casal de festeiros já vinha se preparando para *dar cobertura aos foliões*², organizando as fitas e flores que enfeitam a bandeira, arrumando o presépio, consertando as fardas dos palhaços, confeccionando pórticos com caules e colmos de bambu, cuidando de encomendar grande quantidade de pães para servir o lanche. A movimentação na casa sugere um tempo fora da rotina, com a presença de familiares que se ofereceram para ajudar, o

¹ Quadra cantada por Roque José de Faria. Cantando ou contando histórias, os foliões muitas vezes referem-se à devoção ao Santo Reis, onde os três Reis são transformados em uma só entidade.

² Mantereí sempre que possível, neste trabalho, as expressões e denominações usadas pelos foliões, em itálico.

envolvimento das crianças que já estão no período de férias escolares, e de quando em quando a visita de algum vizinho para confirmar a data dos festejos.

Nessa mesma época, em diferentes lugares da cidade, muitos outros grupos de pessoas estavam vivendo um processo similar. É um tempo de muito trabalho para os devotos de Santo Reis, que não medem esforços para realizar, nos finais de semana de dezembro e janeiro, o giro completo da bandeira, percorrendo casas de parentes e conhecidos espalhados por diversos bairros de Campinas. São pessoas que entendem os fundamentos desse cortejo e para as quais cada elemento - as cores das fitas atadas à bandeira ou das roupas dos palhaços, o tipo de farda usado pelos foliões, a toada - adquire diferentes significados. Símbolos que remetem à lembrança de um lugar vivido, ou de uma promessa, um passado, permitindo reconhecer e diferenciar a Folia Mineira, a Folia Paulista, a Folia Baiana, ou a Folia Conga. Leitura quase impossível para um leigo que observa pela primeira vez as Folias de Reis.

Ainda sem uma proposta de projeto definida, influenciada por alguns autores e movida pela expectativa de um estudo sobre a cultura de origem rural em meio urbano, nesse mesmo ano acompanhei grande parte dos trajetos de três Folias, fotografando e registrando o som desse ritual.³ A minha presença não causou incômodo porque a Folia tem como característica ser uma festa aberta à uma ampla participação. Além disso os foliões foram muito receptivos e se sentiram valorizados pelo interesse de um pesquisador da Unicamp, embora muitas vezes tenham confundido a minha atividade - e isso acontece até hoje - com o trabalho jornalístico.

Fotos ampliadas, registros escritos feitos a partir da observação e fitas cassete inaudíveis - primeiro pela falta de qualidade na captação do som e segundo porque a compreensão da cantoria, mesmo ao vivo, requer uma prática que se adquire lentamente - eram o ponto de partida para entender a importância das Folias de Reis na vida daquelas pessoas e sob quais condições esses grupos surgiram, se estabeleceram e recriaram suas tradições em Campinas.

Mantive contatos frequentes com várias pessoas envolvidas nas Folias, durante o primeiro semestre de 1995 e apresentava-lhes as fotografias que havia feito. Sob olhares atentos, passando de mão em mão, essas fotos foram examinadas e surgiram algumas explicações sobre o ritual. Aos poucos, quando já havia uma relação garantida pela confiança

³ Dentre as leituras, uma que havia me instigado era um artigo de Brandão, no qual ele apontava para um projeto de pesquisa que estava elaborando com alguns alunos, buscando entender “como funcionam as estruturas e os processos de relações sociais intra e extra-familiares, que respondem pela transferência de vários tipos e níveis de conhecimento entre camponeses, lavradores volantes e operários de São Paulo e Minas Gerais”. A pesquisa foi

mútua entre pesquisadora e pesquisados, em diferentes conjunturas, algumas pessoas foram me apresentando várias imagens que possuíam - fotos e vídeo - sobre as Folias de Reis, apontando que a minha produção apesar de ter sido *tirada direitinho, tudo limpinho, as cor... as pessoas aparece tudo certinho, mas.. não mostra a Folia*⁴.

Lendo e relendo várias vezes o caderno de campo percebi que mesmo nas situações em que as minhas fotografias não foram sujeitas à crítica - *você não entendeu direito a Folia*⁵ - havia uma diferença fundamental manifesta nos relatos orais que eles faziam: essas fotos suscitavam apenas descrições verbais do que estava descrito imageticamente, numa operação de tradução bastante restrita. Por outro lado as imagens que possuíam e tinham sido produzidas por eles motivavam narrações que iam muito além do que estava no recorte selecionado para o registro: aludindo ao que não era visível elaboravam uma operação de justaposição constante de tempos e lugares: aqui e na roça. Diante de suas fotos, as pessoas expressavam verbalmente “o vivido desta relação nunca acabada entre o presente e o passado” (LE GOFF, 1990, p. 29).

Frente à essa situação desloquei, literalmente, o ponto de vista e tive condições de aventar uma hipótese: mais do que um produto final da cultura, consequência de suas relações com outros sistemas culturais - principalmente com os meios de comunicação de massa - essas imagens seriam a memória do grupo. Partindo do princípio que, decorrente do contato com a sociedade mais ampla, a memória das Folias de Reis que era transmitida oralmente estaria se transformando em memória mediada por instrumentais tecnológicos, coloquei como objetivo analisar as mudanças ocorridas na forma de construção e transmissão da memória, considerando três pontos principais:

- em que medida esse processo alteraria as relações internas, papéis de gênero e grupos de idade e gerações por exemplo, pois nas sociedades de tradição oral, apesar de todos os seus membros serem responsáveis por saber e por lembrar, os mais velhos têm uma função específica com relação à transmissão de conhecimentos;
- em que medida estes registros fariam parte do dinamismo interno da cultura popular em seu processo de reajustamento ao mundo moderno, oferecendo um recurso a mais para a continuidade da tradição?⁶ Se as pessoas já não tem condições para viver a totalidade do

dividida em equipes e incluía um estudo sobre trabalho religioso popular”. BRANDÃO, C. R. “Produtores tradicionais da cultura popular”, p.123

⁴ Comentário de Ilda Silva de Souza.

⁵ Comentário de Maria de Lurdes Bonilha.

⁶ Discutirei mais amplamente a idéia de tradição no capítulo 3.

presente devido à fragmentação do tempo e ao volume de informações, através da memória registrada poderiam abrir-se novas possibilidades para lembrar, corrigir, comparar e refletir;

- em que medida esse processo enfatizaria nos sujeitos uma consciência histórica, no momento em que sentem necessidade de constituir uma memória registrada, alterando relações com a sociedade mais ampla e com suas origens.

Face às condições de produção de uma dissertação de Mestrado no que se refere às exigências e prazos para conclusão do trabalho, seria inviável fazer uma pesquisa que abrangesse todos os grupos existentes em Campinas. Optei inicialmente por conhecer a experiência de três grupos, partindo de um estudo etnográfico para analisar as relações entre a memória transmitida oralmente e a memória construída com o apoio das tecnologias audiovisuais e suas implicações na trajetória sócio-cultural dos grupos em questão. Limitei o campo de trabalho a dois grupos do Parque da Figueira, e um do bairro adjacente, Jardim Nova Europa, incluindo posteriormente a Companhia do Jardim Yeda, escolhidos, conforme dois requisitos:

- diferentes sistemas dos grupos no que se refere aos horários de saída das Companhias, para que eu pudesse participar da Folia dos grupos nos mesmos finais de semana;

- proximidade geográfica, no que se refere ao lugar de residência dos foliões e ao percurso percorrido por eles durante a jornada da Folia, que favoreceria ao mesmo tempo a observação do ritual e a apreensão das relações estabelecidas entre as pessoas de um mesmo grupo e entre os grupos no cotidiano.

Essa opção mostrou-se profícua e conduziria a uma reflexão mais ampla sobre os domínios da memória coletiva, apesar de ter partido de uma percepção de campo prematura e enganosa. Ao pensar em proximidade geográfica a partir da experiência obtida com os primeiros contatos, eu não poderia imaginar a grande extensão do território municipal que percorreria ao acompanhar as Folias de Reis, e mergulhei em leituras sobre comunidades e bairros, prendendo-me à idéia do bairro Parque da Figueira enquanto espaço físico delimitado por relações sociais de vizinhança que possibilitava tal prática cultural. Mais tarde, percebi que a circulação das Folias não se restringia aos limites de bairros, mas ampliava-se por toda uma região extensa onde habitam migrantes que vieram da zona rural de diversos Estados brasileiros.

Um outro aspecto que se descortinou no decorrer da pesquisa é que dos grupos com os quais tive contato, apenas dois eram compostos basicamente por pessoas provenientes do mesmo lugar de origem, sendo que um deles, o Grupo Folclórico Campinense é caracterizado

pelo deslocamento de uma comunidade inteira da zona rural diretamente para Campinas. O outro, a *Folia do seu Dilino* é marcado pela movimentação das pessoas em levadas sucessivas, passando por várias regiões agrícolas no Estado de São Paulo. O terceiro grupo, a Companhia de Reis do Parque da Figueira, tem uma constituição mais complexa e foi formado em Campinas há vinte e seis anos atrás, sob o regimento de uma mulher, que embora não conhecesse essa tradição, reuniu foliões oriundos de diferentes lugares do Brasil e recém instalados no Parque da Figueira. O quarto grupo, a Folia do Jardim Yeda, também foi organizado por uma mulher, a qual trouxe a bandeira de São Pedro da União, Minas Gerais, dando continuidade à devoção da família, sendo provavelmente a mais antiga Companhia de Reis de Campinas. Embora muitos embaixadores dos grupos atuais reivindiquem essa condição, algumas fotos encontradas em posse de foliões de outras Companhias mostram que várias pessoas participaram da Companhia do Jardim Yeda, na época de sua formação em 1963.

No decorrer da pesquisa percebi que os integrantes dos grupos transitam e realizam trocas simbólicas e materiais entre eles. Por exemplo, o *folião do seu Dilino* embora se considere pertencente a este grupo, também ajuda na cantoria e estabelece relações de amizade com os foliões de outro grupo. Existe, além de uma troca de fotografias entre essas pessoas, uma circulação constante, na forma de empréstimos de fitas de vídeo; e quando o componente de um grupo determinava-me para ver os retratos ou assistir o vídeo, apareciam com bastante frequência imagens de outros conjuntos que eles mantêm guardados, e que compõem o imaginário coletivo dos grupos em questão. Portanto incluí neste trabalho fotografias e fitas de vídeo de seis grupos.

É importante acrescentar que desde o início desse estudo foi colocado como objetivo secundário a realização de uma exposição de fotografias produzidas pelos grupos de Folias de Reis, em espaço acessível a eles, considerando a importância da devolução dos resultados da pesquisa às comunidades pesquisadas. Essa etapa do trabalho foi concretizada no dia 10 de janeiro de 1998, em uma exposição de rua, na praça da Catedral. Na oportunidade, as lideranças das Folias organizaram, por iniciativa própria, um Encontro de Folias de Reis, conseguindo de forma inédita negociar o uso do espaço das duas principais igrejas de Campinas. Em seguida a mostra fotográfica "Viajantes: Folias de Reis em Campinas" ficou no Museu da Cidade por um período de 45 dias.

No final de 1998, após a conclusão da pesquisa, ponderei sobre a necessidade de colocá-la à disposição dos profissionais responsáveis pela área de educação escolar, considerando que

no processo de educação e formação do sentimento de cidadania é importante o conhecimento e a valorização dos bens culturais produzidos pelos grupos de referência dos jovens: a família e a rede de vizinhança. Tendo como objetivo divulgar e promover uma reflexão sobre a prática cultural das Folias de Reis em Campinas, foi proposto e realizado, em caráter experimental, um projeto – que pretendo aprimorar – de exposição fotográfica nas escolas municipais situadas nos bairros onde a pesquisa foi realizada.

Essas etapas foram citadas, pela importância que adquiriram para a elaboração da própria dissertação.

Para discutir as questões apresentadas, o trabalho foi estruturado em quatro capítulos.

No primeiro capítulo reflito sobre a necessidade de uma perspectiva trans-disciplinar e portanto de inter-relação de conceitos advindos de diferentes áreas das ciências humanas. Face à problemática apontada, a abordagem da Antropologia Dinâmica mostrou-se a mais adequada ao permitir as possibilidades de interseção com a Sociologia e a História, bem como a utilização de metodologia da história oral associada às imagens. A elaboração do quadro teórico metodológico inclui também a descrição de métodos e técnicas, especificando fontes de dados adequadas para trabalhar as hipóteses levantadas.

No segundo capítulo será feita uma incursão teórica aos trabalhos de Hobsbawn, Vansina, Leroi-Gourhan, Goody, Le Goff e Halbwachs, para dialogar com conceitos sobre costume, invenção das tradições, tradição oral e memória coletiva. Para apreender como a Folia de Reis é vivenciada no cotidiano dos foliões, serão apresentadas transcrições de narrativas orais feitas pelos mestres dos grupos estudados. Aqui mostro como os mestres, detentores do conhecimento completo sobre o ritual, embora afirmem que o fundamento da Folia seja a Bíblia, se permitem toda sorte de atualizações com a introdução constante, nos rituais, de novas vivências, novos símbolos e reinvenções das tradições. Relato também a articulação de diferentes funções dos personagens com a transmissão da memória coletiva.

No terceiro capítulo a seguir, Eternos Viajantes, serão apresentados alguns aspectos da vida sócio-cultural de origem dos grupos de Folias de Reis. O objetivo é mostrar que o êxodo rural, embora represente uma ruptura mais abrupta na organização de grupos sociais que sempre estiveram em transformação, porém num ritmo mais lento, não esfacelou a tradição das Folias de Reis, que representam a eterna viagem dos três Reis Magos, mesmo porque essa devoção se ajusta ao modo de ser itinerante, e sempre acompanhou os constantes deslocamentos que fazem parte da vida das pessoas pobres. Será feita uma descrição dos grupos de Folias de Reis

estudados em Campinas, definindo o que cada grupo considera o seu *sistema de trabalho*, que o caracteriza e o diferencia dos outros. Na noção de sistema estão embutidas as condições sociais no lugar de origem, o processo migratório e a formação do grupo em Campinas, bem como a organização das funções dentro da Folia refletindo os papéis sociais (gênero, idade, etc.) dos seus componentes no cotidiano do grupo. Além disso, os diferentes *sistemas* elaborados estão ligados à maneira como percebem a recriação dessa tradição, ou seja à consciência que os seus integrantes possuem da vivência de devoção, lenda e folclore e do valor que este último adquire na sociedade urbana. Farei também uma discussão sobre relações entre imagem e memória, a partir do uso pelos grupos, da tecnologia de registro em suporte foto-químico ou eletrônico.

Apresento algumas considerações finais sobre o processo de recriação das Folias de Reis em Campinas, apontando a importância dessa prática cultural para a reconstituição de vínculos sociais de populações migrantes. Considerada essa importância, enfatizo alguns aspectos da utilização da tecnologia, pelos grupos pesquisados, como apoio para a manutenção e ampliação da memória coletiva.

Capítulo 1

Referencial teórico-metodológico

*Não tem jeito de ensinar.
Nem de aprender cantar não tem jeito de ensinar.
A única coisa que o mestre pode ensinar uma pessoa cantar
é cantar um pouquinho prá ele cantar na voz;
dá a voz prá ele pegar a teoria.¹*



F16

1.1 - A questão da interdisciplinaridade nas Ciências Sociais

Ao fazer uma opção temática pelo estudo da transmissão da memória nos grupos de Folias de Reis em Campinas, é importante discernir que essa manifestação dita religiosa é uma produção cultural que decorre de práticas sociais, e deve ser compreendida enquanto representação de uma forma de organização social.

A produção cultural bem como as formas de organização social estão em constante transformação, e para o desenvolvimento dessa pesquisa, apesar de considerar alguns aspectos da abordagem da Antropologia Social, que evidencia a articulação de diferentes níveis do social dentro de uma mesma cultura, foi necessário recorrer a um referencial teórico que propusesse a

¹ Depoimento de Roque José de Faria.

ruptura com a concepção de sociedades tradicionais harmoniosas e integradas, em proveito do estudo dos processos de mudança. Toda sociedade, mesmo as chamadas tradicionais, só podem ser pensadas enquanto formas dinâmicas, que estão em constante mutação, decorrentes de fatores internos e externos.

A Antropologia, desde o seu surgimento, elegeu como método privilegiado a observação direta e o relato oral, porque seu interesse inicial era centrado sobre as sociedades não letradas. A partir do século XX o objeto empírico escolhido entra em fase de desaparecimento, e os antropólogos se deparam, ante as novas condições da sociedade, com outros desafios para o fazer antropológico, o que implica não mais em delimitar “um objeto empírico constituído, mas tentar afirmar a especificidade de sua prática através de uma abordagem epistemológica constituinte” (LAPLANTINE, 1997, p.16). Apesar da Antropologia estar indissociavelmente ligada ao modo de conhecimento que foi elaborado a partir dos trabalhos dos primeiros antropólogos, o enfoque epistemológico constituinte não estará mais ligado a um espaço geográfico, cultural ou histórico particular, mas sim a abordagens específicas que consistem no estudo do homem em todas as culturas, em todas as épocas.

Uma das tarefas do antropólogo atualmente é analisar as mudanças culturais impostas pelo desenvolvimento de todas as sociedades contemporâneas, que não são mais sociedades tradicionais, porque estão passando por transformações tecnológicas significativas e intensas e conseqüentes mutações de suas relações sociais, por movimentos de migração interna e por processos acelerados de urbanização.

Embora não pretenda aqui aprofundar uma discussão sobre diferentes abordagens antropológicas, considero importante traçar um painel que possibilite visualizar a inserção da pesquisa em tal quadro de preocupações.

Ao procurar entender a elaboração do conhecimento antropológico desde o século XVIII, é perceptível a oscilação entre o vínculo e a ruptura da Antropologia com a História, com a predominância da emancipação de uma em relação à outra. Praticamente todas as abordagens antropológicas, usando argumentos diferentes, de acordo com as suas tendências, são marcadas por uma grande reação à história. Sob o ponto de vista dessas abordagens, é como se as sociedades preferencialmente estudadas pelo antropólogo fossem isentas de transformações internas e relações externas, em todos os níveis: social, econômico, geográfico, etc.

Essa postura significaria dividir o objeto em dois: o primeiro seria um núcleo considerado essencial que é a integridade, estabilidade e harmonia dos grupos humanos que

souberam preservar características tradicionais, e este seria o único objeto da ciência. O segundo seria a sujeição julgada acidental, decorrente das diversas formas de relação com os poderes dominantes, que não seria objeto da ciência. Ao se fazer essa separação artificial de um objeto, está se ocultando a realidade, pois estaríamos considerando que o objeto poderia ser apreendido em estado puro, isento das influências da modernidade e do contexto de cada época.

Nesse sentido é possível fazer coro com Laplantine ao afirmar que: “as sociedades empíricas com as quais os etnólogo do século XX é confrontado não são nunca essas sociedades atemporais inencontráveis, ficticiamente arrancadas da história, e sim sempre *sociedades em plena mutação*” (LAPLANTINE, 1997, p. 142).

Alguns antropólogos, a partir dos anos 50, refletiram sobre essas questões apontando que a mudança faz parte do próprio social e não deve ser apreendida como a destruição de sistemas sociais caracterizados por um estado de equilíbrio estático. Surge portanto uma nova corrente que, a partir da releitura de Morgan, aponta para a indissociabilidade entre os diferentes níveis do social, tais como a tecnologia, o meio ambiente, a família, as instituições políticas e a religião quer dentro de um mesmo sistema de relações, quer em articulação de um dado sistema com outros.²

Considerando essas reflexões, foi feito um recorte na abordagem da Antropologia Dinâmica, cujo projeto, que inclui trabalhos de diferentes pesquisadores como Bastide, Balandier, etc. é dar conta das variações das mudanças, sendo que uma das suas maiores contribuições foi ter aberto novos lugares de investigação: a cidade em especial, lugar privilegiado de observação dos conflitos, das tensões sociais e das reestruturações em andamento.³

² Ver MORGAN, L. *A sociedade primitiva*. Lisboa: Editorial Presença/SP: Livraria Martins Fontes, 1978-1980. Segundo Laplantine, essa obra, de 1877, entre outras, caracteriza-se por uma mudança radical de perspectiva em relação às pesquisas realizadas em épocas anteriores, pois o indígena das sociedades extra-européias deixa de ser visto como o selvagem e passa a ser considerado o primitivo, o ancestral do civilizado. O pensamento teórico dessa antropologia evolucionista, que encontrará sua formulação mais sistematizada na obra de Morgan, consiste em afirmar que existe uma espécie humana idêntica, mas que se desenvolve tanto em suas formas tecnológicas, como nos seus aspectos sociais e culturais, em ritmos desiguais, de acordo com as populações, passando pelas mesmas etapas, para alcançar o nível final que é o da “civilização”. Apesar das críticas, esse pensamento teve o mérito de considerar que as populações não civilizadas se situam na História e a sua existência individual também tem história. Além disso, os elementos da análise comparativa não serão mais costumes considerados bizarros, e sim redes de interação formando “sistemas”, termo que a antropologia americana utiliza para as relações de parentesco. Ver LAPLANTINE, F. *Aprender antropologia*, pp.63-74.

³ As obras desses dois pesquisadores estão de certa forma próximas porque ambos procuram incluir os diferentes protagonistas sociais no campo de seu objeto de estudo. Assim como Balandier, Bastide insiste de um lado sobre as mudanças sociais ligadas à dinâmica própria de uma determinada cultura, e de outro sobre a interpenetração das civilizações, que provoca um movimento de transformações constantes. Ver BALANDIER, Georges. *As*

A construção do pensamento de Balandier decorre de estudos empíricos dos problemas suscitados pelas tentativas de modernização das sociedades “pré-desenvolvidas”. No estudo comparativo de várias sociedades africanas, o pesquisador verificou que as crises causadas pelo colonialismo tornam-se reveladoras de algumas das relações sociais, levando-o a considerar qualquer sociedade em suas ações e reações e não mais sob a forma de estruturas atemporais.

Acredito que seja possível a apropriação dessa revisão de Balandier acerca dos conceitos que por muito tempo definiram o tipo das sociedades tradicionais, aplicando-se a idéia de que a dinâmica é uma propriedade necessária de qualquer sistema social. Ele propõe uma crítica à noção de sociedade homogênea, que seria localizável a partir da observação de grupos sociais “preservados”, apontando, pelo contrário, que o movimento é inerente a toda sociedade, e mesmo as chamadas sociedades tradicionais tem um caráter heterogêneo revelando a coexistência de elementos de “diferentes idades”. Ou seja, pressupor que essas sociedades, ao contrário das chamadas sociedades históricas, simplesmente são repetitivas e reproduzem as estruturas sociais sem maiores variações através da tradição, significa não perceber que existe além de uma consciência histórica - noções de passado, presente e perspectivas para o futuro - uma heterogeneidade no interior desses grupos sociais que geram as forças que fazem a história, bem como o desenvolvimento de estratégias para a manipulação de dados históricos.

As propostas da Antropologia dinâmica orientam para “o exame e para a explicação das mudanças modificadoras das sociedades tradicionais que devem esclarecer não apenas a respeito do vir a ser destas últimas, mas também quanto às suas estruturas e organizações anteriores” (BALANDIER, 1976, p. 220).

Reforçando essas propostas, Balandier aponta para a necessidade de renovação nos métodos próprios da antropologia, dada a urgência de abordar as situações dinâmicas, e enfatiza que a elucidação dos processos de formação dos sistemas sociais e culturais devem contar com o apoio de uma pesquisa paralela à do historiador.

Simultaneamente à busca da Antropologia por esse encontro com a história, os historiadores estão abandonando os seus cânones, recorrendo a novos métodos e abordagens, cujo percurso foi traçado por Le Goff:

(...) estabeleceu-se uma relação privilegiada entre a história e a antropologia, desejada por alguns antropólogos, por Evans-Pritchard (1961), considerada com maior circunspeção por Lewis (1968), que insiste nos diferentes interesses das duas ciências (a história voltada para o passado, a antropologia para o presente; a primeira para os documentos, a segunda para a investigação direta; a primeira para a explicação dos acontecimentos, a segunda para os caracteres gerais das instituições sociais). Mas um historiador como Carr escreve (1961): “Quanto mais a história se tornar sociológica e a sociologia histórica, melhor será para ambas”; e um antropólogo como Marc Augé afirma: “O objeto da antropologia não é reconstituir sociedades desaparecidas, mas pôr em evidência lógicas sociais e históricas. (LE GOFF, 1990, p. 131)

Nessa confluência interdisciplinar novos domínios e problemas foram enfocados, bem como metodologias foram desenvolvidas. Segundo Le Goff, a antropologia e a história dita “nova”, passaram a explorar o conceito de memória ao considerá-lo mais adequado do que o termo história para o entendimento das realidades sociais que estudam.⁴ O interesse científico pelo estudo das memórias coletivas dos grupos sociais isentos de documentos escritos incentivou o desenvolvimento de novos métodos de resgate de informações, entre os quais um dos mais importantes é a constituição de arquivos orais. A história oral aparece portanto como um método privilegiado, ao romper com a noção tradicional de fontes de dados escritos, lançando novos desafios para os pesquisadores. Como a proposta da presente pesquisa recorre aos procedimentos metodológicos da História Oral, a trajetória do seu reconhecimento merece um rápido mapeamento.

A primeira história escrita produzida no mundo ocidental, foi na Grécia Clássica e tem por base certamente os relatos orais.⁵ Mas com o crescente número de documentos escritos acumulados pela história das civilizações, apareceu a arquivística, ou seja a arrumação da memória escrita das sociedade, que passou a privilegiar a fonte escrita, os documentos escritos, como a principal fonte histórica. Nesse movimento, as fontes orais não foram totalmente abandonadas, mas perderam a importância.⁶

No século XIX houve um desenvolvimento da História Oral, em torno do resgate do patrimônio cultural europeu. Na Alemanha, Itália, Portugal, alguns estudiosos interessados em recuperar histórias tradicionais do povo, percorriam esses países recolhendo depoimentos, numa época de afirmação do nacionalismo nos países da Europa. Isso não se restringiu a um

⁴ Ver LE GOFF, Jacques. História e memória, pp. 472-473.

⁵ No mundo oriental há manuscritos chineses, árabes, indianos, mais antigos.

⁶ O projeto pioneiro de construção de uma historiografia da África, mostrou a importância da tradição oral para completar o entendimento de um conjunto de fontes de informação que avançaram a Sociologia Política e a

movimento romântico de resgate do folclore; com o positivismo científico foram aperfeiçoadas as técnicas de registro e de divulgação de aspectos da cultura oral.

Nas primeiras décadas do século XX alguns investigadores norte-americanos investiram nessa área, realizando inquéritos com diferentes segmentos das heterogêneas populações imigrantes, bem como com as populações indígenas, que na sua diversidade deram origem à cultura americana. Sociólogos, antropólogos e historiadores norte-americanos partilhavam um mesmo método, baseado no registro de depoimentos orais, ainda que com pressupostos e objetivos diferenciados. Os EUA ainda não tinham uma história escrita, e em um momento em que as fontes escritas não eram abundantes as fontes orais constituíam uma das possibilidades de se conhecer a cultura americana. Neste sentido, Marc Ferro publicou interessante trabalho sobre as várias versões da história norte-americana.⁷

Esse processo difere do que aconteceu na Europa durante o período de colonização das Américas, da África e da Ásia, quando foram enviados antropólogos, militares e administradores para coletar informações sobre essas diferentes culturas, tendo sempre como referência a história escrita européia. Esse procedimento de recolha de informações por esses agentes, com o auxílio dos informantes nativos não era considerado história oral, mesmo porque partia do pressuposto que esses povos, por não terem desenvolvido a escrita, eram considerados sem história.

O percurso da disciplina História mostra que tradicionalmente ela buscou seus dados em documentos escritos e principalmente aqueles cunhados de oficialidade, sendo muito recente o conceito de documento no qual as fontes orais, a iconografia, os objetos do cotidiano passaram a ter alguma validade para os pesquisadores. Essa nova História tem como precursores Lefebvre e os fundadores da Escola dos Anais, que desde os anos 20 demonstravam suas insatisfações e apontavam para a necessidade de um fazer historiográfico que desse conta de responder questões mais amplas sobre o homem e a sociedade, não se restringindo apenas à visão de mundo referendada pelo poder dominante. Frente a esse novo interesse pela história de todas as atividades humanas, inclusive pela vida e pelas instituições que abarcavam o homem comum, foi necessária uma aproximação com outras áreas do conhecimento, para a elaboração de métodos - qualitativos e quantitativos - que permitissem trabalhar com as novas fontes de

Antropologia cultural. Ver KI-ZERBO, J. *História Geral da África, vol. I Metodologia e pré-história da África*. pp. 35-36.

⁷ Ver FERRO, Marc. *Falsificações da história*, pp. 239-260.

informação à disposição do historiador: cartas, folhetins, ilustrações, fotografias, relatos orais, canções, esculturas, objetos de uso cotidiano, etc.

Atualmente várias disciplinas como a História, Antropologia e Sociologia, concordam que podemos entender do passado ou do presente de uma sociedade a partir dos registros que não são só os documentos escritos. Acrescente-se a isso que o próprio conceito de documento mudou, e hoje ele não tem valor enquanto unidade, mas sim enquanto parte de um conjunto. Com essa nova forma de entender o documento, as imagens e as narrativas orais ganharam importância para o pesquisador e passaram a fazer parte desse conjunto.

Mas foi somente na segunda metade do século XX que os adeptos da História Oral, ainda marginalizados da História “acadêmica”, começaram a constituir grupos particulares com suas próprias instituições, sociedades, revistas e seminários, para trocar experiências, e organizar discussões. Desde esse ressurgimento, a partir dos anos 50, ficou nítida a existência de duas correntes: uma próxima das ciências políticas, voltada para as elites e os notáveis e outra interessada nas “populações sem história”, estando essa corrente situada na fronteira com a antropologia. Essa corrente desenvolveu uma nova concepção de História Oral, muito mais ambiciosa: deixando de tratá-la apenas como uma fonte complementar do material escrito, propõe uma outra história, que dá voz (ou escrita) aos povos sem história escrita: os iletrados, os marginais da história, as diversas minorias: operários, negros, mulheres, imigrantes, etc. Significativa nessa vertente foi a publicação de Léon-Portilla mostrando a visão dos vencidos na América Latina.⁸

A partir de 1975 essas duas correntes foram unidas, e surgiram projetos historiográficos de História oral, com colocações sobre sua validade e procedimentos metodológicos, as quais foram seguidas por uma série de discussões epistemológicas, tanto na Europa, como nos EUA e na América Latina. Foi nessa mesma década que, a partir da necessidade de sistematização das fontes orais, foram propostas três tipologias de inquérito, considerando-se que, por ser uma discussão muito recente, a nomenclatura não estava claramente definida. Os três tipos de inquérito foram classificados da seguinte forma:

1 - método biográfico, ou história biográfica, ou histórias de vida, ou memórias faladas, caracterizando sobretudo a corrente que trabalha com as elites dirigentes. Traduz-se na recolha do depoimento de personalidades sobre determinados fatos em que participaram, tomando

⁸ Ver LÉON-PORTILLA, Miguel. *A visão dos vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*.

decisões, acumulando informações sobre acontecimentos que por algum motivo não foram escritos, e incorporados à história escrita;

2 - depoimentos orais temáticos : em que o inquirido é motivado a falar sobre um tema específico, e o depoimento é semi-dirigido;

3 - Entrevista dirigida: o entrevistado responde perguntas orientadas por um roteiro previamente elaborado.

Embora esta pesquisa não se prenda rigidamente a essa tipologia, o procedimento adotado se aproxima dos depoimentos orais temáticos.

1.2 - A história oral como metodologia

Na presente pesquisa, levanto a hipótese de que a aquisição, por parte dos foliões, de instrumentais tecnológicos que possibilitam o registro de imagens na forma de fotografias ou de vídeo, acarreta alterações no processo de transmissão da memória coletiva que antes era transmitida oralmente nos grupos de Folias de Reis. Podemos considerar que “a relação que o homem tem com a memória enquanto integrante de uma sociedade possui agora como elemento primordial a exposição material dos vestígios que ele constrói de seu presente e do seu passado” (BRITO, 1989, p. 13).

Nesse sentido, as fontes adequadas para se trabalhar com a hipótese acima suscitada acerca dos grupos de Folias de Reis são os relatos orais e as imagens materializadas, na medida em que ambas são resultantes de seleção e interpretação de parcelas da trajetória dessa cultura. Para atender aos objetivos do estudo proposto, tanto os relatos orais dos detentores da maior parcela da memória coletiva dos grupos como os registros imagéticos produzidos por eles são passíveis de um tratamento de organização e sistematização que possibilitam a sua constituição em dados de evidência.

Nesta pesquisa será utilizada a História Oral de forma a transcender as posturas que limitam o seu status a técnicas que dariam conta basicamente de experiências com gravações, transcrições, conservação e organização de acervos.

Enquanto procedimento metodológico, a História Oral pode estabelecer e ordenar modos de trabalho, funcionando como uma ponte entre a teoria e a prática. Esse é o terreno da história oral, o qual não permite classificá-la unicamente como prática. Mas na área teórica, o

pesquisador deverá lançar mão de contribuições oriundas de outras disciplinas. (AMADO & FERREIRA, 1996, p. xvi)

Luis Vidigal, ao considerar que o uso do depoimento oral é imprescindível para recuperar a história dos grupos sem escrita afirma que “o que se registra na recolha não é a reprodução do passado tal como ele foi vivido, mas tão só as lembranças e as representações que as testemunhas dele conservam. Por isso são necessários elementos de controle, fontes escritas que sirvam para aferir os dados recolhidos” (VIGIDAL, 1993, p. 13).

Em contraposição, vários estudiosos vêm desenvolvendo o que poderia ser chamado de um balanço sistemático, mostrando, a partir de diversos trabalhos, a evolução de práticas tanto no que diz respeito aos métodos quanto ao conteúdo e ao papel da história oral no conjunto da historiografia contemporânea. Eles apontam questões instigantes no que se refere-se à memória. Alistair Thomson mostra que existe uma crítica à história oral enquanto metodologia que trabalha com fontes não confiáveis e indica que:

Influenciados pelas censuras dos historiadores documentaristas, os primeiros manuais de história oral estabeleceram um cânon para avaliar a confiabilidade da memória oral (...) e na história documental foram buscar regras para checar a confiabilidade e a coerência interna de suas fontes. O novo cânon forneceu indicadores úteis para interpretar memórias e combiná-las com outras fontes históricas, a fim de descobrir o que ocorreu no passado. No entanto, a tendência de defender e usar a história oral como apenas mais uma fonte histórica para descobrir ‘o que realmente aconteceu’ levou à não consideração de outros aspectos e valores do depoimento oral. Alguns praticantes da história oral, na ânsia de corrigir preconceitos e fabulações, deixaram de considerar as razões que levam os indivíduos a construir suas memórias de determinada maneira, e não perceberam como o processo de lembrar poderia ser um meio de explorar os significados subjetivos da experiência vivida e a natureza da memória coletiva e individual. Ao tentarem descobrir uma única história, fixa e recuperável, alguns historiadores orais foram levados a negligenciar os muitos níveis da memória individual e a pluralidade de versões do passado, fornecidos por diferentes interlocutores. Eles não se deram conta de que as distorções da memória podiam ser um recurso, além de um problema. (THOMSON, 1996, p. 67)

A memória abordada a priori enquanto fenômeno individual é objeto de estudo de diversas áreas científicas: psicologia, neurologia, biologia. Nesta pesquisa, ao adotar a metodologia da História Oral, trabalho com o conceito de memória desenvolvido por Halbwachs.

Marilza Brito em seus estudos sobre as formas de apreensão do passado em função das concepções de memória em diferentes sociedades, desenvolve uma discussão que compreende um conjunto de reflexões teóricas e metodológicas sobre a memória. A trajetória do seu

trabalho, que parte da visão clássica dos gregos, aponta que o conceito de memória se aproxima do fenômeno social, distanciando-se das questões psicológicas individuais, a partir da linha teórica desenvolvida por Halbwachs:

Assim como o homem possui uma memória determinada por seu contexto social, o grupo também a possui, não enquanto soma das memórias dos indivíduos que o compõem, mas sim como fruto de sua vivência do coletivo. A memória da sociedade é denominada por Halbwachs de tradição e esta juntamente com a do grupo determinam a do indivíduo, pois o homem se define e se constrói pela cultura do seu grupo. (BRITO, 1989, p. 19)

A memória é a representação seletiva de acontecimentos que passaram, mas não é imutável, pois é sempre a reconstrução atualizada sobre as experiências do passado. O passado não sobrevive tal como foi porque a lembrança dele é uma imagem construída pelos materiais que são colocados à disposição no conjunto de representações da consciência atual. O principal instrumento realizador da memória tem sido a linguagem verbal que, principalmente nas sociedades de tradição oral, garante a estabilidade da memória coletiva. Se a memória do indivíduo é constituída no interior da vivência do grupo, e a memória do grupo está orientada pela tradição que, segundo Halbwachs é a memória coletiva de cada sociedade, assim, as fontes orais individuais são passíveis de tratamento no sentido de contribuírem para a constituição de uma metodologia.⁹

As fontes orais assim como as escritas não são objetivas: são o resultado de um ponto de vista de quem enuncia um fato. Mas as fontes orais têm características específicas, pois elas em geral não estão disponíveis de maneira sacralizada como o material escrito. São informações que vão sendo criadas e estruturadas deliberadamente a partir da relação do pesquisador com a testemunha e da testemunha com o grupo. Além disso, sua natureza é inconclusa, ou seja, para se dar conta do entendimento de um fato é preciso recolher depoimentos de várias pessoas, pois cada entrevista é o resultado de uma seleção, tendo em mente que o que se busca não é a verdade, mas interpretações que os sujeitos dão às suas práticas, e como essas diferentes interpretações são negociadas dentro de cada grupo social.

⁹ Segundo Pollak, “o livro de Pierre Nora, *Les lieux de la mémoire*, é uma tentativa de encontrar uma metodologia para apreender nos vestígios da memória, aquilo que pode relacioná-los, principalmente, mas não exclusivamente, com a memória política. E no caso das diversas pesquisas de história oral, que utilizam entrevistas, sobretudo entrevistas de história de vida, é obvio que o que se recolhe são memórias individuais, ou se for o caso de

Para alguns estudiosos, o problema todo se resume em saber se é possível conceder à oralidade a mesma confiança que se concede à escrita, quando se trata do testemunho de fatos passados. No meu entender, não é esta a maneira correta de se colocar o problema. O testemunho, seja escrito ou oral, no fim não é mais que testemunho humano, e vale o que vale o homem. Não faz a oralidade nascer a escrita, tanto no decorrer dos séculos como no próprio indivíduo? (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 181)

Tendo essas reflexões como pano de fundo realizei inicialmente onze entrevistas sem um roteiro previamente elaborado, coletadas por escrito de forma etnográfica, integrando o caderno de campo, adotando como critério para seleção dos entrevistados a receptividade durante o ritual das Folias de Reis.

Os entrevistados foram: Helena de Faria, festeira do ano de 1995; Oscar Teodoro de Faria, folião tocador de viola; João Cristovão da Silva, antigo mestre que há alguns anos não exercia mais a função por estar muito idoso; Antônio Manuel Mendes, bastião; e Roque José de Faria, mestre de Folia e de Pastoria e tocador de viola, todos componentes do Grupo Folcórico Campinense. Samuel Bonilha, tocador de viola e João Marcelino dos Santos, embaixador, ambos foliões da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Adelino Gonçalves de Souza, mestre e tocador de viola e Rosa de Souza Carvalho, filha de mestre, participantes da *Folia do seu Dilino*. Alcides Pires Lopes, coordenador e João Leandro Sobrinho, mestre de Folia e tocador de viola, componentes da Companhia de Reis do Jardim Yeda. O conteúdo das entrevistas versou basicamente sobre as lembranças da Folia na infância, os motivos da migração, as trajetórias e a formação do grupo da Folia em Campinas.¹⁰

Após a leitura cuidadosa dessas entrevistas, escolhi quatro líderes das Folias de Reis para coletar os depoimentos que seriam gravados, tendo como objetivo obter narrativas que não fossem dirigidas por mim. O objetivo, segundo a metodologia proposta era dar voz a esses sujeitos e deixá-los discorrer sobre o tema da Folia e a importância dessa devoção para as suas vidas, podendo optar por privilegiar ou ocultar assuntos.

Nessas situações de entrevistas, o momento inicial foi de inibição - para ambas as partes: pesquisador e pesquisados - perante o gravador, então começávamos a conversa de maneira informal, durante a qual fui fazendo as anotações necessárias. Conforme a situação tornava-se mais tranqüila e as pessoas mais relaxadas, eu pedia para ligar o gravador e solicitava que repetissem algum fato que tinham mostrado interesse em contar.

entrevistas de grupo, memórias mais coletivas, e o problema aí é saber como interpretar esse material.” Ver POLLAK, Michel. “Memória e identidade social”, pp. 200-201.

Os depoimentos dos quatro líderes foram marcados pela participação e apoio das esposas, que em alguns assuntos assumiram a direção da conversa. O fato da rememoração não ser individual mostrou em um primeiro momento que havia pelo menos dois domínios da memória coletiva deixando claro os papéis de gênero. Os conhecimentos relativos ao fundamento do ritual fazem parte do universo masculino; a organização da festa fica a cargo das mulheres. Os líderes entrevistados e suas esposas foram: Roque José de Faria e Julia de Faria; Adelino Gonçalves de Souza e Ilda Silva de Souza; Samuel Bonilha e Maria de Lurdes Bonilha; José Domiciano de Souza e Santana Felipe de Souza.

No decorrer da pesquisa percebi que seria necessário recolher relatos com outras versões sobre os grupos pesquisados, então procurei algumas pessoas que no passado ou no presente tinham ou têm desempenhado importantes funções no que tange principalmente à organização da comunidade de foliões. Esses nove depoimentos foram obtidos junto às seguintes pessoas: Sebastião Manuel Mendes, bastião; João Paulino Neto, embaixador de Folia e ex-presidente do grupo, e João Silvino de Faria, ex-presidente do grupo, todos componentes do Grupo Folclórico Campinense. João Saraiva, caixeiro e embaixador de folia e Josino Pereira da Costa, tocador de cavaquinho, ambos componentes da *Folia do seu Dilino*. João Marcelino dos Santos, embaixador de Folia e Saturnino Francisco, tocador de violão e dançador de congada, da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Alcides Pires Lopes, coordenador e tocador de caixa e Genésio Machado da Silva, bastião, ambos da Companhia de Reis do Jardim Yeda.

Com esses novos depoimentos foi possível perceber melhor as situações de conflito e tensão inerentes à qualquer agrupamento humano, principalmente nos momentos de transformação, bem como algumas estratégias desenvolvidas ante tais situações.

A recolha de alguns desses relatos orais foi mais delicada, pois em muitos momentos foi-me solicitado que desligasse o gravador, e não escrevesse sobre determinados temas, geralmente referentes às disputas internas pelo poder ou outros tipos de divergência ligados à postura do grupo frente à sociedade mais ampla. Todas essas situações foram atendidas, levando-me a refletir sobre a questão ética nas pesquisas envolvendo depoimentos que podem de alguma forma expor o depoente a uma situação de risco. Sem dúvida tais informações são de extrema relevância no conjunto dos dados a serem analisados, e se não existe uma norma estabelecida, o bom senso deve prevalecer. Levar em conta a parceria estabelecida entre

¹⁰ No próximo capítulo explicitarei as funções dos foliões.

pesquisador e pesquisado não significa mudar os objetivos estabelecidos omitindo os problemas, então um dos recursos do pesquisador que trabalha com a metodologia da história oral pode ser a discussão dos temas problemáticos que remetem aos conflitos, não na forma descritiva de casos, mas sim teoricamente.

A etapa seguinte do trabalho foi a transcrição dessas treze fitas gravadas, num total de aproximadamente quinze horas, criando um documento escrito para representar os depoimentos orais. A transcrição merece uma pequena discussão porque durante a pesquisa tive que dar conta de duas situações que me remeteram à tais reflexões. A primeira refere-se ao modo de analisar alguns trechos importantes das histórias de vida coletadas. Sabemos que é impossível marcar os fragmentos das falas ou fazer anotações nas fitas magnéticas, portanto, traduzi-la para a escrita é possibilitar uma visualidade que facilita a organização por temas, por exemplo. A segunda é que os entrevistados, nas situações em que usei o gravador, geralmente pediam para que eu corrigisse a fala quando fosse escrever, porque eles se consideram bons de cantoria, mas não de fala, entendida aqui como uma fala para alguém que não faz parte do grupo.

Refletindo sobre essas duas situações, vale a pena percorrer a linha de pensamento de Alessandro Portelli e concordar que fontes orais são fontes orais e fontes escritas são fontes escritas, e portanto qualquer tradução implica em certa quantidade de invenção. Por exemplo, na transcrição usamos pontuação, que é uma regra da gramática escrita, além disso perdemos o ritmo e a velocidade da narrativa, entre outras coisas.¹¹

A opção para este trabalho foi a transcrição o mais literal possível, considerando as suas possibilidades e limitações. E levando em conta estas questões acerca da transcrição, quando necessitei complementar alguma parte do depoimento que ficou inaudível, voltei ao entrevistado não apenas com o documento escrito, mas também com a gravação, para que ele situasse melhor a idéia que ficou incompleta.

Em todas as situações de recolha de documentos orais, entraram em cena, por iniciativa dos depoentes, imagens de Folias de Reis - fotos e as fitas de vídeo - que funcionaram como detonadoras da memória e suportes para a expressão oral. É importante enfatizar que nas entrevistas anteriores já tinham aparecido com a mesma função: os diálogos foram construídos enquanto assistíamos fitas de vídeo ou olhávamos fotos da Folia em anos anteriores.

¹¹ Ver PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente".

Neste trabalho, as imagens desempenham duas diferentes funções, as quais se entrelaçam o tempo todo, apesar de distintas: fonte produtora de dados e objeto da pesquisa. Enquanto fonte elas constituem documento para o pesquisador, e nesse sentido funcionam como detonadoras da memória para os sujeitos pesquisados, na medida em que foram articuladas com os depoimentos orais, nas situações de entrevista. Enquanto objeto da pesquisa, a imagem é considerada como um documento para o grupo: é o suporte da memória. Considerando que as imagens expressam significados que são passíveis de diferentes interpretações, porque cada leitor traz uma bagagem cultural que implica numa forma específica de decifrar o código imagético, é necessário que a informação seja complementada para constituir-se em dado científico. Essa complementação provém dos depoimentos orais das pessoas que detém algumas informações sobre as condições de produção da imagem - quem fez, quando, como e por que -, condições de arquivamento - quem guarda, como, qual a finalidade - e as condições de contemplação - quais ocasiões, quem participa.

Durante as entrevistas com os foliões, a foto ou as imagens no vídeo aparecem como complementares. Quando a fala não dá conta de explicar uma situação, busca-se uma foto e quando a imagem não fala por si, ela é traduzida numa oralidade que a contextualiza. No caso do vídeo, a situação é diferente, primeiro porque as imagens são mais recentes e nunca remetem diretamente a um passado mais longínquo, pois as fitas mais antigas foram gravadas há seis anos. Além disso, pela dificuldade da localização imediata de uma imagem que complemente a narrativa oral, o procedimento de associação oralidade-imagem tem uma outra dinâmica, determinando que a imagem detone os comentários e nunca o contrário.

1.3 - O uso das imagens

O debate crítico em torno da questão o uso da imagem nas pesquisas em Ciências Sociais não é recente e cada vez mais os cientistas sociais, principalmente os antropólogos, discutem não só a necessidade de refinar o instrumental metodológico para assegurar o estatuto científico da documentação imagética, mas vão além, propondo a criação de uma disciplina qualificada como Antropologia Fílmica. O empreendimento, liderado por Claudine de France do grupo de pesquisadores da Universidade de Paris X em Nanterre tem como proposta tratar o

filme como meio e como assunto de estudo, enfatizando que o objeto da pesquisa não é apenas o homem, mas também a imagem do homem.¹²

A captura da imagem humana vem sendo praticada desde o final do século passado por cientistas, fotógrafos e cineastas-documentaristas que possuem as condições de acesso aos equipamentos que possibilitam tal atividade. Recentemente, porém, com o avanço das tecnologias eletrônicas houve um processo de massificação e barateamento das câmeras fotográficas automáticas e dos equipamentos portáteis de vídeo, o que possibilita a sua aquisição por um número maior de pessoas, multiplicando-se simultaneamente à produção imagética dos pesquisadores, as oportunidades para que as pessoas comuns, “o homem objeto de estudo” expressem a sua cultura pela imagem. A imagem, fixa ou em movimento, passa a ser uma linguagem do cotidiano.

Nos últimos trinta anos, vários pesquisadores, com diferentes abordagens, estão trabalhando nessa perspectiva da produção da imagem do ponto de vista dos grupos pesquisados. Desde o trabalho precursor de Worth e Adair com os índios Navajo na década de 70, muitos outros pesquisadores têm se preocupado em instrumentalizar comunidades, para que possam produzir imagens sobre a sua vivência. Segundo Worth e Adair, os antropólogos até meados dos anos 70 vinham usando os meios de comunicação visual, não para determinar o uso, o tratamento cognitivo das sociedades em estudo, mas sim para ilustrar e fazer um registro visual com a finalidade de enriquecer suas próprias análises sobre tais sociedades.¹³

Em sua experiência com os Navajo, esses dois pesquisadores elaboraram a hipótese de que se uma pessoa fosse treinada para usar o cinema, e devidamente instrumentalizada e de posse da câmera selecionasse os elementos significativos da sua cultura, estariam mais perto de capturar sua visão do seu mundo. Além disso perceberiam como um novo modo de comunicação pode ser padronizado pela cultura na qual foi introduzido. Eles iniciaram o empreendimento ensinando seis jovens navajos de uma reserva a comunicar-se através de filmes: desde a concepção do filme, a captura das imagens e o processo de montagem. Em sua pesquisa o filme foi considerado como uma forma de comunicação e a análise do material produzido foi trabalhada em dois aspectos. O primeiro refere-se aos elementos do contexto cultural: a situação de aprendizagem e os métodos utilizados; a escolha dos indivíduos que participariam da experiência de aprender a filmar; a escolha dos assuntos ou temas a serem

¹² Ver FRANCE, Claudine de. “Filmic anthropology: a difficult but promising birth”.

¹³ Ver WORTH, Sol & ADAIR, John. “Navajo filmmakers”.

filmados; os aspectos técnicos e perceptivos do método de filmagem; a interrelação entre a comunidades e o processo de filmagem, incluindo a observação dos controles sociais e liberdades disponíveis dentro da cultura para os “cineastas”. O segundo aspecto da análise refere-se ao código, sua descrição e finalmente as regras que generalizariam o filme navajo: o estilo narrativo dos filmes e sua relação com formas míticas e símbolos da cultura; a organização sintática, as sequências e unidades do filme; a influência dos tabus culturais, perceptíveis na organização e na estrutura semântica e sintática do filme; a relação entre a estrutura das linguagens verbais e visuais. Para a elaboração dessas análises trabalharam com modelos da Linguística.

Numa outra perspectiva, os trabalhos de Isabel Hernandez, Dominique Gallois e Vincent Carelli, Martha Rodrigues e Jorge Silva, Mônica Frota, Renato Rodrigues Pereira e Luis Henrique Rios, produzidos na América Latina, também apontam para as preocupações em explorar as possibilidades dos meios visuais, no caso, eletrônicos, capacitando comunidades para o manejo dos equipamentos e registro da sua própria realidade.¹⁴ Nesses trabalhos o objetivo diverge daquele citado anteriormente, pois o registro da imagem passa a servir ao processo político interno das comunidades estimulando a recuperação da memória coletiva e a reconstrução da identidade.

Nos trabalhos acima citados, quaisquer que sejam as abordagens adotadas houve intervenção direta por parte dos pesquisadores, no sentido de introduzir um instrumental de certa forma estranho à cultura estudada. O estudo sobre as imagens dos grupos de Folias de Reis diverge destes anteriormente apresentados, pois a produção de tais imagens é uma apropriação “expontânea”, consequência do processo de interação desses grupos de cultura tradicional com a sociedade urbana, e já efetuada quando iniciei a presente pesquisa.

Existem algumas experiências significativas de pesquisa com o uso da imagem fotográfica em que os pesquisadores recorreram às informações verbais dos sujeitos pesquisados para complementar, elucidar e organizar os conteúdos expostos visualmente. Citarei dois trabalhos precursores importantes nessa área.

O primeiro foi um projeto interdisciplinar, no qual John Collier tomou parte enquanto fotógrafo e o objeto de estudo era a relação entre o meio ambiente a saúde mental em um condado do Canadá, cuja população era constituída por migrantes que trabalhavam com

¹⁴ Esses trabalhos citados estão publicados na revista *Antropologia visual: caderno de textos*, e os autores foram incluídos na bibliografia desta dissertação.

agricultura, pesca e extração de madeira.¹⁵ A fotografia foi usada inicialmente pelos pesquisadores como “surveying”, ou seja como instrumento de aproximação e reconhecimento do campo de trabalho. O fotógrafo percorreu o lugar e fotografou uma grande variedade de tipos de casa em comunidades de diferenciados níveis econômicos, com a finalidade de reunir um material imagético que possibilitasse estabelecer uma tipologia, sendo que os pesquisadores de campo completaram posteriormente o levantamento através do método da observação direta. A segunda parte da pesquisa tinha como objetivo estudar aspectos migratórios de grupos dentro do condado, especificamente a adaptação cultural e o motivos da migração para a cidade industrial de Bristol. Para usar a fotografia nas análises, consideram-na como um mapa cultural que poderia ser lido por informantes locais, medida necessária para o entendimento de evidências não inteligíveis para o observador de fora, que tinha captado as imagens. Os pesquisadores realizaram uma experiência controlada, comparando situações de entrevistas verbais e situações de foto-entrevista. Collier expôs as características dos dois métodos de entrevista da seguinte forma:

A análise mostrou claramente que as imagens ditavam o conteúdo das entrevistas, mais efetivamente do que o faziam os ensaios verbais. Imagens mostrando as indústrias de Bristol forneceram informações tecnológicas, detalhes sobre colegas de trabalho e valores em relação ao trabalho; as imagens domésticas centraram a discussão em valores e padrões familiares; e imagens das habitações forneceram informações sobre a comunidade. Nesta área, a foto-entrevista era mais longa e completa do que as entrevistas verbais. Sempre que as imagens incluíam uma área diferente, nós obtínhamos respostas concisas e definitivas. (...) A presença das imagens incentivaram uma participação grupal. Era uma circunstância espontânea, imprevista que extrapolava nosso controle. Todas as foto-entrevistas envolveram a família completa e isso resultou em duas coisas: primeiro, elas ordenaram o plano das respostas e as declarações foram de natureza mais pública do que aquelas que obtivemos quando nós entrevistamos um adulto sozinho; e segundo, a participação grupal acelerou o grau de progresso da entrevista. (COLLIER Jr., 1957, p. 857)

Outra experiência de pesquisa com o uso de imagens fotográficas complementadas por informações verbais foi realizada por Olga von Simson, que desenvolveu uma metodologia na qual associa fotos antigas aos depoimentos orais, tendo como objetivo a reconstrução de um processo socio-histórico e cultural: o carnaval paulistano.¹⁶

Após fazer uma explanação sobre os diferentes usos da fotografia nas pesquisas sociológicas desde finais do século XIX, a autora aponta para o caráter diverso da sua utilização

¹⁵ COLLIER, John. “Photography in anthropology: a report on two experiments”.

¹⁶ VON SIMSON, Olga R. de Moraes. *Branco e negros no carnaval popular paulistano: 1914-1988*.

no trabalho sobre a reconstrução da memória do carnaval, e para as reflexões que se fazem necessárias acerca das potencialidades e limitações que as imagens apresentam.

Tendo reunido um grande acervo de fotos cuja temática era o carnaval paulistano desde o século passado, foi necessária a organização desse material de forma que se constituísse em informação. A organização desse material imagético foi dividida em dois momentos, que podem ser esquematizados da seguinte forma:

Primeiro momento:

1. Transcrição e análise dos depoimentos orais que permitiram a posterior análise das fotografias referentes a tais depoimentos.
2. Recolha, cópia e reprodução das fotografias em tamanho 18 X 24 cm.
3. Organização em álbuns, separadas por doador e dispostas em ordem cronológica.
4. Elaboração de duas fichas para cada foto, sendo uma ficha técnica onde foram anotadas as informações sobre o tipo de fotografia, estado de conservação, e procedência e uma ficha de conteúdo, apontando para os dados de caráter histórico-sociológico: número de personagens, caracterização por sexo, idade e cor; descrição da encenação carnavalesca, legenda fornecida pelo informante a respeito do fato registrado e sobre as condições de produção; observação do pesquisador a respeito do conteúdo da foto, relacionando com as informações que já possui sobre aquele tipo de evento.
5. Classificação das fotos em duas categorias: frias e quentes, sendo as últimas as que tiveram maior importância, pois eram as que vinham acompanhadas do depoimento oral.

Segundo Momento:

1. Construção de séries temáticas, possibilitando o estabelecimento de outras relações entre as fotos que permitiram captar novas informações, cujo resultado foi satisfatório, permitindo leituras que não apareciam na análise dos depoimentos orais.

A associação dos dados obtidos com a análise das imagens às informações fornecidas pelos depoimentos orais permitiu a reconstrução da memória do carnaval popular na vida da cidade de São Paulo.

1.4 - Procedimentos metodológicos: história oral associada às imagens

Para a organização dos dados empíricos da pesquisa envolvendo a produção fotográfica dos grupos de Folias de Reis em Campinas, recorri à metodologia desenvolvida por Olga Rodrigues de Moraes von Simson em sua pesquisa sobre o carnaval paulistano.

O uso dessa metodologia foi bastante enriquecedora para organizar o material fotográfico e desenvolver análise associando-o aos depoimentos orais colhidos. A pesquisa precursora refere-se à análise da imagem fotográfica reunida, mas não produzida pelos sujeitos sociais que participaram ativamente da construção do carnaval paulistanos, sendo que o acervo reunido tinha procedências diversas: álbuns de família, fotos extraídas de periódicos e coleções de clubes. No caso dos foliões, utilizo somente fotografias e vídeos realizados por eles mesmos. No presente estudo recorro também à outros trabalhos teóricos e empíricos principalmente no âmbito da história oral. Portanto a constituição dos procedimentos metodológicos que embasam a pesquisa sobre as Folias de Reis é resultado do conhecimento de alguns trabalhos que discutem os métodos, os conteúdos, bem como a utilização de novas técnicas possibilitadas pelo avanço das tecnologias de comunicação.

Na presente pesquisa a sistematização da documentação empírica precede da seguinte forma:

1. foram recolhidas em seis grupos de Folias de Reis um total de 166 fotografias, selecionadas pelos seus guardiões, sem a minha interferência, as quais foram copiadas e reproduzidas no tamanho 10 X 15 cm;¹⁷
2. cada fotografia foi recolhida juntamente com os depoimentos orais, os quais foram transcritos;
3. cada imagem foi associada a uma ficha contendo a transcrição do trecho do depoimento oral referente àquela imagem, e um comentário do pesquisador contextualizando não apenas o momento da recolha, mas também uma análise proveniente do cruzamento com as informações obtidas através de outras fontes;
4. as imagens foram separadas por grupos de Folias de Reis de duas formas diferentes que correspondiam a dois interesses para a pesquisa. Como as fotografias de um grupo circulam na forma de empréstimo ou doação entre outros grupos, elas foram inicialmente agrupadas

¹⁷ Os seis grupos são: Grupo Folclórico Campinense, Companhia de Reis do Parque da Figueira, Folia do *seu Dilino*, Companhia de Reis do Jardim Yeda, Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria e Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco.

considerando a circulação, ou seja, onde se encontravam no momento da pesquisa, e como foram utilizadas na situação de recolha dos depoimentos orais. Em um segundo momento foi necessária a organização das imagens por grupos retratados, visando uma abordagem ao mesmo tempo sincrônica e diacrônica entre os grupos e, dentro de cada grupo, procurando verificar as transformações ocorridas ao longo do tempo.

A partir daí, procedo à observação do conteúdo das imagens, associando-as aos depoimentos orais. A nortear minhas reflexões destaquei alguns pontos de vista, que brotaram das colocações dos foliões e das minhas preocupações. São as seguintes:

1. imagens antigas e recentes: apreensão das relações entre duas temporalidades, passado e presente e diferentes espaços, a roça e a cidade;
no interior das casas e das jornadas pelas ruas de diferentes bairros: o uso do espaço urbano;
2. os foliões desempenhando suas funções e outros personagens do ritual
3. os símbolos do ritual: bandeira, presépio, arcos, decoração, letreiros. Como aparecem a força da tradição e as recriações no contexto urbano;
4. os personagens fora do ritual e suas funções: o público; os donos das casas. Como estabelecem relações em uma rede mais ampla de sociabilidade;
5. a saída e a festa da chegada: o papel das mulheres na organização do ritual, refletindo o seu papel no cotidiano;
6. a continuidade da transmissão dessa cultura às novas gerações e o seu papel ao assumir a produção das imagens.

No que se refere ao uso do vídeo, foi feita uma adaptação que possibilitasse uma coerência metodológica. O vídeo é um meio de captação e reprodução de imagens em movimento e possui uma natureza diferente da fotografia. Decorrente de sua condição tecnológica, ele propicia uma maior impressão de realidade às imagens pois comporta dois outros elementos que não aparecem na imagem fixa: a percepção da duração de uma ação ao longo do tempo e o som que acompanha o desenrolar das ações.

A recolha de depoimentos orais associados às imagens videográficas, bem como a sistematização desse material, de forma a constituir uma fonte de informação para a pesquisa procedeu a uma dinâmica diferente daquela adotada na recolha e organização das imagens fixas. Em primeiro lugar constata-se que todas as imagens produzidas em vídeo são muito recentes e nunca remetem a um passado mais longínquo e, além disso, pela dificuldade de localização

imediate de uma imagem que complemente uma narrativa oral, é a partir da imagem que surgem os comentários e raramente o contrário.

Face a essa situação, o procedimento foi assistir juntamente com os foliões longas horas de fitas gravadas sobre o ritual das Folias de Reis. Paralelamente fui fazendo anotações sobre as imagens que causaram maiores discussões, as quais não foram raras, pois a apreciação das imagens em vídeo são sempre situações que envolvem a reunião de várias pessoas nos finais de semana, e conseqüentemente os comentários apontam para diferentes perspectivas, algumas vezes conflitantes.

Localizei 45 fitas de vídeo, distribuídas da seguinte forma entre os grupos: Grupo Folclórico Campinense: 26; Folia de Reis do *seu Dilino*: 4; Companhia de Reis do Parque da Figueira: 3; Companhia de Reis do Jardim Yeda: 5; Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria: 4; Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco: 3. Solicitei o empréstimo de 12 fitas, que considere mais relevantes para a pesquisa, usando como critério a diferença, ou seja, a variedade de informações que essas imagens trariam para o desenvolvimento do trabalho, as quais foram reproduzidas integralmente.

Dada a dificuldade de trabalhar com uma material tão extenso, no âmbito de um mestrado, e após reler as anotações sobre as imagens que causaram mais comentários, no interior dos seis grupos, optei por incluir neste trabalho os resultados das discussões com os foliões, e posterguei o desenvolvimento mais complexo de procedimentos metodológicos de pesquisa com vídeo.

Não analiso cada foto ou fita de vídeo separadamente, mas uma produção e circulação imagética no seu conjunto, enquanto componentes da memória coletiva dos grupos de Folias de Reis e como elementos motivadores de diálogos que suscitam o equilíbrio entre a manutenção, as transformações e recriações dessa prática cultural.

A proposta de construção do texto é um entrelaçamento entre as imagens produzidas pelos foliões, os trechos das transcrições e o discurso da pesquisadora. As imagens não aparecem em ordem cronológica: surgem coladas aos depoimentos transcritos. Cada foto é identificada por uma sigla, e no final da dissertação há uma listagem destas imagens, separadas por grupo, e acompanhadas por uma ficha técnica e uma ficha de conteúdo, facilitando a organização de um arquivo, pois serão doadas ao Centro de Memória da Unicamp.

Capítulo 2

Tradição Oral e Memória Coletiva

*Vinte cinco de dezembro é um dia de muita alegria,
 Nasceu Deus menino, filho da Virgem Maria.
 Os três Reis passaram a noite naquela imaginação
 Como viajar sem ter uma decisão?
 Os três Reis foram avisado num sonho de Deus amado,
 Apareceu uma estrela, por ela foram guiado.¹*



A2

No livro *Memória do Sagrado: estudos de religião e ritual*, o autor ao escrever sobre a Folia de Reis, um ritual há muitos anos repetido no ciclo do Natal, coloca como objetivo examinar o que aconteceu e o que acontece até os dias atuais nas trocas que fazem entre si padres e foliões, para compreender as relações entre a Igreja Católica e as classes

¹ Trecho do *Vinte Cinco*, verso em que o bastião conta o nascimento diante do presépio, depois de pedir licença para o embaixador. São versos decorados, mas não são sempre os mesmos em cada Companhia de Reis, porque existem diversas linhas: as mais simples e as mais compridas, que são recitados conforme a exigência da situação e o tempo disponível para o ritual. Antigamente, quando moravam na roça, esses versos eram cantados pelo embaixador, mas isso fazia com que o ritual se arrastasse por algumas horas na mesma casa. Na cidade, precisam percorrer um número maior de casas, para arrecadar uma quantidade maior

populares. Depois de descrever o ritual da Folia, o autor elabora uma pergunta: “De onde terá vindo a Festa de Santos Reis? Como ela terá chegado a ser um acontecimento de gente da roça, mesmo quando já migrada para as pontas de rua da cidade?” (BRANDÃO, 1985, p.137)²

A resposta a essa pergunta, que remete à questão da origem da tradição das Folias de Reis pode ser trabalhada basicamente de duas maneiras: uma é a possibilidade de reconstituição de um passado através da pesquisa em documentos escritos; a outra diz respeito à memória coletiva e à tradição oral que circula entre o povo.

A presente pesquisa centra-se nessa última perspectiva ao tomar como foco a transmissão da memória.

Esse ritual, que pode ser situado historicamente, combina componentes da vivência das comunidades rurais com elementos bíblicos e da Igreja Católica, portanto, “o que conduzia a identidade da religião rústica dos moradores caipiras, era a formação e a reprodução de uma ordem religiosa derivada, mas ativamente tornada própria e comunitária através da garantia de um distanciamento frente ao controle da Igreja Católica” (BRANDÃO, 1985, p. 134).

Não faço aqui uma exaustiva pesquisa sobre o passado das Folias de Reis, mas delinheio sua trajetória a partir do trabalho de Brandão, para contextualizar a introdução desse ritual no Brasil.³

A origem das Folias remonta à Idade Média europeia, período em que os rituais cristãos incluíam danças dentro da Igreja, das quais participavam o povo e o clero. A partir do século IV estas festas foram condenadas e foram estabelecidas pela Igreja regras de

de ofertas, por isso, algumas partes da cantoria perderam a melodia, as repetições e o acompanhamento musical, e passaram a ser recitados pelos bastiões. Transcrito da recitação de Genésio Machado da Silva.

² O autor aponta que existe uma diferença essencial entre os rituais do catolicismo popular no Brasil. Alguns são incluídos nos festejos urbanos, realizam-se dentro de procissões, e às vezes com a presença dos sacerdotes: Congos, Moçambiques, Marujos e outros e outros rituais de festas de santos padroeiros de negros como São Benedito e Nossa Senhora do Rosário. Já os rituais camponeses de devoção ou pagamento de promessa dispensam por completo a proximidade de igrejas e serviços de padres. A cerimônia coletiva se passa no espaço camponês, muitas vezes simbolicamente redefinida para os festejos, e é conduzida por especialistas populares da cultura. Por exemplo: Folia de Reis, Dança de São Gonçalo, Dança de Santa Cruz.

³ Para a descrição dessa trajetória histórica, utilizei basicamente a pesquisa feita por Brandão. Existem trabalhos de outros autores que estudaram a origem das Folias e descrevem os rituais de alguns grupos no Brasil. Entre eles cito VIEIRA, S.M. *Folia de Reis*.

controle do culto legítimo. Apesar da proibição pelo alto clero e pela coroa em 1431, os cultos com dança continuam até a época da descoberta da América.

Desde o século XI era realizado dentro das Igrejas um teatro cristão, para os festejos do ciclo do Natal. Esse teatro consistia em uma missa natalina, na qual anjos, pastores e personagens representando a Sagrada Família, encenavam a noite do nascimento de Jesus. A partir do século XIII, foram acrescentados mais anjos, os animais da manjedoura e os festejos foram prolongados até a festa da epifania, doze dias após o Natal.

Embora eclesiasticamente os acontecimentos bíblicos posteriores ao nascimento de Jesus fossem menos importantes, tornaram-se mais populares pela suas possibilidades dramáticas. Esses acontecimentos se referem à viagem aventureira dos três Reis Magos do Oriente, à matança das crianças, à fuga da família sagrada para o Egito. O imaginário coletivo transformou esses acontecimentos nos seus rituais de fé, acrescentando ao teatro natalino outros personagens: Heródes, os soldados, os três visitantes do Oriente. Essa sequência de festejos acaba por constituir um segundo drama litúrgico, incluído nas cerimônias oficiais, que passam a ter a seguinte estrutura: primeiro drama, *Officium Pastorum* e segundo drama, *Officium Stellae*.

No segundo drama, o menino Jesus permanece como figura de referência, mas não é o personagem central. O lugar é ocupado pelos magos visitantes, que repartem as cenas principais com Heródes. Esses dramas litúrgicos eram compostos de diálogos e cantos; quando os cantos desapareceram dos autos eruditos do natal, continuaram no imaginário popular e provavelmente foram as bases das cantorias das Folias de Reis brasileiras.

Paralelamente aos rituais religiosos ocorriam as festas nas ruas. Em Portugal, a Folia era uma dança popular e profana, nos séculos XVI e XVII e foi descrita como uma “dança de homens vestidos à portuguesa, com guizos nos dedos e gaitas e pandeiros, girando e pulando à roda de um tambor”. A Folia se expandiu para outras regiões da Europa, e há sinais de que foram incorporadas ao repertório das danças de salão.

No Brasil o culto à figura dos três reis é muito antiga. O teatro catequético de Anchieta incluía danças e coreografias indígenas e apresentava seqüências muito semelhantes às dos momentos de chegada das Folias de Reis nas casas: acolhimento, cortejo processional com canto, música e danças, representações de diálogos, despedidas

com bênçãos e beijos na imagem do santo, danças. Esses ritos misturaram-se e foram incorporados pelos brancos, mulatos e negros da cidade e eram praticados no interior das Igrejas com a participação conjunta do clero e do povo. Ou seja, a Folia entrou no Brasil com características diferentes da Europa, e essas danças e dramatizações foram incluídas em cerimônias de cultos oficiais da Igreja.

Repetiu-se no Brasil o que havia acontecido na Antigüidade Cristã e na Idade Média: foram incluídos em cerimônias de cultos oficiais alguns rituais que concorrem em importância e duração com a liturgia oficial, mas que por outro lado, tendem a perder a dramatização e a conservarem cantos e danças.

A partir de 1700 essas festas populares foram condenadas pelos Bispos, que passaram a recomendar os modos de fazer os ritos. Essas acusações partem do seguinte princípio: ao passarem socialmente da iniciativa e direção do clero para a iniciativa e direção de leigos, os mesmos rituais de devoção transformam-se em “ilegítimos”. Brandão narra o processo através do qual formas de crença originariamente criadas e ensinadas pelo corpo sacerdotal foram deslocadas do âmbito da Igreja com a participação dos fiéis para um âmbito dos fiéis sem a participação da Igreja. Com a ação repressiva os ritos não foram abandonados, mas mudaram de lugar, sendo deslocados para as periferias pobres das cidades e para a zona rural. Depois que se tornaram exclusivamente comunitários e populares os rituais do ciclo do Natal foram combinados com outros elementos e tomaram destinos diferentes nas diversas regiões do Brasil. No Nordeste, por exemplo, são realizados ritos de Pastoris com canto e drama religioso, e em toda região Centro-Sul, existem as Folias de Reis.

As Folias de Reis, assim como outros tantos cultos populares, organizaram-se quando encontraram possibilidade de produzir seus rituais longe dos olhos da Igreja, principalmente na zona rural, onde se mantinham relativamente autônomos.⁴

⁴ Ver também a pesquisa sobre a Folia de Reis no núcleo agrícola Santo Antônio do Baú, município de Jequitibá, MG. Os autores fizeram uma análise da origem da Folia enquanto processo ritual, apontando que embora seja um costume ibérico, que chega ao Brasil com os colonizadores, ela mistura-se com “elementos provenientes da religiosidade africana ampliando-se a partir da situação histórica dos agrupamentos”. GOMES, Núbia e PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Do presépio à balança: representações sociais da vida religiosa*, pp. 58-62.

2.1 - Interações entre as tradições oral e escrita

Considerando as Folias de Reis como produções culturais de grupos portadores de tradições, é importante entender o que é tradição e como ela será tratada nesse trabalho.

Balandier define três diferentes acepções do termo tradição da seguinte forma: em primeiro lugar ele pode ser encarado “como aplicado a um sistema: ao conjunto dos valores, dos símbolos, das idéias e dos imperativos que determinam a adesão a uma ordem social e cultural, justificada por referência ao passado e que assegura a defesa dessa ordem contra as forças de mudança.” Em segundo lugar “a tradição pode ser vista como prática social e reguladora das condutas. (...) Sua função é suscitar a conformidade, conservar, do melhor modo possível, a ‘repetição’ das formas sociais e culturais. Por fim, a tradição pode ser vista como determinante, quer de um tipo de sociedade global, quer de determinados sistemas de relações no bojo dessa sociedade. Qualifica, assim, o tipo ideal chamado ‘sociedade tradicional’, ou os setores ditos ‘tradicionais’ de uma sociedade que, globalmente, não se harmoniza com o tipo mencionado”. Mas ele critica essas tentativas de conceituação, que na realidade se definem mais como um contratipo, ou seja, o oposto da sociedade industrial, do que um tipo sociológico, apontando que no debate entre tradição e modernidade, o que importa é perceber que “a tradição não é radicalmente incompatível com a mudança, do mesmo modo que a modernidade não o é com uma certa continuidade” (BALANDIER, 1976, p. 101 e 102). Além disso, “todas as sociedades ‘tradicionais’ têm perfeita consciência dos obstáculos que lhes ameaçam a continuidade, que lhes limitam a capacidade de reprodução, a saber: a deterioração dos mecanismos de manutenção, a ação da entropia, de um lado e, de outro lado, o jogo das forças de transformação operando em seu seio e no campo de suas relações exteriores. Elas conceberam meios de eliminação das tensões, de renovação periódica, de renovação da ordem estabelecida e atualmente os antropólogos tentam mostram em que grau elas se reconhecem como sociedades a serem continuamente refeitas.” (BALANDIER, 1976, p. 36)

Por um caminho diferente Hobsbawn trabalha com o conceito de tradição inventada diferenciando-o das tradições genuínas ou costumes. Segundo o autor, essa temática é extremamente importante para a compreensão das sociedades atuais e deve ser analisada de

forma interdisciplinar por historiadores e antropólogos sociais, pois trata do contraste entre as constantes mudanças e inovações do mundo moderno e a tentativa de estruturar de maneira imutável ao menos alguns aspectos da vida social.

É importante ressaltar que, se por um lado Balandier estudou as sociedades africanas tradicionais e as crises geradas pelo colonialismo, Hobsbawn pesquisou o contexto europeu, num período em que proliferavam os movimentos nacionalistas defensores da restauração das tradições. Desta forma, muitas práticas tradicionais existentes foram retomadas, modificadas, ritualizadas e institucionalizadas, para servir a novos propósitos políticos, de cunho patriótico-progressista.

Tradição inventada é definida como “um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, implicando automaticamente uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWN, 1984, p. 9). O autor esclarece que essa continuidade com o passado é estabelecida através de escolhas deliberadas e nesse sentido, as novas tradições, as tradições inventadas, caracterizam-se por estabelecer com ele uma continuidade artificial, pois a necessidade de inventar tradições aparece quando existe ruptura da continuidade, ou seja, quando uma situação nova deixa de fornecer os vínculos sociais e hierárquicos aceitos na sociedade precedente surgem lacunas que podem ser preenchidas por acessórios rituais e formais. Tais acessórios não fazem parte dos usos práticos e só possuem uma utilização simbólica e ritual, sendo caracterizados pela invariabilidade, pois são forjados a partir de um recorte do passado real, mas com o qual se perdeu a continuidade, então esse recorte é formalizado e repetido através de práticas fixas.⁵

Diferentemente das tradições inventadas, os costumes ou tradições genuínas não são caracterizados como invariáveis, pois a vida está em constante mudança, mesmo nas

⁵ Ao analisar a produção em massa de tradições, na Europa de 1870 à 1914, Hobsbawn aponta a existência de invenções oficiais e não oficiais. As primeiras surgiram em estados ou movimentos sociais e políticos organizados, e as segundas, geradas por grupos sociais sem organização formal, ou por aqueles cujos objetivos não eram conscientemente políticos. Ambas as formas são reflexos das profundas e rápidas transformações sociais do período: “Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social, e que estruturassem relações sociais (.....) eram necessários novos métodos de estabelecimento de alianças” Ver HOBSBAWN, E. *A Invenção das tradições*, p. 271.

sociedades tradicionais; possuem a força e a adaptabilidade, pois sua função é dar a qualquer mudança desejada ou resistência à inovação a sanção do precedente.

No caso dessa pesquisa acerca dos grupos de Folias de Reis, considero que embora as transformações rápidas da sociedade debilitem os padrões sociais tradicionais, produzindo novos padrões, a continuidade do ritual, incluindo a capacidade de adaptação e recriação dos repertórios, tem como finalidade restabelecer os vínculos sociais e não simplesmente reinventar tradições.

O depoimento de José Aparecido Dias mostra a importância da tradição e a capacidade, que lhe é inerente, de adaptação às novas situações:

É um voto que cada folião tem, chegar naquela época juntar e festejar os três Reis. Então essa é nossa tradição, nosso costume. Então a gente faz isso no sítio, faz aqui na cidade. Lá (no sítio) cantava direto, num parava, era dia e noite. Como aqui, aqui é diferente, nós já tem nosso horário certo de parar, porque o comércio não pode parar.



A7

Como afirma Hobsbawn, “não é necessário recuperar nem inventar tradição quando os velhos usos ainda se conservam” (HOBSBAWN, 1984, p. 17), portanto, para esclarecer a terminologia a ser usada, as Folias de Reis serão tratadas como uma tradição, no sentido de

Balandier ou um costume, no sentido de Hobsbawn, onde é possível identificar um conjunto de bens materiais e simbólicos preservados do passado e repassados de uma geração à outra por meio dos relatos orais e da revificação do ritual, num movimento constante de reatualização.

2.2 - A prática reinventa a escrita

As explicações dos foliões para a origem da tradição da Folia, de diferentes maneiras veiculam o mesmo conteúdo: vem de um tempo imemorable, e desde aquele tempo vem sendo transmitida através de uma cadeia que se estabelece entre as gerações: foi ensinada pelos mais velhos pois o avô contava que o bisavô já contava e o fundamento é um só e está na Bíblia.

*Aprendi do meu avô e uma parte dela na Bíblia. Sempre tem que estar baseado na Bíblia. Depois o resto a gente ilustra de acordo com os costumes de cada região. Os costumes são variados. Só que eu acho que tem que ter palhaço, o palhaço é o alicerce da Folia de Reis. Porque senão como é que você justifica o que está escrito na Bíblia, que os Santos Reis se vestiram diferente, pra conseguir enganar os soldados?*⁶



G8

⁶ Depoimento de Alcides Pires Lopes.

Estamos pois, frente a uma situação de comunidades de tradição oral, que busca na Bíblia uma legitimação para suas práticas.⁷ Nesses grupos pesquisados, embora seja recorrente a referência à Bíblia, poucas pessoas sabem ler e efetivamente apenas quatro pessoas disseram que leram sobre as Folias de Reis na Bíblia, e entre todos, apenas duas pessoas, que estão ligadas a grupos religiosos oficiais, citaram o Evangelho de Mateus. O depoimento é de João Leandro Sobrinho, embaixador da Companhia de Reis do Jardim Yeda:

A origem da Folia é o nascimento. Os inventores foram os três Reis magos. Já li as histórias nos livros. Quando o menino nasceu e eles foram visitar, queriam levar os presentes, então pegaram uns instrumentos, saíram cantando, arrecadaram e fizeram a festa pro menino.

Pergunta: Onde o senhor leu?

Umás coisas a gente lê na Bíblia. São Mateus, que é o primeiro livro do Novo Testamento, mas tem muitas coisas que a gente cria: os palhaços, os bastiões, que o nome deles é capitão e coronel. Mas não achei na Bíblia, isso eu venho aprendendo por tradição. Então não tenho certeza, não posso afirmar, porque não achei na Bíblia. Os bastião são os guarda, inclusive andam com facão, aquelas espada. Estão vigiando a bandeira. Porque quando o menino nasceu, Heródes fingiu que queria conhecer o menino, então ele manda os guardas e lá em segredo manda eles matar o menino se encontrar. Ele mandou um capitão e um coronel. Achei isso em um livro, já devolvi e nem lembro o nome, mas não foi na Bíblia. Isso é uma linha, não é só do nosso grupo. A linha de todos os grupos é a mesma. Quando falam coisa diferente, talvez seja que não conheço ou então que não estão nessa linha.⁸

A transcrição é da Bíblia:⁹

⁷ Prins mostra que mesmo nos grupos sociais, nos quais a comunicação é predominantemente oral, a cultura pode ser composta por formas orais e escritas, para todo o povo ou para uma parcela dele. Nos grupos de Folias de Reis a maior parte das pessoas vive à margem da cultura alfabetizada, mas sob a influência do registro escrito, seja a Bíblia, ou outros documentos necessários à vida cotidiana. Ver PRINS, G. “História oral”.

⁸ Os pesquisadores da Folia de Reis de Santo Antônio do Baú afirmam que “há consciência por parte dos devotos dos Santos Reis de que as Folias se baseiam em histórias diferentes, o que leva muitas vezes à disputa sobre qual das narrativas seria a verdadeira”. GOMES, Núbia e PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Do presépio à balança: representações sociais da vida religiosa*, p.70.

⁹ *Bíblia Sagrada. Velho Testamento e Novo Testamento*. Versão revisada da tradução de João Ferreira de Almeida, RJ: Imprensa Bíblia Brasileira, 1986

Evangelho segundo São Mateus

Os magos do oriente

Tendo, pois, nascido Jesus em Belém da Judéia, no tempo do rei Herodes, eis que vieram do oriente a Jerusalém uns magos que perguntavam:

Onde está aquele que é nascido rei do judeus? Pois do oriente vimos a sua estrela e viemos adorá-lo.

O rei Herodes, ouvindo isso, perturbou-se, e com ele toda a Jerusalém; e, reunindo todos os principais sacerdotes e escribas do povo, perguntava-lhes onde havia de nascer o Cristo.

Responderam-lhes eles: Em Belém da Judéia; pois assim está escrito pelo profeta: e tu, Belém, terra de Judá, de modo nenhum és a menor entre as principais cidades de Judá; porque de ti sairá o Guia que há de apascentar o meu povo de Israel.

Então Heródes chamou secretamente os magos, e deles inquiriu com precisão acerca do tempo em que a estrela aparecera; e, enviando-os a Belém, disse-lhes: Ide, e perguntai diligentemente pelo menino; e, quando o achardes, participai-mo, para que também eu vá e o adore.

Tendo eles, pois, ouvido o rei, partiram; e eis que a estrela que tinham visto quando no oriente ia adiante deles, até que, chegando, se deteve sobre o lugar onde estava o menino.

Ao verem eles a estrela, regozijaram-se com grande alegria. E, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhes dádivas: ouro, incenso e mirra.

Ora, sendo por divina revelação avisados em sonhos para não voltarem a Herodes, regressaram à sua terra por outro caminho.

A fuga para o Egito

E, havendo eles se retirado, eis que um anjo do senhor apareceu a José em sonho, dizendo: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, foge para o Egito, e ali fica até que eu te fale; porque Herodes há de procurar o menino para o matar. Levantou-se, pois, tomou de noite o menino e sua mãe, e partiu para o Egito, e lá ficou até a morte de Herodes, para que se cumprisse o que fora dito da parte do Senhor pelo profeta: Do Egito chamei meu Filho.

A matança dos infantes

Então Herodes, vendo que fora iludido pelos magos, irou-se grandemente e mandou matar todos os meninos de dois anos para baixo que havia em Belém, e em todos os seus arredores, segundo o tempo que com precisão inquirira dos magos.

Cumpriu-se então o que fora dito pelo profeta Jeremias: Em Ramá se ouviu uma voz, lamentação e grande pranto: Raquel chorando os seus filhos, e não querendo ser consolada, porque eles já não existem.

Steil, em um estudo etnográfico sobre o Santuário de Bom Jesus da Lapa, coloca a questão da interação entre a oralidade e a escrita como central para a análise das histórias que recolheu junto aos romeiros. O autor, assumindo a perspectiva de Goody & Watt e

Ong,¹⁰ enfatiza que ao passo que a escrita estabelece uma relação abstrata e descontextualizada com o ambiente, a linguagem falada se realiza pela imediaticidade, mas na sua pesquisa de campo, as histórias recolhidas mostram uma mistura entre a oralidade e a escrita, levando-o a afirmar que:

Há uma apreensão da Bíblia no catolicismo popular tradicional brasileiro que é fundamentalmente comunitária e oral, apesar de se tratar de um texto escrito. No trabalho de campo, foi possível encontrar, nas comunidades de romeiro que visitei, algumas pessoas que eram reconhecidas como leitoras e conhecedoras da Bíblia. Estas pessoas se tornam uma referência para a comunidade, na medida em que colocam em circulação os mitos, as figuras, os relatos e dogmas bíblicos que vão funcionar como fragmentos com os quais os romeiros constroem suas estórias, através de um trabalho de bricolagem que associa a narrativa bíblica com as referências geográficas, históricas, estéticas e culturais do seu meio. A partir dessas pessoas, as comunidades elaboram e conservam uma memória coletiva da Bíblia, que é preservada de forma temática. (STEIL, 1996, pp. 151-152)¹¹.

Na pesquisa realizada por Steil, bem como esta com os grupos de Folias de Reis, os campos da cultura oral e da cultura escrita podem ser demarcados, mas é importante ressaltar que trata-se de grupos de tradição oral, cujos componentes - romeiros, foliões - embora não tenham acesso maioritariamente à cultura escrita, não a desconhecem por completo. Entre os foliões, a história lida na Bíblia por algumas pessoas, é contada e recontada, misturando-se às histórias vividas, entrando no domínio da tradição oral.¹²

Embora constantemente os foliões refiram-se a fundamentos bíblicos, apenas uma parcela bem pequena do repertório de cantorias e representações é baseada nas Escrituras, pois as Folias são repletas de recriações e invenções de personagens, canções, que se modificam conforme muda a realidade vivida.¹³

¹⁰ Ver GOODY, J. & WATT, I. "The consequences of literacy", p. 30

¹¹ Nota do autor: Alguns desses leitores se integraram às Comunidades Eclesiais de Base e ressignificaram o sentido da Bíblia na sua vida pessoal e da comunidade. Outros, talvez a maioria, permanecem em sua função tradicional de leitor e intérprete da Bíblia para uma comunidade que a incorporou no seu funcionamento como parte de sua cultura.

¹² Sobre a temática da leitura por leitores de maior ou menor proximidade com o universo da escrita, foi feita uma pesquisa abrangendo os almanaques no Brasil, mostrando o alcance e a importância dessa leitura. Um ponto importante apontado é que "ler os almanaques populares, seria estabelecer sentido entre o que foi 'lido', vivido e o que se vive, mas recuperando também as memórias de leitura vivenciadas. Lê-se o conhecido, através de saberes anteriores." PARK, Margareth B. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*, p. 40

¹³ Em seus estudos sobre a Congada de Ilha Bela, Haydeé Dourado de Faria Cardoso explica que "a expressão *fundamento* utilizada pelo Rei de Congo, tem na Congada de Ilha Bela o mesmo sentido que lhe é

2.3 - As Folias de Reis das comunidades rurais brasileiras

As festas de Reis eram preparadas na época do Natal por um festeiro, escolhido anualmente, e encarregado da organização do evento. Ele contava com um grupo de apoio basicamente masculino, *a folia*, que fazia o *giro*, percorrendo a região de casa em casa para recolher com alguns dias de antecedência as oferendas para a festa. O primeiro dia do giro, chamado *dia da saída*, era comemorado com um almoço oferecido pelo festeiro aos foliões, parentes e conhecidos. O grupo da Folia era composto por um mestre ou embaixador, um porta-estandarte carregando a bandeira, alguns músicos cantadores e instrumentistas, dois ou três palhaços (algumas Folias do Norte de Minas e Sul da Bahia não têm palhaço) e um animal para transportar os donativos recebidos, conforme explicou Genésio Machado da Silva:

Lá no Estado de Minas tinha o cargueiro, é um animal. Tem a pessoa que pega o animal e pega dois balaio, um dum lado, outro do outro, chama cangaia. E então vai pondo mantimento que ganha: arroz, feijão, naqueles balaio. Então põe no balaio e vai embora. Leva na casa da chegada, do festeiro. Depois a gente descarrega lá aquele mantimento, volta buscar outra vez. Agora, se é um boi, vai tocado, agora, se é leitoa vai no balaio também.

Geralmente os moradores sinalizavam a intenção de receber os foliões para cantar nas suas casas, colocando na porta uma estrela ou um prato, indicando que estavam preparados para oferecer uma refeição após o ofício religioso.

Agora se não puder dar nada, canta do mesmo jeito. É uma coisa que é uma religião. Se pode dar oferta, muito que bem, se não pode, a pessoas fala: 'eu quero que canta, mas agora não tenho oferta', então canta do mesmo jeito.¹⁴

A passagem da Folia nas casas dos sitiantes sempre provocava um ajuntamento dos vizinhos, transformando-se numa reunião social, com dois momentos bem definidos: o

atribuído nos candomblés: significa noções do sagrado que o iniciado é obrigado a conhecer e cumprir. (...) À semelhança do que ocorre no caso das transferências do axê, os *fundamentos* da Congada de Ilha Bela também são transmitidos oralmente. E embora o texto da representação da Congada possa ser escrito, os mitos e lendas que envolvem a sua realização são passados de boca a ouvido, e nem todos os congos compartilham desse conhecimento." Ver CARDOSO, Haydeé D. de F. *Relações entre cultura popular e indústria cultural: a Congada de Ilha Bela*", pp. 33-34.

cumprimento do trabalho ritual perante a assistência, e a pausa para o descanso, a refeição e o pouso. O trabalho ritual é basicamente uma cantoria puxada pelo mestre ou embaixador, a qual é dividida em várias partes: pedido de licença para entrar nas casas, entrega da bandeira para a família, pagamento de promessa dos devotos, pedido da oferta, agradecimento, convite para a festa da chegada e despedida da bandeira. Após um período de doze dias de caminhada o grupo retornava ao ponto de origem, a casa do festeiro, onde os preparativos para a festa de Reis, no dia 6 de janeiro, já estavam em andamento, organizados coletivamente pela parcela da comunidade que não acompanhava o giro.¹⁵ Na entrada da casa eram preparados três grandes arcos feitos com bambu e outras folhagens, enfeitados com bandeirinhas de papel, sob os quais passava a bandeira e os foliões, finalizando o ritual, com a *cantoria dos arcos*.

A festa da chegada, com muita fartura de comida, diversão e baile, era o momento de agradecer as dádivas e de reforçar os laços sociais com a entrega da bandeira para o novo festeiro.

*A Folia é uma coisa importante, porque no Brasil as pessoas se sacrificam para oferecer comida para os foliões. A Folia tem reza de terço e cumpre promessa, é a obrigação; depois da obrigação tem a diversão, a dança. Depois que entrega a bandeira pode se divertir. A Folia tem um sentido profundo porque é a família mais os amigos.*¹⁶

O grupo de foliões não era constituído aleatoriamente: funcionava como uma corporação de especialistas detentores dos saberes “religiosos” que fundamentavam o ritual e legitimavam a existência do grupo. Cada folião desempenhava funções precisas, que exigiam conhecimentos específicos, adquiridos num processo de transmissão oral de geração para geração, de acordo com a posição a ser ocupada dentro do grupo.

Cada folião estava comprometido com a sua função, de repetir anualmente no ritual os conhecimentos relativos à sua posição. Essa experiência que foi apreendida através da observação e convivência com os mais velhos ia sendo repassada aos mais jovens pelo mesmo processo, permitindo o encadeamento contínuo entre as gerações, dos valores a

¹⁴ Depoimento de Genésio Machado da Silva

¹⁵ Geralmente o período do giro da Folia é de doze dias, começando no Natal e terminando na Epifania. Mas existem variações regionais, onde o giro pode ser de seis, ou de vinte dias.

serem repassados. O que definia a posição de cada folião no grupo era o *dom* ou a habilidade pessoal de dar continuidade à um determinado segmento que compunha o conjunto da produção coletiva. Essas parcelas do repertório cultural que iam sendo repassadas verticalmente através das gerações, estavam ligadas entre si horizontalmente de forma que aconteciam inovações as quais se propagavam lentamente e interligadas, nos dois sentidos: inter e intra-geracional.

A base para a transmissão desse conjunto de bens materiais e simbólicos de uma geração à outra é a memória do grupo social. Leroi-Gourhan aplica o termo memória coletiva, num sentido muito amplo, a todas as sociedades humanas, independentemente das suas condições tecnológicas e distingue três tipos de memória: memória específica, memória étnica e memória artificial. A memória específica não será tratada aqui e está ligada ao desenvolvimento biológico e instintivo das espécies animais. A memória artificial que consiste no registro do pensamento em suporte introduzidos por inovações mecânicas e eletrônicas, será tratada no capítulo seguinte. Portanto tentarei levantar algumas questões sobre os conceitos de memória étnica, memória coletiva e memória oral.

A memória étnica é organizada de duas formas diferentes: a primeira é a que tem como base a linguagem e se encarrega de fixar comportamentos do cotidiano: os gestos, as atitudes e tantas outras práticas elementares que constituem os elementos de ligação ao grupo social de origem, e são transmitidos pela imitação dos episódios da vida cotidiana. Mas em todos os grupos sociais existem práticas menos freqüentes, que mesmo estando ligadas ao cotidiano acontecem com uma periodicidade mais espaçada que precisam ser “fixados” de alguma forma que garantam a sua conservação. Nas sociedades sem escrita, a garantia dessa continuidade é a memória de autênticos especialistas que assumem o importante papel de mantenedores da coesão do grupo, através da transmissão oral. Nas Foliás de Reis os especialistas são os antigos embaixadores, que “detêm” os conhecimentos sobre a prática do ritual e se encarregam de ir ensinando as novas gerações.

Isso aí é uma coisa que a gente vem contando daqueles bem antigo que falava prá gente do começo da Folia de Reis. E os antigos que vinha falando, porque é uma coisa que eu nem num estudei num livro, nem nada. Mas então eu

¹⁶ Depoimento de João Cristovão da Silva, que embaixou muitas Foliás de Reis em várias localidades, no Estado de Minas Gerais.

escutava quando aqueles antigo falava as história de Reis, eu tava sempre por perto, escutando. Então eu fui aprendendo isso aí com os antigo. É eles que trazia prá gente isso daí. Então aquilo foi ficando na minha memória, falando: olha, eu quero ser dessa família, porque eu acho que é uma família sagrada, a família dos foliões de Reis.¹⁷



C3

Algumas pessoas tinham maior habilidade do que outras para assumir determinadas posições no ritual da Folia de Reis e a continuidade dependia do funcionamento do conjunto. Por isso não adiantava um grupo ter o melhor cantador ou tocador de viola se não houvesse sintonia entre todos do conjunto, que permite acontecer uma produção coletiva.

A função do mestre ou embaixador era crucial para manter a coesão do grupo tanto no ritual como no cotidiano. O mestre possui habilidades imprescindíveis para mediar as relações entre os diversos segmentos, intervindo principalmente nas situações de tensão, seja na cantoria seja em outros aspectos quaisquer que ameacem a integridade do conjunto. Por ser considerado o detentor dos saberes sobre o ritual, as suas palavras são sempre respeitadas.

¹⁷ Depoimento de José Rodrigues de Faria

O embaixador é uma pessoa que precisa ter muito respeito, muita ajuda do povo, porque ele ocupa muito a idéia, porque o mestre precisa ter o dom. O dom é uma coisa que vem de Deus, do Divino Espírito Santo. Pode ser cantador da forma como for, mas ele não tiver o dom, ele não pode ser embaixador. O embaixador ele não é formado, ele não é estudado, ele não tem cópia, não é decorado. Apenas ele canta só improvisado, conforme é o jeito que ele acha, que ele encontra é que ele vai cantar. É porque tem de vários jeitos da gente encontrar na casa. Por exemplo, a gente vai chegando, tem muitos dono da casa que vai encontrar com nós lá na rua. Aí já é muito mais fácil, aí ele pega a bandeira e nós entramos. Agora, ele não chega, não vai encontrar, o portão tá fechado, já tem que cantar pedindo licença prá abrir o portão prá entrar prá dentro. Entra aqui, se ele pegar a bandeira e entrar prá dentro, nós acompanha, não precisa cantar. Se ele pegar a bandeira e não entrar prá dentro, vai ter que pedir licença. Agora, se ele não pegar a bandeira, eu tenho que cantar pedindo prá ele pegar a bandeira, convidar ele prá pegar, receber a bandeira.

Pergunta: E esses versos de cantar estão prontos?

Nada, nem decorado. É feito na hora. É improvisado. É isso que chama improvisar. Então, aí conforme o jeito que a pessoa vai é o modo que você vai cantar. E tudo isso depende do dom. Se não tiver o dom, ele não faz isso. Aí entra prá dentro, por exemplo, se tiver presépio sempre tem um sinal na porta: uma estrela, um anjo, aí já tá dizendo que tem presépio. Então o Bastião fala: 'aí tem presépio' e já tem que cantar a licença para ir no presépio. Lá no presépio que tem lá, os bastião faz a mensagem deles, depois o mestre também tem que fazer, ou senão pedir licença para retirar, aí vai passar a bandeira para a dona da casa, e aí vai de um por um e cada um é um verso, não pode ficar repetindo. Se ele pudesse cantar um verso só, tudo bem, mas não pode.¹⁸

Função do Mestre ou embaixador

(...) Até agora eu não sei esse mistério. Essa parte eu não conheço, porque essa parte já vem do embaixador. Eles é que conhece.¹⁹

Ao mestre, detentor do mais alto posto na hierarquia, cabia a função de manter a coesão do grupo, num domínio que segundo Le Goff “dá um fundamento - aparentemente histórico - à existencia das etnias e das famílias” (LE GOFF, 1990, p. 428). O mestre na Folia

¹⁸ Depoimento de Roque José de Faria

de Reis é encarregado da palavra, uma complexa arte de combinar os conteúdos bíblicos com as referências culturais da comunidade. Essa habilidade oral do mestre assume basicamente dois gêneros diversos dependendo do contexto: no cotidiano circula na forma narrativa que constitui a história fundadora do grupo, e no ritual, na forma de versos cantados, que são a expressão *trovada* dessa narrativa.

Embora “as sociedades sem escrita possuam uma gama de meios de fixação sob a forma de provérbios, de preceitos, de receitas” (LEROI-GOURHAN, 1983, p. 29), a mais importante função dentro das Folias, que é a dos mestres, extrapola “a transmissão da memória palavra por palavra, pois os homens-memória são narradores. Assim, segundo Goody, o suporte da memorização não se situa ao nível superficial em que opera a memória palavra por palavra (...) parece, pelo contrário, que o papel importante cabe à dimensão narrativa e a outras estruturas da história cronológica dos acontecimentos” (LE GOFF, 1990, p. 429).

*Meu avô, o velho Marcolino. Marcolino Antônio de Moraes era o nome dele. Então, meu avô era um embaixador de Folia de Reis, ele foi a pessoa que levou a Folia pro interior do Estado. Às vezes ele ficava falando, ensinando como é que cantava Reis.*²⁰

O papel do mestre é tão claro que os diferentes foliões entrevistados, quando solicitados à explicar o que é a Folia, narraram alguns trechos da passagem bíblica, contaram algumas situações que vivenciaram ou ouviram, mas recomendaram a recolha das explicações junto aos mestres ou embaixadores, pois são eles que conhecem os fundamentos e poderiam contá-los.

Samuel Bonilha, que é ajudante de contra-mestre, explicou que só compreende algumas coisas:

Ainda não aprendi quase nada. Mas mais ou menos conforme a gente acompanha os mais velhos que eu, a gente vai tendo a catividade. Os embaixador antigo é que ensina o sentido da Companhia de Reis, porque a Companhia de Reis ela é muito profunda, ela é uma coisa que traz naquela seqüência, naquelas coisas passada, antiga, do tempo do nascimento. Então, a

¹⁹ Depoimento de José Aparecido Dias

²⁰ Depoimento de Alcides Pires Lopes

Companhia de Reis, tem muitos que não sabe, eu mesmo não sabia, mas é uma semelhança daquele tempo.



L.23

As explicações dos mestres, contadas na forma de narrativas são histórias que legitimam a origem do grupo. Como são grupos que não possuem registros escritos da sua história, e sendo o ritual intrinsecamente ligado à vivência do dia a dia, os mitos em torno da Folia significam a história verdadeira para o grupo, justificam os comportamentos, as dádivas e as situações desabonadas. Para as gerações mais velhas, essa tradição é viva e não se constitui apenas em recordação do passado, por isso a transmissão dessa história ocupa um papel e uma função. Essas narrativas dos fundamentos das Folias, contadas pelos mestres, por serem sempre a narração de uma criação e referirem-se a uma continuidade com os antepassados, podem ser definidas como um mito: “o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos (...) é considerado como uma história sagrada e portanto uma história verdadeira porque se refere sempre a realidades” (ELIADE, 1989, pp. 12-13).

O mito da origem das Folias, que legitima o ritual, é reconhecido pelos foliões como *lenda que o povo inventa, nosso folclore, nosso costume*, mas não é considerado

uma história falsa. Genésio Machado da Silva, depois de contar sobre a viagem dos três Reis Magos, associando-a à origem da Folia, explicou:

Essa foi a primeira Companhia de Reis. Até diz na Bíblia, falava o meu pai.

Pergunta: E com quem o seu pai aprendeu?

Ele aprendeu lá... Porque tem muita gente... porque lá no Estado de Minas, o pessoal aprendia muito assim, ensinava a pessoa, tinha sempre um lá que ensinava, falando. Que quase ninguém sabia ler, escrever. Lá no Estado de Minas lá naquele tempo era tudo por idéia. Então eles aprenderam lá. Meu pai sempre ensinava alguma coisinha, então, a gente mesmo, depois conforme... muita coisa, não é que foi... acontecido, muita coisa é uma lenda, o povo inventa...

Pergunta: O que é uma lenda?

Uma lenda é a pessoa, assim uma pessoa que conta uma história, um caso, então ele vai aprendendo e vai... produzindo.

Pergunta: Pode ser uma mentira?

Não é uma mentira. Ele vai falando, vai falando... Então é uma coisa que ele lê ou então uma pessoa fala pro outro, então ele... guarda na mente. A lenda é muita coisa, ele nem sabe o quê que aconteceu. É uma palavra, então daquela palavra introduz outra. Daquela uma a gente inventa outra. Não é mentira, é o fundamento.

Essas narrativas sobre a origem do grupo da Folia, na verdade embora reportem a uma história muito antiga, sagrada, tem o sentido de estabelecer uma genealogia: dos três Reis Magos originais até o grupo de hoje e podem ser contadas em qualquer ocasião ou qualquer tempo.²¹ Sempre que as pessoas se reúnem nas situações formais - ensaios da Folia, momentos que antecedem o ritual, pausa para o descanso durante a jornada -, ou nas ocasiões informais - visitas, almoços, mutirão ou qualquer outra comemoração da comunidade -, pode ocorrer uma situação de comunicação de narrativas.

Mas essas histórias narradas constituem um conhecimento que é acompanhado de um poder mágico religioso, por isso inclui alguns segredos que não podem ser contados para qualquer pessoa. O corpo de conhecimentos de um grupo é o elemento fundamental da sua unidade e identidade, sendo a sua transmissão a condição necessária para a sobrevivência material e social. Segundo Leroi-Gourhan uma parte desses conhecimentos

²¹ Nos estudos sobre os mitos, Elíade mostrou que em várias sociedades em que o mito anda está vivo, há uma distinção entre histórias verdadeiras, que são os mitos sagrados e histórias falsas, que são as fábulas ou contos, as histórias profanas. Ao passo que as histórias profanas circulam em qualquer circunstância, os mitos não podem ser indiferentemente narrados, os mitos são contados em situações especiais, durante um período de tempo sagrado. Ver ELIADE, M. *Aspectos do Mito*, pp.15-16.

não são fixados nas narrativas orais, pois a necessidade de conservação dos segredos faz com que a aprendizagem se processe dentro de algumas células sociais.²²

A explicação é de José Rodrigues de Faria:

Se eu quero aprender alguma coisa com algum embaixador, ele não me ensina. Outro não ensina. Outro também a mesma coisa. Eu, eu também, alguma coisa eu falo, mas o meu segredo mesmo eu também não passo. Entendeu? Eu não passo, porque é como diz.. a turma fala: é ensinar a cobra morder. Então é muita coisa, porque tem muito segredo na Folia de Reis: tem gente que prende bandeira, prende folião; aquele que sabe, ele fica quietinho, é um mistério que ele só guarda prá ele. Que às vezes num dia que vai acontecer, às vezes você ensina um... um folião, um embaixador, assim da outra companhia, e de azar um dia a gente chega com a bandeira na casa dele, ele... ele tem tudo as armas na mão prá prender a gente. Então a gente tem que sempre tá preparado. E Folia de Reis tem que tá muito bem preparado.²³

Dentre as múltiplas histórias que remetem à origem das Folias de Reis, vou transcrever duas que foram narradas por mestres de Folias de Reis. Essas narrativas foram colhidas na situação de pesquisa, e portanto deve ser considerada outra intencionalidade na ação de narrar junto a um pesquisador, que não faz parte da comunidade habitual de ouvintes; em alguns momentos os relatos foram adaptados à essa nova situação, e o contador foi explicando o significado de várias palavras e expressões.

Uma das características da narrativa é que “os narradores gostam de começar sua história com uma descrição das circunstâncias em que foram informados dos fatos que vão contar a seguir”(BENJAMIN, 1996, p. 205).

João Marcelino dos Santos, embaixador da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Antes de iniciar a narração explicou que aprendeu os fundamentos da Folia por herança de família, quando morava em Terra Roxa, comarca de Pitangueira, no Paraná. O pai dele, embaixador de Folia, por sua vez aprendeu do avô quando morava em Vila Velha, hoje Livramento, Bahia. Essa narrativa foi coletada poucos minutos antes da saída da Folia de Reis, no dia inicial do giro, e contou com a participação de uma ampla comunidade de

²² Ver LEROI-GOURHAN, A. *O gesto e a palavra: memória e ritmos*, p. 59

²³ O entrevistado refere-se aqui a procedimentos de “amarrar” e “trabalho”, frequentes nas religiões de extração afro-brasileira.

ouvintes: os foliões e outras pessoas que acompanham esporadicamente a jornada. Embora todos conhecessem a história a ser narrada, formaram um círculo à volta do embaixador:

Quando nasceu o menino Jesus, os três Reis do oriente estudavam astrologia e profecia, então sabiam o dia que o menino Jesus ia nascer. Então saíram os três para visitar o menino e levaram presentes. Como não sabiam o lugar, pararam na casa de Heródes para perguntar onde ele tinha nascido. E Heródes perguntou qual a finalidade dessa visita e então eles disseram que esse menino ia nascer para ser o Rei do Céu e da Terra. E Heródes sentiu ciúmes. Aí Heródes mandou dois oficiais junto para matar esse menino, mas tentou enganar os três Reis e disse que mandou os dois oficiais para guardar eles, como se fosse segurança. E esses dois oficiais puseram máscaras, porque eram de terra estranha, para a família não reconhecer. Mas no caminho, Deus mudou o pensamento deles. Os três Reis tinham instrumento e sabiam cantar, e os dois oficiais não tinham instrumentos e nem sabiam cantar, então ficaram dançando. E transformaram em bastião, uns chamam de palhaço. Aí um anjo avisou em sonho que não passassem por lá, que Heródes queria matar o menino. Eles mudaram o caminho e iam arrecadando ofertas para fazer uma festa em louvor do menino. É isso que fazemos hoje. Quando eles chegaram na casa dele no dia 6 de janeiro, fizeram uma festa, como a dona Lurdes faz hoje. A saída hoje é como se fosse os Três reis saindo para procurar o menino. Quando chega numa casa com presépio faz de conta que achou o menino. Quando chega numa casa que não tem presépio, faz a obrigação: saúda a família, os santos, pede a oferta, agradece e convida para a festa.



José Domiciano de Souza, antigo mestre, aos 76 anos é folião da Companhia de Reis do Jardim Yeda. Ele aprendeu o fundamento da Folia de Reis no arraial de São Pedro da União, em Minas Gerais, com o avô, que também era mestre. Essa narrativa foi coletada numa situação de entrevista *fora do tempo da Folia*, contando com a presença da esposa.

Quer dizer que nós viemos a parte do bisavô prá trás toda, Então a gente fala o que eles falava. Eles falava que os três Reis foi avisado, avisado por um anjo, que tinha nascido menino Jesus, rei do céu e da terra. Eles foi avisado pelos anjo. Então eles anunciava que quando Jesus nasceu aí eles prepararam e eles saíram, eles saíram dia 25 de dezembro ao meio dia. Eles saíram os três, mas nenhum sabia do outro, porque prá eles era só aquele que sabia, que Maria avisou, avisou tudo os três. E daí saíram os três, seus camelo, daí saíram os três até se cruzarem. Então saiu aí tudo junto, então aparece que três Reis falou, então tudo falou uma coisa só: Vamos lá prá Belém, visitar Menino Deus que nasceu. Então começou o outro também: Também vou prá Belém visitar Menino Deus que nasceu. O outro também: Também vou prá Belém visitar Menino Deus que nasceu. Então aí eles saíram os três.. Eles passou aqueles soldado por causa do Rei Heródes (...) querendo saber, eles soube (...) tinha que encontrar o rei Heródes. Que o rei Heródes ficou sabendo que já tinha nascido o menino Jesus. Então ele falou prá eles: eu também topei de saber. Porque se nascesse esse rei do céu na terra, eles ia matar. Então chegou aquela hora que eles chegaram no palácio do rei, aí perguntou o que eles iam fazer, falou que ia visitar menino Deus que nasceu pro nosso bem. Aí ele falou: eu também tô querendo saber. Aí ele falou, vou ficar junto com vocês aí, escureceu, dormiu, aquela estrela que tava alumando eles. Aí a estrela apagou. Quando ele falou assim do rei Heródes, a estrela apagou. Aí eles posaram. Quando deu hora, umas cinco horas da manhã, assim, eles acordaram, saíram e o Herodes ficou dormindo. Ele ia acompanhar eles, mas ele ficou dormindo, não viu eles sair. A estrela apareceu e eles seguiram. Aí quando chegaram em Belém. Então eles chegaram, a nossa Senhora já veio encontrar com eles com o menino Jesus no braço. Então, eles chegou, os três Reis chegou joelharam assim na entrada da porta, e fazendo as oração dele. Então Nossa senhora veio encontrar com eles. São José, Nossa Senhora... Nossa Senhora com o menino Deus no braço. Aí eles chegaram, olharam lá, tava pobrezinho, não tinha nada, ela falou prá eles: não tem nem um jeito de fazer nada, um chá prá vocês. Tão pobrezinho. Daí começou a Companhia de Reis. O começo tá lá, que é que os bisavô que era tudo folião sabe. Começou ali. Então eles chegaram e ela não tinha nada, coitadinho, tava pobrezinho. Aí que eles inventaram a Companhia de Reis. Eles pegaram os camelo deles, eles arranjaram uns instrumentinhos qualquer lá e eles saíram nas casas pedindo. Então eles lotava os camelo lá, quando chegava lá eles descarregava lá e voltava outra vez, prá pegar mais. Então os seis dias eles fizeram questão, encheram mesmo. E teve uma festa prá eles, e

nessa festa eles convidaram os passantes que estavam perto e convidaram aquele povão tudo. Tudo bebeu e comeu à vontade, sobrou muita coisa e ela ficou muito contente com isso aí. Aí eles deixaram ela lá e dia 7 de Janeiro eles foram embora, mas deixou ela contente. Aí eles foram embora, Nossa Senhora pensou: benção a eles, eles foram embora. Aí que ficou, que começou a companhia de reis. E o fundamento certo, eu acho que a verdade é esse mesmo.



G4

Além de manter a coesão do grupo, os mestres, no cotidiano são os responsáveis pela transmissão das narrativas da origem do grupo. No ritual, uma das funções do mestre é embaixar a Folia, ou seja, puxar a cantoria, improvisando os versos²⁴, adaptando a narrativa do fundamento bíblico ao contexto. O fundamento bíblico é chamado pelos foliões de profecia, e o mestre deve então contar a profecia, inserindo-a na situação presente pela qual estão passando, na forma de versos rimados, simples (quadras) ou dobrados (sextilhas), ao som dos instrumentos musicais.

²⁴ O dicionário Aurélio, esclarece que verso significa cada uma das linhas constitutivas de um poema, tendo também um uso popular significando quadra ou estrofe qualquer. Aqui uso as expressões na acepção popular, corrente entre os foliões.

Tem os versos dentro da profecia, porque é uma coisa que é do nascimento de Jesus. Agora, tirando isso aqui, quando a gente tava nas casa, tem diferença do verso, já é fora da profecia. Tem que cantar a chegada, então a chegada não é da profecia, é uma chegada na casa, agora já vai o verso que tem que vim na cabeça, fazer o verso na hora. Mas a gente já carrega ele preparado, mais ou menos já preparado, que a gente não sabe o que vai encontrar. Antigamente quando encontrava duas Folias de Reis, ia desafiar, e o que soubesse mais... Tinha que cantar os vinte cinco versos da profecia e fora da profecia tinha muito verso ainda. Hoje quando encontra duas bandeiras é diferente, não tem mais aquele desafio.²⁵



CI

Essa fala de José Rodrigues de Faria refere-se à *Encontros de Folia*, que na terminologia popular significa momentos especiais, que acontecem de forma geralmente inesperada, quando dois grupos se encontram realmente por acaso ou por artimanha de um deles e nos quais os mestres e os bastiões desafiam-se para demonstrar suas habilidades com os versos, com a viola e com o corpo. Esses desafios fazem parte da tradição de reis, bem como a avaliação do desempenho desses personagens cumprindo as suas funções no ritual, que é feita pela comunidade presente, no momento mesmo que acontece. Dependendo do resultado desses encontros, corre a fama, dos bons embaixadores e dos

²⁵ Depoimento de José Rodrigues Faria.

bons bastiões, pela região de influência dos grupos, muitas vezes extrapolando os limites territoriais e temporais.

Nas Folias de Reis pesquisadas em Campinas, esses encontros são lembrados com muitas histórias de Companhias que se extinguíram porque os mestres não venceram os desafios. Atualmente essa prática de desafiar não existe, e os *encontros*, combinados antecipadamente, são amistosos e comemorados com grandes almoços oferecidos pelos festeiros.

Nos vários depoimentos orais colhidos, percebe-se que os mestres de cada Companhia mantêm os seus segredos, mas ao mesmo tempo têm consciência da importância da Folia na vida dos migrantes rurais em uma metrópole. Portanto, existe um empenho muito maior em incentivar e ajudar-se mutuamente, no sentido de garantir espaços para a continuidade dessa cultura de origem rural, com a qual se identificam.

Além do mestre ou embaixador, a Folia de Reis é formada pelo seguinte conjunto: músicos instrumentistas e cantadores, palhaços ou bastiões, bandeireiro e gerente.



A13

Função dos músicos instrumentistas e cantadores

*A Folia de Reis tem vários acompanhamentos, todos têm o seu valor. A gente costuma dizer o seguinte: você tem que aperfeiçoar numa posição e ficar nela. Se você aperfeiçoa de contrato, como contramestre, quarta voz quinta voz, sexta voz, então você se aperfeiçoa nela.*²⁶



L32

Existem variações na composição instrumental das Folias de Reis, bem como no ritmo. Nos grupos existentes em Campinas, os ritmos encontrados são um misto de toada mineira, toada paulista e toada baiana, com predominância de uma ou outra, conforme a origem do embaixador. Os principais instrumentos usados são: viola, violão, acordeão, caixa, cavaquinho, bandolim, violino, rabeca e pandeiro, sendo que os mestres e contramestres sempre tocam viola.

Apesar da recomendação de aperfeiçoamento em uma determinada posição, existe bastante flexibilidade, pois a formação do grupo não é constante, dependendo da disponibilidade dos foliões em participar a cada dia do giro. Então o mestre também fica encarregado do escalonamento dos músicos.

²⁶ Depoimento de João Marcelino dos Santos

A cantoria é feita em seis vozes da seguinte forma: o mestre sempre canta na primeira voz; o contramestre canta na primeira e segunda; o ajudante canta na segunda; o contrato na terceira e o cordão, formado pelo tipi, contratipi e retipi se encarrega respectivamente da quarta, quinta e sexta vozes.²⁷ Por exemplo, a quadra:

*Os três Reis aqui chegou
Vem trazendo essa alvorada
Vem fazer uma visita
Abençoar sua morada*²⁸

foi cantada da seguinte forma:

Mestre na 1ª voz:

Os três Reis aqui chegou, ai, lá, lá, lá

Mestre na 1ª voz e contra mestre na 2ª:

Os três Reis aqui chegou, ai, lá, lá, lá

Mestre na 1ª voz:

Vem trazendo essa alvorada, ai, lá, lá

Mestre na 1ª voz, contramestre na 2ª, ajudante na 2ª e contrato na 3ª:

Vem trazendo essa alvorada, ai, lá, lá

Contramestre na 1ª voz, ajudante na 2ª e contrato na 3ª:

Os três Reis aqui chegou, ai, lá, lá, lá

Contramestre na 1ª voz, ajudante na 2ª e contrato na 3ª:

Os três Reis aqui chegou, ai, lá, lá, lá

Contramestre na 1ª voz, ajudante na 2ª e contrato na 3ª e cordão:

Vem trazendo essa alvorada, ai, lá, lá

Mestre na 1ª voz:

Vem fazer uma visita, ai, lá, lá, lá

Mestre na 1ª voz e contra mestre na 2ª:

Vem fazer uma visita, ai, lá, lá, lá

Mestre na 1ª voz:

Abençoar sua morada, ai, lá, lá

Mestre na 1ª voz, contramestre na 2ª, ajudante na 2ª e contrato na 3ª:

Abençoar sua morada, ai, lá, lá

²⁷ Os termos usados pelos foliões para a classificação das vozes, provavelmente têm sua origem na Idade Média; contrato seria uma adaptação de contralto, assim como tipi teria sua origem no tiple. Embora não tenha feito uma pesquisa aprofundada sobre essa questão, busquei no *Grove*, algumas explicações. Atualmente o contralto designa a mais baixa das vozes femininas, mas quando a palavra foi usada pela primeira vez, no século XV, ela denotaria um cantor masculino, originalmente um falsetto. Tiple corresponde ao soprano, a mais alta voz feminina; mas a palavra era também usada para uma voz aguda de menino. The new Grove dictionary of music and musicians, edited by Stanley Sadie, in 20 volumes, 1980.

²⁸ Verso de Roque José de Faria

Contramestre na 1ª voz, ajudante na 2ª e contrato na 3ª:

Vem fazer uma visita, ai, lá, lá, lá

Contramestre na 1ª voz, ajudante na 2ª e contrato na 3ª:

Vem fazer uma visita, ai, lá, lá, lá

Contramestre na 1ª voz, ajudante na 2ª e contrato na 3ª e cordão:

Abençoar sua morada, ai, lá, lá

Função do bastião ou palhaço

Tem os bastião mais velho que fica encarregado de escalar a turma e ensinar os mais novo que estão começando, e eles vão pegando o jeito.²⁹



F9

A presença do bastião mascarado, cuja quantidade varia de um a cinco, tem nos grupos pesquisados o mesmo significado: representa os soldados de Heródes que foram enviados para seguir os três Reis Magos e se converteram. Então passaram a usar as máscaras para não serem reconhecidos e também para divertir o povo e atrair a atenção dos outros soldados, facilitando assim a fuga da Família Santa para o Egito. A função do

²⁹ Depoimento de Antônio Manuel Mendes.

bastião dentro do ritual da Folia é bastante complexa, pois além de decorar e recitar os tradicionais versos louvando o presépio, ele é o responsável pelas brincadeiras que incluem várias habilidades corporais como a dança do corta jaca.

Com relação à sua primeira função, é importante diferenciá-lo do mestre: os versos do embaixador transmitem o conteúdo da profecia associado ao contexto, sendo portanto improvisados, dentro de uma forma métrica estabelecida, a qual varia de grupo para grupo. Os versos que o bastião canta no presépio são fixos tanto em forma como em conteúdo, ou seja, são transmitidos às novas gerações na forma de lição, quando desde pequenas as crianças aprendem por repetição. Contam que existe cerca de cinco mil versos, compondo um repertório de situações possíveis de acontecer e o melhor bastião é o que decorou todos, de forma que para cada situação nova ele sabe buscar os versos adequados que estão na memória. O seu conteúdo é basicamente restrito aos acontecimentos bíblicos adaptados à imaginação popular e atualmente alguns grupos fazem uso da escrita no processo de preservação e transmissão desses versos, em geral com o auxílio das crianças que assumem essa função de copiar.

Ao contrário dos mestres que são os narradores, o processo de aprendizagem da função dos bastiões inclui uma memorização mecânica, bastante semelhante à aprendizagem escolar da sociedade letrada. A sua função, em alguns grupos, remete ao conhecimento da escrita, e nas festas de chegada, um grande desafio para os palhaços é recitar o ABC. Nestas festas, o alfabeto é desenhado no chão ou em uma tabuleta, e os palhaços se desafiam, sendo vencedor o que conseguir recitar um verso que comece com cada letra.

Por exemplo:

Com a letra A: A vida de Jesus Cristo, se não vai ser assim, vai deixar um grande exemplo nesse mundo sem fim.

Com a letra B : Bastante século passado os profeta dizia que ia nascer um rei pra ser nosso guia.

Com a letra C: Com tanta fé, esperança um milagre aconteceu de uma pobre donzela, o rei do mundo nasceu³⁰

³⁰ Versos de Sebastião Manuel Mendes



F21

Mas a principal função é ajudar o mestre. Tem que ser rápido para passar a bandeira e comunicar para o mestre a situação em volta, os que as pessoas estão fazendo, os nomes, se tem parente visitando, se teve alguém doente. Porque o mestre não pode se ocupar disso. Se o bastião não é rápido, a Folia não fica bem engrenada e fica cansativa.³¹

Embora a elaboração da explicação sobre a função dos palhaços não esteja presente dessa forma em todos os grupos, fica claro o seu papel de portador das informações da vida cotidiana da comunidade. Se o ritual da Folia é o momento de reforço da crença comum que expressa, através do simbólico, as relações sociais, é importante a autenticidade das informações do bastião, que serão validadas pelo mestre durante a cantoria. Um bastião de má fé comprometeria todo o grupo de foliões que seriam desacreditados pela comunidade, e por isso o seu comportamento é rigidamente controlado, podendo ocorrer a perda do cargo se ele não respeitar as regras estabelecidas pelo grupo. Nesse sentido a função do bastião pode ser comparada à dos “griots” africanos, trovadores viajantes que percorrem várias regiões contando histórias. Os “griots” do povo bambara, nas regiões de savana ao sul do Saara, classificam-se em três categorias e se ele for da categoria dos tradicionalistas

³¹ Depoimento de Antônio Manuel Mendes.

‘doma’, passando pelas escolas de iniciação, fica comprometido com a autenticidade da transmissão e sujeito à proibição da mentira.³²

Ao contrário da proposição de Vansina de que para o estudo das tradições orais africanas, os versos decorados e as palavras fixas constituíram-se em fontes mais valiosas para a obtenção de informações históricas e sociais e poderiam ser comparadas às fontes escritas, no caso das Folias de Reis acontece o oposto.³³ Nesta pesquisa foi possível perceber que as mais importantes informações provêm dos versos improvisados dos embaixadores que sempre tratam dos principais assuntos da comunidade.

Os palhaços tradicionalmente eram homens encarregados de vigiar e proteger a bandeira. Samuel Bonilha explica o significado do palhaço na Folia:

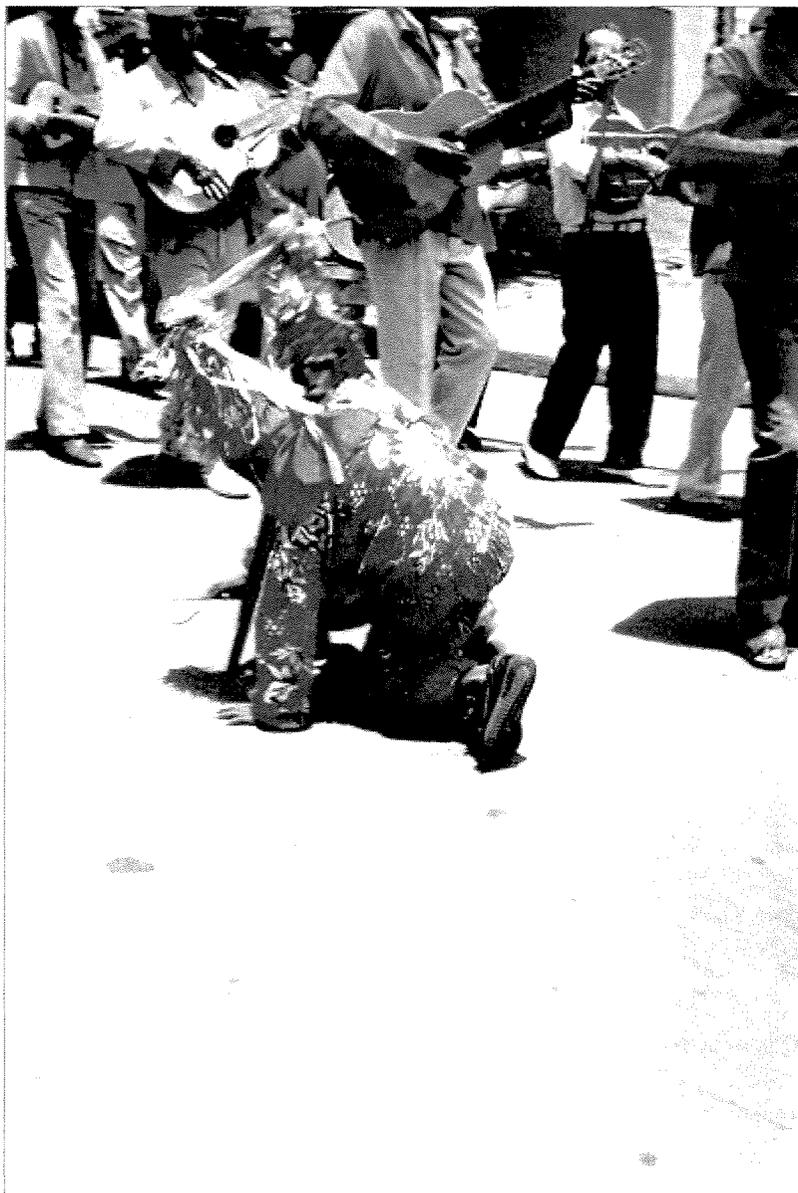
É porque ele tinha vindo como traiçoeiro, depois ele arrependeu, ele entrou prá Folia. E ele foi a defesa da Nossa Senhora na barranca do rio do Jordão. Que lá tavam esperando prá degolar o menino, e o palhaço começou pular prá lá, prá cá, atrapalhando o rei Heródes.



L7

³² Ver HAMPATÉ BÂ, A. “A tradição viva”, pp.181-218

³³ Vansina fez um estudo das tradições orais africanas, classificando-as em gêneros literários e propõe uma metodologia para constatar a veracidade de uma tradição, tendo como finalidade extrair informações históricas. Ver VANSINA, J. “A tradição oral e sua metodologia”, pp. 157-179



L21

Tanto no mito bíblico como historicamente, a situação de perseguidos é recorrente na trajetória das Folias de Reis: desde a perseguição de Heródes no tempo mítico, passando pela repressão à Folia que a Igreja efetuou no mundo rural e a polícia na zona urbana, até os animais selvagens e as intempéries que tinham que enfrentar quando caminhavam pelos sítios, criaram a necessidade de personagens ágeis e fortes em condições de proteger o grupo de agressões físicas. Não é por acaso que os palhaços das Folias de Reis no Rio de Janeiro no início do século eram preferencialmente capoeiras.

Mas as adversidades que precisam ser enfrentadas pelos grupos mudaram, e na cidade atualmente os bastiões deparam-se com novas situações nas quais precisam recorrer à defesa. Embora entre suas habilidades ainda seja importante a agilidade corporal, esta é voltada mais para o lúdico e menos para o agressivo, e é perceptível que além da capacidade física são necessárias atividades mnemônica e de observação.

Às vezes o cara tá doidinho prá prender a Folia uns três dias na casa dele. Mas tem muitas maneira de prender uma Folia. Prá todas o palhaço tem que sair; se o palhaço não souber, o mestre tem que saber. A diferença é o seguinte: que o palhaço resolve essa parada contando versos, fazendo palhaçada. Se ele não souber, o mestre tem que resolver a história cantando, com a Companhia. Então fica mais demorado, é muito mais custoso.³⁴



G5

³⁴ Depoimento de Alcides Pires Lopes, que se refere a uma “prisão fita por espírito de porco” para atrapalhar o prosseguimento da Folia.

Função do bandeireiro

*Nós já vai agradecer
A oferta da bandeira
Na sua sagrada mesa
Que nunca faz falta não
Deus no céu derrama as bênção
Prá sua família inteira³⁵*



L20

O bandeireiro é encarregado de cuidar da bandeira. No ritual é o personagem que vai à frente, carregando o símbolo do grupo, escoltado pelos palhaços, encarregados de vigiá-la. Quando a Folia chega em uma casa, a bandeira é entregue para os donos que casa e pode passar pelas mãos de várias pessoas, sendo que a cada mudança, o embaixador deve improvisar os versos adequados à situação do devoto, seja para fazer um pedido ou um agradecimento.

Para os devotos, a bandeira possui alguns poderes, então ela é levada para todos os cômodos da casa, significando proteção e bênção para os moradores. O ofício religioso geralmente tem uma pausa, chamada de descanso, quando os donos da casa oferecem uma

³⁵ Versos de João Marcelino dos Santos.

refeição, um almoço ou apenas uma café. Nesse momento a bandeira é levada para o quarto, e *descansa* sobre a cama. Ao final do ritual, o embaixador puxa uma cantoria agradecendo a oferta recebida e pedindo a devolução da bandeira ao bandeireiro, para que a companhia de Reis continue a sua jornada, visitando outras casas. Em alguns grupos, a saída dos foliões de uma casa é feita com a bandeira na porta, sendo que todos devem passar sob ela, obtendo dessa forma proteção para continuar a caminhada.

Uma Companhia de Reis nunca pode andar sem a bandeira: podem faltar os palhaços, ou mesmo algum instrumento musical, mas a bandeira é o símbolo que legitima o grupo. Se ela ficar presa em alguma casa, por artimanhas de um grupo adversário, o ritual não pode ser cumprido. Entre os foliões circulam algumas histórias de perda da bandeira que colocaram em risco a Companhia, mas exaltam a sabedoria dos mestres que conseguiram contornar a situação:

Então, naquele tempo acontecia de tudo. Saiu uma Folia de Reis, eles tava muito cansado, porque é doze dias trabalhado. Aí falaram: 'ah, vamos dormir debaixo dessa árvore, mesmo aqui'. Era um pé de manga, parece, e os gado tava ali dentro do pasto. Aí enquanto eles tava dormindo, uns gado veio e um boi comeu a bandeira. Eles levantaram no outro dia cedo, tinha a casa pertinho: 'E agora, como é que nós chega na casa? Como é que vai sair com essa Folia de Reis sem bandeira?' Aí o embaixador pensou e falou assim: 'Deixa comigo! Eu vou dar um jeitinho, até nós ir buscar outra bandeira'. Aí ele chegou naquele casa ali que os dono tava esperando e cantou pro homem: 'Senhor dono da casa, venha ver o que aconteceu, dá uma esmola pro bambu, que a bandeira os boi comeu'. Então quer dizer que ele saiu bem, aí deram risada e tudo, aí que eles foram arrumar outra bandeira.³⁶

Tradicionalmente o bandeireiro era um personagem masculino, assim como todos os componentes da Folia, e a explicação para o fato dos meninos acompanharem a bandeira desde pequenos enquanto as mulheres e meninas ficavam em casa pode estar na necessidade de continuar o trabalho nas roças, o trato dos animais, o cuidado com as crianças menores. Mas isso não significava a exclusão das mulheres que tinham uma função reconhecida: a preparação da casa para receber os foliões e a organização da festa da chegada. Na cidade, porém, em todas as Companhias de Reis, as mulheres assumiram o papel de bandeireiras, e são elas que vão à frente da Folia.

Como a Folia de Reis é um ritual itinerante, sem o domínio de um espaço físico para a realização do culto a Santo Reis, a bandeira funciona como “o lugar delimitado” onde são expostos alguns objetos oferecidos a Santo Reis para os pedidos dos devotos e para o agradecimento de uma promessa cumprida.³⁷ Nesse sentido, ela funcionaria como um espaço de ex-votos. Os objetos oferecidos são: fitas coloridas, flores, fotografias, mechas de cabelo, e bilhetes dos devotos.

*Os povo escreve nos papel, porque é devoto. Põe retrato. Quando tem muito, eu tiro, ponho tudo dentro dessa caixa e entrego em Aparecida do Norte.*³⁸



D11

São as bandeireiras que cuidam e preparam a bandeira para a jornada do ano seguinte. Geralmente a bandeira é guardada enrolada, e durante o ano não sai da casa da bandeireira, exceto para atender a solicitação de devotos. Em qualquer época, por pagamento de promessa, qualquer de voto pode receber a visita da bandeira com todos os

³⁶ Depoimento de José Rodrigues Faria

³⁷ É bastante comum também, a substituição de bandeiras, porque os grupos sempre ganham bandeiras novas de devotos, como forma de pagamento de promessa. As imagens representadas nas bandeiras podem ser colagens de papel, pinturas ou bordado, mas sempre mostram, em diferentes estilos, os três Reis e o presépio. As bandeiras a serem substituídas são guardadas e posteriormente levadas para o santuário de Aparecida do Norte.

foliões, os instrumentos e a realização do ritual completo, incluindo a festa. Esta é a Folia *fora da época* ou *fora do tempo*. Antes do tempo da Folia, a bandeireira encarrega-se de retirar os excessos de flores e fitas, bem como outros objetos oferecidos, os quais serão levados para o santuário de Aparecida do Norte. Uma prática comum entre todos os grupos de Folias de Reis é uma excursão anual, geralmente em outubro, para apresentação da Folia em Aparecida do Norte, quando são realizadas as festividades em homenagem à Nossa Senhora Aparecida.



L26

³⁸ Depoimento de Ilda Silva Souza.

Os que gosta pendura fita, retrato, na bandeira. É promessa. Quando ela fica muito carregada eu vou prá Aparecida do Norte, eu levo a bandeira e lá eu tiro metade das coisas. Fotografia, essas coisas tudo que é de promessa, eu deixo lá na Sala do Milagre.³⁹

Função do festeiro

Festeiro é que nem nós que saímos com esse aí agora. Esse homem que tá vestido de bastião barbudo. Ele não é bastião nosso. Ele era o festeiro aquele ano. Nós fomos lá em Aparecida do Norte cumprir uma promessa dele lá. E em troco ele dá o almoço da Companhia.⁴⁰



G2

O festeiro é uma pessoa escolhida, entre os que se oferecem, dentro da comunidade na qual participam os foliões, para organizar a festa da chegada da bandeira. O festeiro ou a festeira são substituídos a cada ano e os motivos desse oferecimento/escolha geralmente estão ligados à pagamentos de promessas. Não é imprescindível que o festeiro seja um folião, mas é necessariamente um *seguidor* da Folia, um *adepto*, um devoto, enfim uma pessoa que compõe a assistência. Geralmente a Folia sai da casa do festeiro, onde também é realizada a festa da chegada. No ano em que assume esse compromisso com o grupo, o

³⁹ Depoimento de Maria de Lourdes Bonilha.

⁴⁰ Depoimento de José Domiciano de Souza.

festeiro acompanha o giro todo com os foliões, pois fica encarregado de organizar e armazenar em sua casa, a arrecadação em mantimentos que serão utilizados na festa da chegada. Ele é encarregado também da preparação do presépio e outros adereços, como os arcos de bambu enfeitados, bandeirinhas, letreiros, etc, necessários ao desenvolvimento do ritual no dia da saída da bandeira, e no dia da festa da chegada. A refeição servida no dia da saída geralmente é uma oferta do festeiro, mas as comidas e bebidas da festa da chegada são feitas com os ofertas recebidas durante o giro.

A *passagem do festeiro*, ou seja a escolha do novo festeiro para o ano seguinte é feita na festa da chegada, e esse ritual varia de grupo para grupo. Em algumas companhias o novo festeiro é simplesmente anunciado pelo gerente ou pelo embaixador, como é o caso do Grupo Folclórico Campinense e da Companhia de Reis Comunidade de São Francisco; em outras o festeiro se apresenta nesse dia, trajado de rei, usando coroa e é realizada uma cerimônia de coroação, com cantorias específicas, como acontece na Companhia de Reis do Jardim Yeda.

Alguns grupos não possuem a tradição de festeiro, sendo que essa função se confunde com a do dono da Companhia, que significa o dono da bandeira. Nessas Companhias a característica do giro é diferente, pois a saída e a chegada da bandeira acontecem sempre na casa do dono da Folia, como é o caso da Companhia de Reis do Parque da Figueira, da Folia do *seu Dilino* e da Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria.

Função do gerente

*Gerente é o que dirige a turma, prá onde que vai. O embaixador, o serviço dele é embaixar mesmo. E pode ser embaixador e gerente, mas o certo é cada um no seu lugar.*⁴¹

O gerente de uma Companhia de Reis é responsável por todos os aspectos organizacionais do grupo: desde a elaboração do roteiro das visitas, a solicitação antecipada de almoços, jantares e eventualmente de pouso para os foliões, a manutenção

⁴¹ Depoimento de Genésio Machado da Silva.

das fardas e dos instrumentos musicais, o controle sobre a disciplina e assiduidade, até a administração das arrecadações.

Em alguns grupos essa função passou para o domínio feminino

Função das mulheres

*Lá ia só os folião. Às vezes acompanhava, mas papai não gostava disso não, que acompanhava. Negócio de mulher, assim, ele não gostava que ia. Mulher que não era casada, ele não gostava que ia. Nós só ia quando era para ver eles no dia da festa. Aí ia bastante gente, tinha umas colegas, já tinha aquelas mulher prá cozinhar.*⁴²

Enquanto componentes de uma sociedade tradicional rural, a participação das mulheres nas Folias de Reis estava associada à três momentos do evento: a saída da bandeira, receber a Folia durante o giro e a festa da chegada.

A saída da bandeira bem como a festa da chegada eram momentos da vida social que envolvia a ampla participação de todas as famílias da comunidade. Durante o giro da Folia, enquanto os homens percorriam os sítios para arrecadar os donativos para a festa de encerramento, às mulheres era vedada essa atividade; elas permaneciam em casa, e a sua função era preparar o presépio, eventualmente o lugar para a pousada e a refeição que seria servida para os foliões. Raramente as moças tinham permissão para acompanhar a Folia e quando isso acontecia era somente durante o dia pois retornavam para seus sítios à tarde.

Com a transposição para a cidade, a presença feminina nas Folias tornou-se mais freqüente, ao mesmo tempo em que as mulheres assumiram novos papéis na vida social, tornando-se assalariadas e responsáveis por uma parcela da renda familiar. Com a instalação dessas populações nos bairros urbanos, foram essas mulheres que lideraram alguns movimentos de reivindicação por infra-estrutura básica.

*Água encanada não tinha, nós pegava água de poço. Tem uma senhora que cedia água prá nós e minha filha carregou água um ano na cabeça prá usar em casa. Até que as mulheres se juntaram aí, foram na Prefeitura e obrigou a turma trazer água de caminhão e logo fizeram a ligação de água na rua.
Pergunta: E na Folia elas também participavam ?*

⁴² Depoimento de Ilda Silva de Souza.

*Elas não acompanhava porque tem as obrigações de cuidar da casa. Mas quando recebe a Folia na casa elas estão lá, participando.*⁴³



F1

*O rapaz chegava do sítio, já ia prá casa da minha mãe, Maria Mendes. Ela ajudava arrumar serviço prá turma. A turma sempre reunia em casa. Esse era o ponto de encontro da Folia, na Pompéia. E minha mãe era madrinha da Folia.*⁴⁴

Ao assumir funções de liderança e organização nesse momento de integração à vida urbana, as mulheres incentivaram a reorganização das Folias e passaram a acompanhar os grupos de foliões nos finais de semana.

*Eu trabalhei durante o tempo da eleição, trabalhei pegando voto. Aí eu pedi ônibus prá vila. (...) Água também demorou prá encanar. Aí as mulher se juntou e tomou a peito. Então fomos abrindo a vila, até que ficou povoado desse jeito. E aí veio a Companhia de Reis, já foi organizando mais o lugar, foi movimentando mais.*⁴⁵

⁴³ Depoimento de João Silvino de Faria.

⁴⁴ Depoimento de Sebastião Manuel Mendes.

⁴⁵ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.

A presença feminina na Folia foi importante também para atenuar as repressões da Igreja e das autoridades policiais, que ocorreram com bastante frequência nos anos 70. Todas as Companhias de Reis recém formadas na cidade eram obrigadas a solicitar autorização de algumas paróquias e uma autorização oficial na Prefeitura Municipal. Essa autorização, na forma de um memorando emitido pela Assessoria de Turismo, permitia que os grupos desfilassem pelas ruas da cidade no período natalino, ressaltando que desempenhavam uma função que tinha sentido e objetivo turístico-religioso, sendo obrigatório o porte desse documento.

Perante os poderes públicos, a presença feminina nas Foliás reforçava principalmente o caráter familiar, tradicional e religioso, sendo que os grupos que eram guiados por bandeireiras raramente eram parados pelos policiais, ao contrário dos que eram estritamente masculinos.

Do ponto de vista dos grupos de foliões, essa presença foi fundamental no que se refere à disciplina, indispensável para o funcionamento do trabalho devocional. Os depoimentos de José Rodrigues de Faria e de Maria Conceição Reis de Faria enfatizam a importância da participação feminina na Folia:

A Bete ela faz o mesmo papel do meu pai. A Bete na nossa companhia ela que é a chefe, ela comanda tudo. Porque no ano que meu pai faleceu, ela falou assim: 'olha, eu vou ajudar vocês'; aí naquele dia ela passou a ser a bandeireira e a nossa chefe. De maneira que no grupo às vezes quando ela não tá, o grupo também não se sente muito legal em falta dela. Porque é o lugar do meu pai que ela tá ocupando. E prá nós foi até uma vantagem, porque no começo, até que formou outra companhia, porque eles gosta de beber e a Bete cortou. Então a Bete, como ela cortou, eles fizeram outra companhia, prá eles beber à vontade. Então a deles o chefe é homem. Quando acaba a Folia eles pode beber, mas acontece que a nossa, em trabalho não tem bebida. (...) As mulher tem muita importância porque é mais disciplina que a gente tem, a gente é mais vigiado, elas pega no pé. E outra, se elas tá acompanhando, é bom, sabe porque? Que às vezes você passa numa casa tem aquelas moças, as mulheres: 'aí que vontade de acompanhar, mas só tem homem, eu não vou'. Então, se tá vendo as mulheres ali junto, elas puxa as outras e vai prá frente.⁴⁶

⁴⁶ Depoimento de José Rodrigues Faria.



C8

Eu desde pequena que eu já conhecia Folia. Mas não lembrava muito bem, porque a gente era muito pequena. Desde Minas que eu lembro do meu pai, do finado meu pai, os meu avós já era, mas só que era bem diferente que eu não consigo lembrar muito mais como é que era. E depois sempre morava no Paraná, e eu sempre via cantar, e toda vez que cantava, era época deles cantar, eles passava em casa, e minha mãe sempre recebia. Eu sempre adorava, sempre gostei. E agora depois eu conheci ele em Folia de Reis, aí a gente casou, todo ano ele saía, eu saía junto também. E aqui também, todo lugar que dá prá mim ir, eu vou. Mesmo cantar, acompanhar. Sempre todo ano vem as Folia de Reis almoçar em casa, entendeu. Eu acho que também serve prá eles ficar mais forte, porque a gente dá um apoio. Quando tem excursão, quando tem que vai na Aparecida do Norte, então sempre eu procuro ir em tudo. E eu gosto, chego lá e fico prestando atenção em todas as Companhias, porque lá no Tambau é muita Folia de Reis. Então, às vezes eu no mesmo instante que eu tô lá junto com eles, que eles tão ensaiando, tão afinando instrumento, mas no mesmo instante que eu tô lá eu já tô lá onde tá a festa. Eu já tô lá prestando atenção, ali eu sei donde que uma é, da outra... (...) as mulheres ajuda organizar as coisas, organizar a festa, mesmo trabalhar na festa. Mesmo prá cantar, tem muita mulher cantando.⁴⁷

Eu cantava de contra-mestre. Cantei muito tempo, Nossa Senhora! Cantava e tocava requê. (...) As mulheres pode acompanhar, o respeito é o mesmo. Esses folião meu respeita todo mundo. E depois: eu tô no meio, eu dou a ordem.⁴⁸

⁴⁷ Depoimento de Maria Conceição Reis de Faria.

⁴⁸ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.



L22

Além de assumir a função de bandeireiras, chefes dos grupos, cantadoras e tocadoras de instrumentos, as mulheres continuam com a tradicional função de organizar o momento mais importante para os foliões, que é a festa da chegada.

É as mulheres que incentiva. Principalmente numa chegada de Reis, igual foi aqui em casa, as mulheres que cuidou. Minha esposa, minha mãe, minhas filhas...Então é nessa parte que as mulheres aparece nas Foliás de Reis, porque ali vem as coisas de comidas e tem que ser elas que cuidam, sabe distribuir. É o que dá apoio prá gente.⁴⁹

Nós cuida da Folia. A gente se prepara, eles tão andando, às vezes fala: 'olha, vocês prepara o almoço, porque hoje vai ser o almoço aqui'. Então a gente já vai preparar o almoço, que eles vem almoçar. Aí chama um, chama outro, que é bastante comida que faz. Então a gente prepara tudo e faz. Faz as

⁴⁹ Depoimento de José Aparecido Dias.

*roupas também; agora esse ano vai ter roupa nova, porque essas daí já tão meia desbotada, então vai fazer roupa nova.*⁵⁰

*Esse ano nós fizemos a lista do mantimento que arrecadou. Tem que anotar tudo que ganha. Foi cento e vinte quilos de arroz, dezoito quilos de feijão, vinte e dois de macarrão, açúcar foi doze quilos, seis de farinha de mandioca. O óleo era doze litros de óleo, a gente usou prá temperar as batatas. Foi quarenta quilos de batatinha que nós usamos na festa.*⁵¹



A4

Algumas Companhias de Reis, no dia da festa da chegada, realizam um ato dramático da visita das pastorinhas e dos anjos, e esses personagens são representados pelas moças jovens:

*O meu avô e o 'seu' Pedro que pediram prá gente vestir de pastorinha. Se quisesse, não era obrigado. O 'seu' Pedro sempre falava assim: 'uma hora eu tinha vontade de fazer de pastorinha, mas não tem roupa, não tá tudo pronto'. Aí ele explicou que tinha que fazer os mantos e foi um corre-corre. A minha avó tinha uns tecidos aí guardado de corte de camisa, e todo mundo ajudou.*⁵²

⁵⁰ Depoimento de Santana Marciana Dias.

⁵¹ Depoimento de Marilda Aparecida Dias Frois.

⁵² Depoimento de Juliana Aparecida Dias.



A10

Uma função recente nas Folias Reis, que ficou a cargo das mulheres, é a de registrar fotograficamente o ritual. Em todos os grupos pesquisados, atualmente são as mulheres que fotografam, e em geral são homens que manipulam as câmeras de vídeo. A maior parte das fotos que compõem essa pesquisa foram feitas por mulheres: esposas, filhas, netas, sobrinhas e noras dos foliões.⁵³

⁵³ No capítulo seguinte será feita uma descrição mais detalhada de cada grupo de Folia de Reis pesquisado e o papel das mulheres.

2.4 - O povo inventa...⁵⁴

Embora o processo de transmissão das Folias de Reis vise também a continuidade dessa cultura através das gerações, e seja visto de fora do grupo como marcado por uma tendência de manutenção e reprodução das tradições, funcionando como um conjunto unificado, isso não corresponde à realidade. Existe uma constante produção inovadora que traduz e gera mudanças. Essas inovações vão sendo introduzidas pelos indivíduos que assumem as funções de mestres, bandeireiros, palhaços e foliões em geral.

Numa cultura oral, os mais jovens aprendem ouvindo os mais velhos e tentando imitá-los. O que eles aprendem não são textos acabados, mas um vocabulário de fórmulas, motivos e as regras para a sua combinação, como uma espécie de gramática poética, que facilitaria a capacidade de improvisação. A improvisação permite uma margem de criação individual dentro da produção coletiva, pois se um indivíduo produz inovações apreciadas pela comunidade, elas serão imitadas e passam a fazer parte do repertório coletivo da tradição. Se as inovações não são aprovadas, desaparecem, pois o grupo seleciona ou descarta o que não é memorável.⁵⁵

Apesar de todas as inovações possíveis, decorrentes também da participação desses grupos Folias de Reis em uma sociedade urbana que permite maior acesso às informações e novidades, existe uma concorrência pela manutenção da continuidade da memória coletiva. As pessoas que participam dos grupos de Folias de Reis enfocados possuem diferentes origens geográficas, vivenciaram o processo migratório em diferentes momentos e de formas diversas, foram se inserindo na sociedade urbana sob condições variadas. Consequentemente usaram recursos múltiplos para a reorganização da Folia na cidade, a qual envolveu sobretudo um trabalho de negociação de memórias. Os indivíduos constroem suas memórias a partir das relações vividas no interior do grupo social do qual participam e esse grupo nunca permanece o mesmo, fixo e imutável nas diferentes épocas e lugares. As imagens - individuais e coletivas - do passado são recriadas e atualizadas a partir das transformações do presente.⁵⁶

⁵⁴ Extraído do depoimento de Genésio Machado da Silva.

⁵⁵ Ver BURKE, Peter. *A cultura popular na idade moderna*, p. 166

⁵⁶ Ver HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, pp. 25-52

A memória coletiva, fruto das interações e vivências das diversas memórias individuais, gira em torno de uma estrutura fixa, que é o modo de estar no mundo, de ser, de agir do grupo: elementos que caracterizam a identidade coletiva. O que garante a coesão é que as variações girem em torno de uma estrutura fixa. Por isso, em todos os grupos pesquisados, essa estrutura fixa é a mesma, e usando os termos dos foliões: todas as Folias seguem o *mesmo fundamento*, mas cada grupo tem o *seu sistema*, decorrente dessas variações, e os foliões podem mudar de Companhia se adaptarem-se melhor ao modo de trabalho do outro grupo.

Capítulo 3

Eternos viajantes

*Os três Reis veio de longe
Cansado de viajar
Batendo de porta em porta
E os dono da casa saudar¹*



C7

O estudo da construção e transmissão das memórias das Folias de Reis não pode ser restrito ao momento do ritual, porque a representação dramática da Folia é uma manifestação simbólica permeada por relações sociais que foram tecidas no cotidiano de um passado rural, um universo onde crença e trabalho estavam indissociáveis. Para entender como essa prática coletiva foi recriada é importante perceber como foram e são forjados os elos de ligação entre as pessoas que a sustentam em um cotidiano urbano caracterizado por tempos e espaços fragmentados.

A maior parte dos foliões de Reis que hoje estão em Campinas, apesar das diferentes procedências regionais, possuem em comum a experiência de ter vivido, até os anos sessenta, em agrupamentos rurais na condição de sitiantes, parceiros, meeiros ou colonos de pequenas fazendas:

¹ Quadra cantada por José Rodrigues de Faria.

Adelino e Ilda tinham uma fazendinha em Lontra, perto de Montes Claros no Estado de Minas, moraram em Adamantina, em Lucélia e depois vieram para Campinas. Alcides é de Fernandópolis, na verdade um distrito de Fernandópolis chamado Lusitânia. Genésio é de Muzambinho, mas nasceu em um arraial chamado Moçambo. Roque, Julia, Manuel, João Silvino e os outros parentes são do bairro rural Santa Quitéria em Caconde. Samuel trabalhava na lavoura em Jau. João é de Guaranésia. Santina e José vieram de São Pedro da União, Estado de Minas. João Marcelino veio de Terra Roxa, comarca de Pitangueira, no Paraná mas nasceu em Livramento na Bahia. Manuel Atanásio é de Pernambuco, morou em Goiás, depois em Capelinha do Norte e em Araguari no Estado de Minas. Ana Rita é nascida em Montes Claros, mas foi criada em Irerê, perto de Londrina. Saturnino veio de Monte Santo de Minas. José é de Pouso Alegre. João Pereira é de Londrina. Maria e Albertino são de Garanhuns, estado de Pernambuco. Maria Rodrigues é de Pavão, uma cidadezinha perto de Teófilo Otoni. Hugo é de Alterosa, Minas Gerais. Luzia é do Alagoas, mas foi criada no Paraná. A Januária de Jesus veio da Bahia. João Faustino é do Norte de Minas. A Francisca veio da Paraíba e o Ataliba é mineiro de Santa Rita do Sapucaí. João Balduino é de Machado, no Estado de Minas, mas foi criado em São José do Rio Pardo. João Saraiva nasceu em Adamantina, no Estado de São Paulo, mas a mãe é de Guaxupé e o pai de Barra Mansa, Estado do Rio. Josino Pereira é de Jequitinhonha, Minas e foi criado lá, mas foi criado também na antiga Água Preta, estado da Bahia, quase divisa com Minas. Sebastião e Lúcia são de Cabo Verde, Minas. Pedro, cujo apelido é Goiano, nasceu em Muzambinho mas foi para Goiás antes de chegar em Campinas. José Aparecido e Santina vieram de São Sebastião do Paraíso. José Rodrigues nasceu em Carbonita, comarca de Diamantina, mas foi para Cascavel no Paraná onde se casou com a Conceição, que é de Montes Claros.

A estrutura básica da sociabilidade rural - seja no Estado de São Paulo, em Minas Gerais ou na Bahia - são os grupamentos de famílias numa rede de vizinhança, os quais recebem diferentes nomes dependendo da região: patrimônio, povoado, arraial, vila, bairro ou simplesmente roça.

Considerando a similitude na organização da vida nesses grupamentos rurais, nos quais se originaram as Folias de Reis existentes hoje em Campinas, recorri à algumas

pesquisas na área da Sociologia Rural, que fornecessem um suporte para a compreensão da função social da religiosidade popular em grupamentos, dentro dos quais as relações de ajuda mútua, as relações de compadrio e a participação nas festas religiosas eram importantes fatores de integração.² Essas relações, de certo modo, suplantavam as diferenças de nível econômico nas lembranças que as pessoas trazem da vivência no lugar de origem. Nelas há pouca referência à essa distinção e, mesmo onde ela aparece, pode-se perceber a tendência igualitária desses grupamentos, nos quais o prestígio é adquirido mais pelas qualidades pessoais do que pela posse de bens materiais.

Consultando Pereira de Queiroz (1973) e Mello e Souza (1973) pode-se perceber através de suas pesquisas que nas zonas não invadidas pela agricultura de exportação nem pela agricultura comercial havia realmente pouca diferenciação social entre pequenos fazendeiros, sitiantes e parceiros, e que essas camadas compartilhavam a mesma rusticidade em termos de técnicas e o mesmo tipo de vida, muito simples, em termos de consumo, situação que foi gradativamente alterada com a influência da economia capitalista.

É importante enfatizar que na presente pesquisa, ao se adotar a metodologia da história oral temática, a ênfase de todos os depoimentos está na Folia de Reis e em nenhum depoimento, a diferenciação social entre fazendeiros, sitiantes e empregados aparece como dificuldade para as Folias de Reis.

Ao contar sobre o começo da Folia na época em que eram sitiantes e moravam no bairro rural de Santa Quitéria em Caconde, João Silvino de Faria e Roque José de Faria

² As relações de compadrio entre a população rural brasileira foram explicitadas por Lucila Brioschi: “Pelo ato do batismo, a criança, além dos pais biológico, passa a contar com os pais espirituais - os padrinhos. Estes tornam-se responsáveis pela educação moral e religiosa do afilhado. Em caso de morte ou ausência dos pais, essas obrigações vão além da proteção espiritual, estendendo-se aos cuidados com a sua sobrevivência. Por sua vez, os afilhados devem respeito e consideração aos padrinhos, como reconhecimento de sua autoridade. A importância atribuída à relação entre padrinhos e afilhados ultrapassa, pois, o seu significado religioso e a instituição compadrio passou a marcar grande parte das relações sociais. As amizades, o parentesco, a posição social dos indivíduos, eram fatores que pesavam na escolha dos padrinhos. O compadrio tornou-se pois, um sistema de relações espirituais que emana da Igreja, e uma instituição social integrada e que faz parte da vida cotidiana dos brasileiros. A importância do compadrio no conjunto das práticas sociais da população brasileira é muito antiga e ainda permanece entre segmentos mais tradicionais da população. A sua forte presença foi constatada ainda no século XX entre sitiantes tradicionais no Estado de São Paulo. Nessa população, o compadrio foi percebido como um reforço das relações de parentesco e mais ainda dos laços de vizinhança. As escolhas dos padrinhos exprimem muito das sociabilidades locais.” A

explicitaram as relações de proximidade que podiam se estabelecer entre as diferentes camadas sociais que compartilhavam o mesmo espaço da sociabilidade:

*E quando tomamos conhecimento da Pastoria de Menino lá na nossa terra, é um senhor de Minas chamado... Artur Bitencurte, mais ou menos isso aí. O seu Artur foi trabalhar lá como empregado, trabalhava lá pro pessoal lá. Pessoa muita chegada, convocou lá prá ir lá, fazer o ensaio da Pastoria de Menino que ele já conhecia lá em Minas. Aí o pessoal concordaram, ele mostrou lá como é que fazia, e aí começou. Com a ajuda dele começou a Folia de Menino que o nosso pessoal não tinha conhecimento disso aí.*³

*Em 1942 nós passamos na casa de um fazendeiro com a Folia e dois folião foi pousar na casa do filho dele que era casado e morava pertinho. E aí o rapaz falou prá ele assim: 'pode dormir à vontade que eu vou levantar cedo, que amanhã nós tem o mutirão de capinar milho'. Mutirão é assim: junta bastante gente prá fazer um serviço só, né? Então, 'nós tem o mutirão prá capinar milho, mas... você pode ficar dormindo. Nós vamos pegar cedo, prá sair com a tarefa.' Era de tarefa... Quando ele levantou, você precisa de ver a roça, ó... era só enxada que parava. Quando foi na hora do almoço todo mundo já tava junto de nós.*⁴

Adelino Gonçalves de Souza e Ilda Silva de Souza explicaram como as práticas de auxílio mútuo estavam indissociáveis das atividades lúdico-religiosas em Lontra, que fica perto de Montes Claros, no estado de Minas Gerais:

*Ilda: Lá no nosso lugar plantava roça, cada um tinha a roça deles e botava gente prá trabalhar, prá limpar, prá quando chegasse o dia vinte e quatro já tá tudo pronto o serviço deles.*⁵

*Adelino: Fazia um mutirão, que nem eles fala aqui. É juntar numa roça de um, carpir, depois vai passando na outra, até acabar tudo, né. E aí agora a turma ia sair na Folia, a roça tava tudo limpinha, ia folgado, né. Não ia pensar na roça com mato.*⁶

Apesar da noção de pertencimento a um lugar e a um grupo, uma parte considerável dessas populações tinha um estilo de vida itinerante, ocasionando consecutivos abandonos, por parte de algumas famílias, das regiões desgastadas e a apropriação de novas áreas para

autora cita FUKUI, L. F. G. *Sertão e Bairro Rural*. Ver BRIOSCHI, Lucila R. (e al.) - *Entrantes no sertão do Rio Pardo: o povoamento da freguesia de Batatais - Século XVIII e XIX*, p. 261

³ Depoimento de João Silvino de Faria. Em outro momento da conversa, não registrado em gravador, João Silvino acrescentou que 'seu' Artur trabalhava de ambulante, ou seja, temporariamente em cada sítio.

⁴ Depoimento de Roque José de Faria.

⁵ Depoimento de Ilda Silva de Souza.

⁶ Depoimento de Adelino Gonçalves de Souza.

o reinício do cultivo.⁷ Então, tradicionalmente os grupamentos rurais eram abertos e receptivos às novas famílias, sendo que a incorporação dos recém-chegados dependia principalmente do envolvimento nas festas religiosas e no trabalho coletivo.

A composição interna de tais comunidades era, portanto, variável, resultado das constantes migrações familiares, mas apesar disso eles “constituíram estruturas consistentes e duráveis” e forneciam a essas pessoas um sentimento de pertencer a um grupo. Não necessariamente a um lugar, porque “o bairro era uma unidade social móvel no espaço geográfico brasileiro (...) e embora ocupando lugar geográfico que se pode determinar com precisão, o bairro não está nele implantando de modo imutável.” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1973, p. 51 e 54)

Esses grupos tinham como característica, portanto, a construção do espaço social enquanto um lugar efetivo de práticas coletivas elaboradas ao longo do tempo: o trabalho do dia a dia, os conhecimentos sobre a natureza, os modos de troca com o sagrado, as táticas de sobrevivência.

Se a Folia de Reis, seguindo a tradição tinha uma época certa: de 24 de dezembro a 6 de janeiro e a produção dependia das condições da natureza, na medida em que não tinham recursos tecnológicos como a irrigação, então a condição necessária para que todos pudessem participar da realização da festa, era a organização de mutirões, para não haver prejuízo nas atividades agrícolas. E esse princípio era o mesmo para as festas juninas, conforme explicou Roque José de Faria:

Na roça, o arroz plantava em novembro ou dezembro para colher em abril. O milho plantava em agosto, e colhia em dezembro. Depois que terminava a Folia plantava o feijão e colhia em abril ou maio. Em agosto plantava a batata e colhia em novembro. Tudo depende da chuva, porque tem as planta das

⁷ Pereira de Queiroz ao apontar a importância sociológica desta camada de pequenos proprietários rurais esclarece que em 1950 ainda havia uma grande quantidade de pequenos proprietários e lavradores vivendo do produto da policultura de subsistência. “Enquanto as grandes monoculturas de exportação não cobriam senão quatro milhões de hectares em 1950, as pequenas culturas de subsistência se estendiam pelo menos por quatorze milhões de hectares no país. (...) Além disso, a passagem de proprietário a arrendatário ou a parceiro é freqüente, e se efetua em geral mais de uma vez durante a vida do lavrador. Pode trabalhar durante certo tempo nas terras de um vizinho e voltar a cultivar um pouco mais tarde a sua. Deixada em descanso durante certo período, a terra recobra fertilidade e dá colheitas mais abundantes. O cansaço do solo cultivado durante largo tempo sem nenhum cuidado; a existência, ao lado de sua propriedade, de outra com terras ainda incultas, determina muitas vezes tal comportamento. Ver PEREIRA DE QUEIROZ, *O campesinato brasileiro*, pp. 49-50.

águas e as planta da seca. Tem aquelas que planta em setembro, e colhe em dezembro, às vezes planta em agosto, depende tudo da chuva, porque naquela época não tinha irrigação. A festa junina era depois da colheita da seca e depois os folião reunia para rezar o terço cantado.

Havia, portanto, uma intrínseca ligação entre o calendário religioso e o da produção agrícola, resultando em duas festas principais, as juninas e as de Reis, encerrando e comemorando a fartura de dois ciclos produtivos.⁸

As festas de Reis, que interessam a essa pesquisa, comemoravam a colheita das *plantas da seca*; sendo que o *dia da chegada* marcava o encerramento do ritual e o recomeço do cotidiano, tempos distintos e complementares, cuja continuidade era garantida pela certeza da Folia no ano seguinte.

O *tempo da Folia* estava garantido, o que não podia estar certo é se sairiam com os mesmos foliões no ano seguinte. Talvez seja por isso que todos expressem a mesma melancolia ao se referir à festa da chegada que paradoxalmente é o dia da despedida da bandeira e dos companheiros: *é triste porque a gente não sabe se vai encontrar todos folião tudo de novo.*⁹

De fato, o tipo de vida dessas comunidades rurais vinha sofrendo alterações desde o começo deste século com uma ocupação mais sistemática do território a partir da divisão das melhores terras entre os grandes proprietários, respondendo aos interesses políticos e econômicos dominantes. Como consequência os pequenos proprietários e os meeiros tiveram poucas alternativas: foram expulsos, ficaram ilhados ou foram incorporados na situação de agregados dos grandes fazendeiros. Essa última alternativa deixou de ser interessante para os fazendeiros, principalmente com o novo estatuto do trabalhador rural em meados dos anos 60, obrigando a extensão dos direitos trabalhistas ao homem do campo. Uma das consequências foi o aparecimento dos bóia-frias, na medida em que deixou de ser interessante para os fazendeiros arcar com os custos da relação de trabalho para manter trabalhadores permanentes e agregados nas fazendas.

Antônio Cândido faz uma descrição e análise dessas alternativas principalmente sobre a situação dos meeiros, os que ficaram ilhados, mostrando que todo esse processo

⁸ Ver PEREIRA DE QUEIROZ, M. Isaura. "Calendário religioso e festas na antiga civilização caipira do Estado de São Paulo".

incrementou o nomadismo, que sempre esteve presente, porém em menor grau, nas populações brasileiras mais pobres.¹⁰ Nessas migrações mais recentes os grupos se movimentam em busca de zonas pioneiras, principalmente no Estado do Paraná ou em busca dos centros urbanos, onde havia concentração industrial.

Essas pessoas que viveram e ainda vivem na busca de lugares que propiciem os meios de sobrevivência, contam que vieram para Campinas porque:

*A gente mudou porque, você sabe, o Estado de Minas é um lugar muito pobre. Então vinha ficando difícil, e naquele tempo a turma falava: 'eh, vamos embora prá São Paulo, porque lá nós rasta dinheiro com rastelo', mas era rastelar café, a turma pensava que era dinheiro.*¹¹

*Campinas naquele época tava com negócios, serviços. Neguinho dava uma batida na poeira da calça, tava empregado. Mostrou calo na mão, era carteira de trabalho.*¹²

Ao traçar um mapa da trajetória de quatro grupos de Folias de Reis em Campinas, enfocados nesta pesquisa, foi possível perceber que apenas os componentes de um grupo vieram direto da região de origem para Campinas. Os outros, depois que saíram das regiões expulsoras ficaram cerca de quinze anos numa situação nômade entre o Paraná, Goiás, oeste do Estado de São Paulo, antes de chegar em Campinas.

Rosana Baeninger, ao reconstruir historicamente os movimentos migratórios para Campinas, apontou que a partir dos anos 50, a cidade apresentou um crescimento positivo nos setores econômico, educacional, e de saúde, atraindo um grande contingente populacional. A maior parte dos migrantes que chegaram em Campinas eram procedentes do Estado de Minas Gerais, embora nos anos 70 a maior parte tenha vindo do Paraná, destacando também uma grande população proveniente da Bahia e Pernambuco.¹³

Em suas andanças, em grandes grupos ou de famílias isoladas, esses migrantes carregaram entre outros costumes, a devoção *ao Santo Reis*, que se ajusta ao modo de ser

⁹ Depoimento de Saturnino Francisco.

¹⁰ Ver MELLO E SOUZA, Antônio Cândido, *Os parceiros do Rio Bonito*, p. 222.

¹¹ Depoimento de José Rodrigues Faria.

¹² Depoimento de Sebastião Manuel Mendes.

¹³ Ver BAENINGER, Rosana. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e expansão do pólo industrial paulista*, pp. 50-54.

itinerante, na medida em que se consideram descendentes dos Três Reis e devem continuar a sua missão na procura pelo Menino Jesus:

Os povo vai mudando, vai indo embora. Às vezes os folião muda, aqueles folião da gente muda. Santo Reis sempre manda outro. Então chega outro e vai continuando, é a mesma coisa. Quem tem a bandeira, ela não pode parar.¹⁴



C2

Reis viajantes, foliões itinerantes, na inacabável viagem entre tantos Estados, alguns grupos de Folia da região de origem se perderam e outros se formaram. Mas os foliões, com os antigos companheiros ou reorganizados em novos grupos rememoram anualmente o giro da bandeira - que simbolicamente sempre volta ao ponto de partida - mantendo a característica da sociabilidade rural de funcionar como sistemas abertos, permitindo êxodos e imigrações, desde que os novos integrantes passem a participar de maneira efetiva na vida da coletividade.

O folião, além de ser um folião é um devoto e um companheiro. Então se eu entro numa folia, e me apresentei: 'sou fulano de tal'. Quando comecei a cantar, parecia que fazia cinquenta anos que eu cantava com eles. Porque é a

¹⁴ Depoimento de José Rodrigues de Faria

*mesma linha. A única diferença é a toada, uns canta num ritmo, ou no outro, uns é mais lento... Mas é tudo uma irmandade. O folião, não importa de onde ele seja, é bem vindo onde ele chegar.*¹⁵



G3

A chegada dessa população, necessária para o desenvolvimento industrial da cidade, resultou numa nova forma de ocupação e parcelamento do solo, expandindo-se os loteamentos fora da área urbana. E foram nesses bairros incipientes e ainda sem infraestrutura, situados próximos às rodovias Anhanguera e Bandeirantes que se fixou essa população que deu origem aos grupos de Folias de Reis na cidade.

Na fase inicial de adaptação ao novo ambiente, apesar da expectativa de melhoria nas condições de vida, as relações que se estabeleciam eram frágeis, decorrentes da dificuldade de assimilar e responder às rápidas transformações, portanto os migrantes retornavam provisoriamente, mas com uma certa frequência às suas regiões de origem ou ao lugar onde ainda podiam encontrar parcelas do seu grupo de referência cultural: parentes e conhecidos. Esses retornos aconteciam geralmente nos feriados do final de ano:

*No fim do ano eu já ia lá. Todo primeiro de janeiro eu tava lá. Que a Folia sai dia 25, mas eu entrava de férias dia primeiro de janeiro, então pegava o noturno, já ia direto embora. Já vestia a farda de bastião, que a turma lá já tava esperando.*¹⁶

¹⁵ Depoimento de João Leandro Sobrinho.

¹⁶ Depoimento de Genésio Machado da Silva.

Nas lembranças o sentimento de nostalgia aparece relacionado aos momentos de festas, à fartura de comida, ao encontro de todos os vizinhos e conhecidos:

A nossa chegada lá é muito bonita, ninguém sabe explicar. Com esse dia tinha cozinhamento, aquele cozinhamento de tanta comida, dava prá todo mundo. Matava porco, matava boi, aquele festão direto. Eles matava boi de arroba e botava tudo na festa.¹⁷

“Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto” (POLLAK, 1989, p.8) e a outra face das memórias dos migrantes mostra que o cotidiano rural passou a ser visto como sofrimento, e o êxodo como única opção frente às transformações da realidade:

Então a gente lá era muito difícil. Aí falei: ‘Vamos prá Apucarana no Paraná, lá é só café’. Então a gente foi formando café aí pro Paraná, e uma família vem, vai puxando a outra. É que nem o caso de hoje: o Zicão que trouxe nós prá cá. Às vezes dava saudade e a gente ia visitar a turma, reunia os folião, mas lá tava tudo desanimado, muito sofrido. Foi quando a gente veio prá cá e arrastou quase todo mundo. Você vai entender, hoje tá quase todo mundo do Paraná aqui.¹⁸

À medida que as comunidades rurais esvaziavam-se, concomitante ao povoamento das periferias urbanas, as viagens no sentido contrário ao trajeto migratório escasseavam e nos novos espaços geográficos, embora ainda descaracterizados enquanto cidade pela falta de infra-estrutura, foram se restabelecendo antigos laços sociais, bem como formas de solidariedade e ajuda mútua necessárias à sobrevivência nas condições urbanas. O auxílio para arrumar um local de moradia e trabalho para um parente e sua família, a ajuda para a construção ilegal do barraco em madeira, a organização do mutirão entre os vizinhos para a construção da casa em alvenaria ou a organização das mulheres para conseguir a distribuição da água nos bairros, são práticas de sociabilidade constantemente lembradas pelas pessoas, ao se referirem à época que chegaram em Campinas.

Ao estabelecer e ampliar essa rede de conhecidos nos locais de trabalho e de moradia, essas pessoas que compartilhavam uma memória sobre um passado de desagregação da sua condição socio-econômica e vivenciaram o mesmo projeto com

¹⁷ Depoimento de Adelino Gonçalves de Souza.

¹⁸ Depoimento de José Rodrigues Faria.

expectativas de um futuro melhor na cidade, tiveram condições de retomar algumas práticas culturais. Embora tenha ocorrido uma mudança radical daquele fazer cotidiano que envolvia um tipo específico de produção e de relação entre as pessoas, para novos hábitos, adequados à sociedade urbana, as alterações na vida lúdico religiosa, do ponto de vista dos foliões, foram menos profundas, porque foram encontradas formas de adaptação. Se as exigências dos novos padrões de produção e de consumo determinavam que cada pessoa da família saísse de manhã para o seu trabalho individual, e só retornasse ao final do dia, reduzindo o tempo de contato familiar e vicinal diário, por outro lado, as frequências de reuniões familiares aos domingos aumentaram.

Com a aquisição da noção de um tempo de lazer semanal fora do trabalho, ocorreu um reordenamento da percepção espaço-temporal do cotidiano, e os antigos modos de viver, de relacionar-se com o trabalho e com o mundo lúdico-religioso, ficaram concentrados e encontraram formas de expressão sintetizadas nos finais de semana. Além disso, as facilidades de comunicação oferecidas pelo novo ambiente: serviços de transporte, e posteriormente o telefone, propiciavam os constantes encontros entre parentes e conhecidos espalhados por diferentes bairros. A maior parte das pessoas que vieram da zona rural, apesar das dificuldades encontradas, enfatizam que a grande vantagem da vida urbana é a facilidade de comunicação. O transporte coletivo é usado para o transporte físico e para mandar recados para pessoas de outros bairros; além disso, embora a maior parte não possua aparelhos telefônicos, usam muito essa forma de comunicação, deixando recados nos trabalhos ou com vizinhos. Muitos foliões acreditam que a vida na cidade facilitou a organização da Folia: calendário de saída e chegada, roteiro, ensaios, etc.

Mesmo que o uso desse tempo de lazer tenha, na maior parte das vezes, um caráter produtivo, como por exemplo a realização de um mutirão, para a construção de suas moradias na cidade, *sempre depois da turma trabalhar arrumava um jeito de pegar a viola, ajuntar os povo e lembrar aqueles tempo nosso lá.*¹⁹

Nesse processo de negociação entre a adaptação aos novos padrões culturais e a manutenção de valores tradicionais, foi retomado um velho costume: sair com a bandeira de Reis. Como parte de um capital cultural de grupos sociais que não faziam uso da escrita,

¹⁹ Depoimento de Adelino Gonçalves de Souza.

os conhecimentos relativos às tradições das Folias de Reis foram conservados na memória dos mestres ou embaixadores, que durante as suas andanças por diferentes regiões foram recriando o ritual. Em Campinas reassumindo o seu papel de mantenedores da coesão do grupo, vários mestres de Folias de Reis lançaram-se na tarefa de reunir seus antigos foliões ou arregimentar novos companheiros, inicialmente nas proximidades das regiões onde se instalaram.



F2

Quando eu vim prá cá em 70, a Folia tinha acabado. Aí tinha um senhor chamado Olivino, primo meu, era embaixador, ele teve a idéia de convidar o pessoal prá cantar a Folia na casa dele: 'é, vamos lá, vamos lembrar daqueles tempo velho nosso lá', chamando um, outro assim, foi indo, nós reuniu o pessoal na casa dele, começaram cantar Folia de Reis. Aí já combinaram de pro próximo ano sair, andar com a Folia aí na cidade. Aí começou agregar novamente e foi formando o grupo aí. Começou, a Folia começou andar, começou sair com a bandeira.²⁰

Os verbos *sair* e *chegar*, bem como os substantivos *saída* e *chegada*, são fundamentais na comunicação entre os foliões, porque definem dois momentos importantes do ritual. Mas o sentido do verbo *sair* extrapola o significado de ser apenas um momento

²⁰ Depoimento de João Silvino de Faria.

do ritual e o seu sentido abrange a existência do grupo: *a Folia do Castelo Branco não sai mais*, ou seja, o grupo se dispersou.

Sair com bandeira de Reis, significa ter um grupo de foliões organizados, cada qual desempenhando as suas funções rituais e mais do que isso, expressa a constituição de uma rede de relações entre pessoas que compartilham uma experiência e uma memória em comum.

*O Livinho, a Folia ia sair em dezembro, agora ele já começava ir na casa de todos folião, somando todo mundo, pedindo a colaboração de todo mundo. Ele chegava de noite, invés de descansar, não! Ele saía e ia em todos os folião, prá convidar prá Folia no fim do ano.*²¹

A manutenção desta prática cultural depende da existência, além do grupo da Folia, de uma quantidade de pessoas dispostas a receber o cortejo que bate às portas de suas casas oferecendo o serviço religioso, tendo como contrapartida algum tipo de oferta para a realização da festa da chegada. Ou seja, cada grupo funciona como uma corporação de especialistas em um trabalho devocional que depende de uma demanda, e a sua maior ou menor organização vai determinar a credibilidade perante a comunidade de devotos, e portanto a capacidade de arrecadação, o êxito da festa e a continuidade da Companhia.

Em Campinas, desde a chegada das primeiras levas de migrantes, provenientes principalmente de Minas Gerais, Bahia e Paraná, muitas Companhias de Reis formaram-se, algumas continuam próximas da composição original e outras fundiram-se sob a direção de um mesmo embaixador; algumas desapareceram mas permanecem as histórias da sua existência e os motivos do seu insucesso. Entre os vários motivos que levam ao desaparecimento de um grupo, dois são bastante citados pelos foliões: a falta de uma liderança forte na organização do grupo e a má fé de alguns líderes que visam somente o benefício próprio:

Eles saiu prá aproveitar dos outros. O dinheiro que ele pegou, ele comprou foi uma perua prá ele trabalhar. Ele fez só um quisuco lá no dia da festa. Eles pegaram bastante coisa e o dia na festa ele fez só um quisuco lá pro povo, uns

²¹ Depoimento de Sebastião Manuel Mendes.

*pão sem nada dentro, e na mesma semana ele apareceu com uma peruva nova. Aí depois ele parou, os folião não quis mais sair com ele.*²²

Desde o início dos anos 60 havia algumas Companhias de Reis percorrendo as ruas de alguns bairros de Campinas, principalmente os que estão localizados na região sul, entre as Rodovias Anhanguera, Bandeirantes e Santos Dumont: Parque Industrial, Vila São Bernardo, Vila Castelo Branco, Jardim Miranda, Cidade Jardim, Campos Elíseos, Jardim Santa Lúcia, Vila Pompéia, Jardim do Lago, Jardim Nova Europa e Parque da Figueira.

A partir dos anos 70 outros grupos de Folia apareceram, concomitante ao povoamento dos novos espaços urbanos na região do Distrito Industrial (conhecida por DIC) e do Jardim Ouro Verde. Os foliões mais velhos lembram que participaram de várias Folias (citando inclusive as que *não saem mais*), percorrendo esses bairros que constituíam a periferia do município onde moravam as pessoas que tinham vindo de Minas Gerais, do Paraná e dos Estados do Nordeste, e portanto gostavam de receber a bandeira de Reis.²³

A recriação das Folias de Reis na periferia de Campinas implicou em um movimento de reorganização, de forma que o ritual foi adaptado ao modo de vida urbano. Uma das mudanças é a seguinte: sendo uma festa popular “católica” do ciclo do Natal, as Folias originalmente davam o giro de vários dias, cantando e rezando em várias casas onde recebiam alimentos e pouso, além de ofertas para a festa de Santo Reis, que coincidia com a chegada da bandeira ao ponto de partida no dia 6 de janeiro. Em Campinas os foliões só podem dar o giro nos finais de semana, portanto, a saída da bandeira e dos foliões foi antecipada para o mês de novembro ou início de dezembro e a chegada pode acontecer até o final de janeiro.

Ser folião é ter algum conhecimento dos fundamentos, viver na Folia, o que permite não somente que a pessoa pertença a um grupo, mas transite por outros conjuntos. Os próprios foliões também podem mudar de grupo, procurando os *sistemas* aos quais melhor se adaptam, passando portanto a participar da produção da memória coletiva daquele grupo. “Maurice Halbwachs nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um

²² Depoimento de Santana Marciana Dias.

²³ Ver Anexo 1: Mapa de Campinas com localização dos bairros citados.

fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.” (POLLAK, 1992, p. 20)

Entre as várias Companhias de Reis que estão circulando pelos bairros da periferia de Campinas, mantive contato com os integrantes de seis, e acompanhei sistematicamente o ritual da Folia de quatro grupos: Companhia de Reis do Parque da Figueira, Companhia de Reis do *Seu Dilino*, Grupo Folclórico Campinense e Companhia de Reis do Jardim Yeda. A seguir farei uma descrição desses quatro grupos estudados, enfocando principalmente o processo migratório, a organização da Folia em Campinas, as regras estabelecidas para o funcionamento do ritual e a produção e circulação das imagens fotográficas e videográficas.

Cada grupo foi construindo a sua trajetória particular, constituindo-se enquanto um sistema de relações com uma organização específica, definindo os contornos sociais e geográficos que o diferenciava dos outros, mas existem momentos e espaços de interseção. Apesar das diferenças, eles mantêm entre si um sistema de relacionamento que pode ser exemplificado: as festas da chegada são marcadas em datas diferentes para que todos possam participar e muitas vezes os músicos de um grupo se juntam a outro grupo para ajudar na cantoria; a Companhia de pessoas de maior poder aquisitivo pode pagar uma promessa oferecendo os uniformes, um almoço ou uma bandeira nova para outra Companhia.

Os grupos de Foliás de Reis constituídos pelas pessoas mais pobres, na sua jornada de visitas às casas estão saindo cada vez mais dos bairros contíguos para visitar os foliões que se mudaram, pois essas populações continuam o seu processo de movimentação, tendendo a deslocar-se para bairros mais distantes ou mesmo para os municípios limítrofes, dada a inviabilidade de moradia em áreas de grande valorização.

O nomadismo continua fazendo parte da vida das pessoas mais pobres e a sua cultura sofre constantes ameaças, mas mesmo nessa situação limítrofe entre pertencimento e exclusão de uma localidade e de um grupo, os foliões continuam a viagem.

Porque cada ano a gente cisma de entrar num giro diferente prá conhecer mais pessoas. Então é assim. E é anotado; cada local que nós passa a ir a

*gente anota. A rua, número da casa, nome da pessoa, o que a pessoa doou; tudo nós marcamos. Isso aqui que nós fazemos. Igual esse ano, esse ano nós vamos fazer aquela Vila Tamoio, lá em cima na divisa de Valinhos; lá onde tá fazendo aquela pista nova que tá impedido. Ali é um povo muito pobre, né. A gente vai passar, porque os Reis ele sempre gostou de ir nos lugares mais difícil. Ele não vai assim aonde só tem rico, não. Ele vai é no lado dos pobres.*²⁴

²⁴ Depoimento de José Aparecido Dias.

3.1. Companhia de Reis do Parque da Figueira

- Dona, aceita a bandeira de Santo Reis? É uma visita.
- Eu gosto muito da Folia, mas... das vez é difícil vocês voltar?
- Nós não volta mesmo; a bandeira não pode voltar.
- Eu não sei...
- Patroa, tá bonito? Então dá uma leitoa, um frango ou um cabrito.
- Ah, se eu tivesse...¹



L33

A Companhia de Reis do Parque da Figueira, como é registrado na Prefeitura o grupo de Samuel Bonilha, é constituído pela esposa, Maria de Lurdes Bonilha, filhos, genros, noras, netos e vários foliões originários de diferentes regiões do Brasil, em sua maioria negros.

¹ Diálogo entre o bastião e uma dona da casa, no dia 07.12.1997, no Jardim Florence

O casal veio de Jau no início dos anos 60, instalando-se no Parque da Figueira sem ter referências de parentes ou conhecidos do lugar de origem. Foram os primeiros moradores do lugar, tendo inicialmente alugado um barraco no bairro adjacente, o Jardim Nova Europa.

Eles não falam do passado anterior à vida em Campinas e as lembranças dessa época são expressas de maneira incompleta, ao contrário dos líderes dos outros grupos nos quais o passado é incessantemente lembrado transformando-se em ponto de referência para estruturar a memória pessoal e coletiva. A única lembrança antiga verbalizada por Samuel é que *lá pros Noroeste tinha fandango quando eu era criança, mas esqueci...*

Durante as várias entrevistas e outros momentos de contato, o meu interesse enfatizou a questão do passado pessoal e coletivo dedicado ao tempo e ao lugar onde se situava a origem da Folia de Reis. No decorrer do trabalho percebi, porém, que as Folias de Reis de Reis não faziam parte dos seus costumes anteriores à migração, e somente quando chegaram aqui em Campinas formaram a Companhia. Eles não podiam responder às indagações reivindicando uma experiência que não existia: um passado de Folia de Reis.

Considerando que o fio condutor de todas as entrevistas era a origem das Folias de Reis, e esse casal lidera um grupo que se identifica como portador dessa tradição, a opção para eles foi elaborar o 'esquecimento'. O 'esquecimento' na realidade significando o silêncio, era uma condição para a manutenção da comunicação entre pesquisado e pesquisador.² Ou seja, entrar para o rol dos grupos de Folia pesquisados era importante para um grupo que encontrou a sua coesão na recriação dessa tradição, à partir da experiência de diferentes pessoas.

Percebi então, o quanto a pesquisa poderia ser enriquecida se percebesse o processo de invenção de uma tradição, a partir da experiência de diferentes pessoas que contribuíram para a constituição e formalização de uma memória coletiva.

Logo que chegou em Campinas, o casal começou a acompanhar uma Folia de Reis no Jardim Nova Iorque, para cumprir uma promessa, e depois resolveram criar uma Companhia, convidando os vizinhos do bairro e um embaixador chamado José Gumercindo.

² Ver POLLAK, Michel. "Memória, esquecimento, silêncio", p. 13.



L31

Já começamos perguntar prá um, perguntar prá outro se queria sair com a gente e todo mundo topou de sair, tudo os vizinhos gostam. Ai foi comprando instrumento, algum deles tinha instrumento, trazia; e a gente juntou os folião e formou a Companhia. Então saiu sete anos cumprindo promessa. Aí como eu alcancei muita coisa boa nesse sete anos, aquele embaixador mudou para Minas, então arrumamos outro embaixador e continuamos com a devoção. Estamos aí até hoje com a Folia, desde 73.³

A maior parte dos foliões que fazem parte desse grupo não vem da mesma região, mas todos têm em comum a vivência da Folia em seus lugares de origem. Alguns foliões estão no grupo desde o início e trabalharam juntos na construção desses laços. Esse é o grupo mais aberto e o sincretismo está presente em todos os níveis - religioso, cultural,

regional, racial - sendo reconhecido conscientemente e afirmado por todos como *tudo é a mesma corrente*. Desconsiderar as diferenças para considerar-se parte de um grupo que se empenha em construir uma memória coletiva é uma das estratégias para garantir a identidade de pessoas que viveram o mesmo processo de exclusão e por terem “elementos constitutivos comuns em suas vidas, deveriam sentir-se como pertencentes ao mesmo grupo de destino, à mesma memória” (POLLAK, 1992, p. 205)



L5

Aqui era tudo mato, tudo mato. Quem abriu aqui a vila fomos nós. Nós, esse povo da frente, essas duas casas na frente ali, que abriu aqui. E fazia assim, os cordão assim, prá fazer barraquinho lá no fundo, no mato. Aí foi que a gente começou abrir a vila, um fazia um barraco aqui, outro fazia outro barraco ali. Água não tinha, buscava água na pista lá em baixo. Luz, ficamos três anos sem água e sem luz. Vinha caminhão pipa trazer. Aí, quando começou abrir a vila, nós que afundamos a primeira pedra aqui do postinho. Nós fomos cantar Reis lá. Aí foi indo... foi indo...⁴

Alguns foliões mudaram-se do bairro e formaram outras Companhias restabelecendo novos laços, mas muitos deles, apesar da mudança para lugares mais distantes, continuam se encontrando na Folia do Parque da Figueira, que consideram a sua irmandade.

³ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.

Nos depoimentos orais, é sempre enfatizada pelos foliões, a importância que a Folia adquire em suas vidas e o sentimento de valorização que experimentam perante o grupo e a assistência mais ampla, em oposição à situação anterior de desenraizamento e não-pertencimento. Na fluência com que contam as histórias dos movimentos sociais no bairro percebe-se a intrínseca ligação com a Folia e, inversamente, parte da trajetória do grupo é datada tendo como referência o bairro: se foi antes ou depois da linha de ônibus ou da água, antes ou depois de alguém chegar para morar ou mudar-se do bairro, mostrando que o trabalho de memória é indissociável da organização social do cotidiano.



L2

Com a adesão de novos foliões, ao longo dos anos, o grupo se fortaleceu e foram introduzidos alguns elementos no ritual, os quais passaram a fazer parte dos costumes.

[†] Depoimento de Saturnino Francisco.



L25

A gente foi pegando a explicação, se eu falar que eu vi, eu minto. O embaixador de mais tempo falava que era bom ter rainha e pastorinha, aí a gente formou. Porque no Reis tem presépio completo, rei e pastorinha. Eu ouvi falar disso, tive uma iluminação e costurei as roupas.(...)O palhaço rouba a rainha. Às vezes os dois palhaços brigam por causa da rainha e todo mundo ri. Aí um palhaço manda o outro fugir com a pastorinha. Ela pergunta para o mestre se pode ir e ele autoriza. Quando tinha rainha, pastorinha e rei. Esses retrato já faz tempo. A rainha é filha do reis, o rei é genro, a pastorinha é irmã. Hoje não tem menina de confiança para fazer isso. A Companhia sempre teve a tradição de rainha, mas as meninas que podiam ser rainha estão de barriga... Antes no Figueira tinha muito folião, agora tem muito bêbado...⁵

⁵ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.



L29

A preparação para a Folia começa no mês de outubro, quando costumam fazer os ensaios nos finais de semana. Os foliões que moram nos bairros mais distantes são comunicados através de recados e no último ensaio o grupo está praticamente formado, com os novos companheiros entrosados: *Olha, eu quero bem certinho. Você faz o contrato... se um errar o outro faz a cobertura.*⁶

A jornada tem início no mês de novembro, e algumas famílias que desejam receber a Folia, combinam com antecedência o oferecimento do almoço ou jantar. A saída é feita sempre da casa de Samuel e de Lurdes, onde os foliões, que começam a chegar no final da tarde do sábado, jantam, conversam, afinam os instrumentos e planejam a jornada da noite.

Após servir o jantar, Lurdes encarrega-se de distribuir as fardas, previamente lavadas e passadas, para os músicos vestirem.

Por volta das 23 horas, o grupo inicia a cantoria perante uma assistência composta por alguns vizinhos e familiares dos foliões. Esse ritual acontece no salão da casa que é usado em outras ocasiões para a realização de rituais de umbanda, e algumas pessoas incorporam espíritos, abençoando a saída da bandeira. Lurdes explica que *pode fazer tudo junto, porque é tudo a mesma corrente. É nesse altar que faz a saída e a entrega da bandeira.*



L17

À meia noite o grupo sai caminhando pelas ruas do bairro, cantando inicialmente nas casas onde já sabem de antemão que serão recebidos. Em cada casa o ritual é realizado na seguinte ordem: cânticos da chegada, recebimento da bandeira, cânticos do ofertório, pausa para descanso - quando os donos da casa oferecem café para os foliões - finalizando com o agradecimento. Em seguida a Companhia deixa a casa seguindo a sua jornada.

Há anos atrás, a Folia era recebida praticamente por todos os moradores do bairro Parque da Figueira, mas atualmente, com os constantes deslocamentos da população para

⁶ Fala de João Onofre da Silva.

bairros mais distantes e a chegada de novos moradores que não compartilham dessa cultura, é muito comum que durante uma noite inteira de giro pelo bairro, o grupo só consiga cantar em quatro ou cinco casas. Além disso, dois outros fatores dificultam a continuidade da Folia: o aumento crescente das pessoas que se convertem às religiões pentecostais, bem como a preocupação com a segurança e o medo de assaltos.

Como a população da vizinhança não tem sido receptiva, nos últimos anos o grupo inclui no seu itinerário os bairros: Jardim Santa Clara, Jardim Florence, e Jardim Santa Eudóxia, onde mantêm uma rede de conhecidos. Depois de cantar no Parque da Figueira, esperam amanhecer o dia para usar o serviço de transporte público, e continuar o giro nos outros bairros, que são distantes.

Nesses bairros visitam várias casas até o anoitecer do domingo, e a bandeira fica guardada na última casa em que cantaram, sendo que no sábado seguinte, à noite, continuam a jornada a partir de lá. Esse ritual é repetido semanalmente até meados de janeiro, quando acontece o encerramento do trabalho, com a festa da chegada da bandeira ao ponto de partida.

A composição do grupo atualmente é a seguinte: João Onofre da Silva, na viola; Luiz Carlos Serafim, na viola e violão; Saturnino Francisco, no violão; Manuel Atanásio, no violão; Antônio Marcelino da Silva, no cavaquinho; Samuel Bonilha, no violão ou cavaquinho; João Pereira Filho, na caixa; Sebastião Estevão, no pandeiro e às vezes como bandeireiro; José da Silva, como bastião; Lurdes Bonilha, no reco-reco e como bandeireira; Claudia Karem Cristina Francisco, na função de bastião somente no dia da chegada.

O embaixador do grupo há dez anos é José Marcelino dos Santos, que nasceu na Bahia e morou em vários Estados, sempre trabalhando na lavoura e embaixando Folia de Reis. Sua função é puxar a cantoria, e ensinar os fundamentos do ritual para os foliões; ele tem bastante prestígio no grupo e perante os foliões das outras companhias, sendo considerado uma pessoa de muito conhecimento, tanto pelos versos como pelas histórias que conhece. José Marcelino às vezes reveza a sua função com dois outros foliões: João Onofre e Luiz Carlos Serafim, que também já foram embaixadores de outras Foliias de Reis.

Durante o ritual os foliões seguem as orientações do embaixador, mas quem coordena todo o funcionamento do grupo e resolve os problemas que podem aparecer, tomando todas as decisões que se referem à organização, disciplina e roteiro é Lurdes, que é a dona da bandeira.

No início da formação o grupo não era uniformizado, mas a dona da bandeira achou importante introduzir esse costume para *fazer separação de quem toca instrumento* e evitar que pessoas estranhas se misturem ao grupo e roubem objetos das casas ou os instrumentos musicais, como já aconteceu algumas vezes. O uso da farda foi uma forma de controle de comportamentos, e Lurdes se responsabiliza pela Companhia, ou seja, pelos que estão usando o uniforme do grupo.

Semanalmente os uniformes são lavados e reparados, se necessário, sendo que a cada três ou quatro anos são substituídos por novos. Em geral são doados por devotos ou por outra Companhia, mas se isso não ocorrer, eles são comprados com o dinheiro arrecadado pela Folia: *esse ano ganhou farda nova; mesmo que não ganhasse eu arrumava, é obrigação minha.*⁷

Além de ser a dona da bandeira, Lurdes acumula as funções de gerente e festeira, ou seja, prepara a saída da bandeira, cuida dos roteiros, da disciplina do grupo, e também é encarregada da organização da festa da chegada, incluindo a preparação do presépio, da comida, das bandeirinhas, dos arcos de bambu. Esse trabalho é realizado com a ajuda de várias mulheres da família: filhas, noras e netas e de algumas vizinhas.

A festa da chegada acontece em um dia combinado antecipadamente e todas as pessoas que receberam a Folia são convidadas a participar. Nesse dia o grupo percorre as ruas do bairro Parque da Figueira e desenvolve uma coreografia que é repetida todo ano: soltam fogos de artifício, *o palhaço cai prá dizer que ele assusta e todo mundo ri*⁸, depois ele se levanta e inicia a meia lua, *coisa de religião*, sendo seguido pelos músicos e por todos os que estão assistindo.

⁷ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.

⁸ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.

Quem vê de fora acha difícil a meia lua, mas já é combinado. Forma duas filas com os instrumentos, os foliões e quem quiser ir, todos cantando. Esse pedaço é de muita emoção.⁹



L10

Depois de fazer a meia lua, a Folia, seguindo a estrela guia, entra no quintal da casa de Lurdes e Samuel, para a despedida da bandeira, passando por três arcos feitos de bambu, que simbolizam as portas de Jerusalém. Ao contrário de alguns grupos, nesses arcos não são colocadas as letras do alfabeto para que o palhaço as reconheça e faça os versos, e provavelmente esse costume não foi adaptado, porque a maior parte dos foliões não sabem ler. E para o grupo essa diferença com relação à outros, é elaborada da seguinte forma:

A outra companhia inventou de colocar umas letras nos arcos da chegada, e isso não é Reis. Já viu adorar letra? No Reis tem que ter a estrela guia nos arcos.¹⁰

⁹ Depoimento de Manuel Atanásio. No ritual do Candombe em Minas Gerais, e nas Congadas, inclusive a de Ilhabela, os dançantes também realizam a meia lua, que “serve para abrir caminho, limpar de algum mal, e é pedido de licença aos congadeiros que já morreram”. Ver CARDOSO, Haydeé D. de Faria, *Relações entre cultura popular e indústria cultural: a Congada de Ilha Bela*, p. 33 e 37.

¹⁰ Depoimento de José da Silva. Na pesquisa sobre a Folia de Reis de Santo Antônio do Baú, os autores afirmam que: “Na parte lúdica da Folia, quando os Reis fazem brincadeiras para distrair os presentes, é costume que os representantes de Gaspar e Baltazar, brancos, recitem para Melchior, o piskin do negro, que é



L13

Depois de passar pelo presépio e rezar o terço, a bandeira é entregue no altar onde estão os santos cultuados pela religião, e ali permanecerá todo o ano. Esse momento simbólico da despedida da bandeira é triste para os foliões, porque é uma despedida real, e muitos choram prometendo se encontrar no próximo ano. Em seguida é servido o almoço, que foi preparado por Francisca Candida Ramos, a cozinheira do grupo, com a ajuda de algumas mulheres.

Pergunta: E a quantidade de comida, como é que a senhora planeja isso?

Arroz dá mais de cinco quilo. Macarrão então, não tem quantia; feijão também eu nunca meço o tanto, né. Porque aí precisa fazer um tanto que dê e sobra. Porque nunca deixei faltar. Vem Muita gente. Muita gente fora os

uma forma de pasquim denominada ABC (porque os primeiros versos de cada estrofe seguem as letras do alfabeto). Não se pode considerar uma ‘brincadeira’ o processo de rebaixamento da condição humana do negro contido no piskin.” Após transcrever o ABC do negro, os autores complementam que esses versos foram questionados, por serem agressivos e carregados de preconceitos, por isso os mestres inventaram um poema chamado Resposta ao ABC do Negro, em que há “uma harmonização étnica”. GOMES, Núbia P. M. e PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Do presépio à balança: representações sociais da vida religiosa*, pp.86-92.

folião, nossa! Vem a família deles, vem convidado, tudo que tá aí, come. Come e bebe. Nunca falta comida, graças a Deus e ainda dou comida que sobra pros vizinhos. Uma panelada de comida.¹¹



L6



L16

¹¹ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.

Pergunta: *E como é que a senhora organiza prá almoçar todo mundo?*
 Então, a gente põe a mesa, as meninas põe a mesa. Quando a gente chega com a bandeira a mesa tá pronta aí. Então já tá posta a mesa e quando acaba de rezar o terço, aí já vão pondo a comida, já vão pondo a comida na mesa, os folião já vai sentando: primeira mesa, os folião; a segunda mesa se não deu pros folião tudo, vai folião de novo. Aí na segunda mesa, a família do folião. Aí depois come quem chegar.¹²



L14

O mais importante da festa, na chegada, é a comida. Porque eu não gosto, não quero que ninguém saia reclamando. Quando as pessoas vêm aqui,

¹² Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.

*porque veio prá comer e beber depois da festa. Aqui não tá a mesa tudo, não.*¹³

À partir dos discursos verbais, enfatizados pela quantidade de fotografias mostrando a mesa e os foliões alimentando-se, é construído um imaginário da fartura. Mas as observações feitas durante o trabalho de campo em três anos consecutivos mostram que foram criadas algumas regras para contornar uma situação possível de escassez de comida. As regras estabelecem privilégios no grupo, decidindo quem deve comer e beber mais. O almoço a ser servido para aproximadamente 100 pessoas é composto pelos seguintes pratos: arroz, feijão, macarrão, salada de batatas, carne de frango e carne de porco. As primeiras pessoas a sentarem-se à mesa comem à vontade, mas as últimas a servirem-se, encontram uma mesa menos farta.

O almoço é realizado com uma parte da arrecadação feita durante o giro todo da Folia. O grupo visita uma média de dez casas por final de semana, conseguindo arrecadar entre trinta e setenta reais, cada vez, num total de aproximadamente quinhentos reais, além de algumas ofertas em mantimento, como macarrão, farinha, arroz e feijão, e esse estoque é controlado da seguinte forma:

*Aí eu separo tudo, porque os mantimento ganha na rua, mas depois tem o negócio de lataria, essas coisa aí que precisa. O que é mantimento já vou pondo nas caixa separado, aí o que é dinheiro eu vou guardando, porque sai pouco dinheiro agora. Aí eu separo tudo, deixo tudo que é dinheiro guardado. Aí aquele dinheiro eu pago fotografia, eu compro negócio de lataria prá maionese, essas coisa que vai faltar. Eu pago tudo, e o que sobra eu pago fotografia na chegada. E depois eu tenho que tirar umas par delas prá mim dar prá eles, que eu não fiquei com nenhuma esse ano. Eu tiro elas repetida e dou prá eles de lembrança.*¹⁴

Produção e circulação da Imagem

A Companhia de Reis do Parque da Figueira é o grupo que possui maior quantidade de fotografias mostrando a Folia de Reis em Campinas. O registro fotográfico e a

¹³ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha, referindo-se ao enquadramento da fotografia.

distribuição de cópias para os foliões adquire muita importância, pois faz parte do processo de elaboração da memória do grupo. É basicamente através das imagens fotográficas que identificam a recente origem do grupo, diferentemente das outras Companhias que se reportam à um passado mais longínquo, apoiado na memória e na transmissão oral.



L12

Tinha uma moça retratista, Ela é segurança na Mercedes. Todo ano ela vinha tirar fotografia aqui. Mas depois ela pegou esse serviço lá de segurança, não deu mais prá ela vim. É uma branca. Mas ela é daqui de casa. Ela vinha aqui, chegava de manhã, ela ficava aí esperando, almoçava, ficava com a gente, e aí ela era minha retratista. Mas depois ela não pode vim mais, então ficou o Samuel meu. Ele tira, o compadre Maciel, a Lucilena, a mulher do Samuel, tudo aqui eles tira.(...) Esse ano foi a Flávia, minha neta, que tirou.¹⁵

Quando tive o primeiro contato com o grupo, Lurdes possuía aproximadamente 500 fotografias em papel, mas apesar de serem produzidos anualmente dois filmes de 36 poses, a quantia inicial diminuiu em função das doações e empréstimos para os foliões.

¹⁴ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.

¹⁵ Depoimento de Maria de Lurdes Bonilha.

Posteriormente quando visitei outros foliões do grupo percebi que várias dessas fotos estão expostas em porta-retratos, nas salas das casas. Encontrei também fotos com foliões de outros grupos, que no passado saíam na Folia do Parque da Figueira. Por outro lado, Lurdes possui fotos oferecidas por um folião de outra Companhia, retratando alguns músicos desta que ajudaram na cantoria da Folia de Reis do Jardim Yeda, em uma festa da chegada.

Os temas mais fotografados todos os anos na Folia são: o presépio, o altar com os santos, pastorinhas, a Folia percorrendo as ruas do Parque da Figueira e nunca fora do bairro, a seqüência coreográfica da meia lua, Lurdes puxando a estrela guia; a mesa com o almoço. Essas imagens são captadas sob ângulos diferentes, com algumas variações na distância do objeto principal, com a intenção de mostrar ora os detalhes, ora o conjunto maior.

As duas pessoas encarregadas de fotografar a Folia atualmente, pois possuem câmeras, são Lucilena Bonilha Bezerra e Flávia Edilene Aparecida dos Santos Pinto, respectivamente filha e neta de Lurdes. Ambas conhecem o ritual e sempre acompanharam o grupo, embora nos últimos anos sua participação seja restrita ao dia da saída e à festa da chegada, sendo portanto esses dois momentos que ficam registrado em imagens. Lucilena explica que:

Depois eu casei, tenho dois filhos e precisei deixar o cargo de rainha da companhia, e agora eu tenho a função de tirar os retratos.

Muitas vezes essas fotos são apreciadas coletivamente. Isso acontece em finais de semana que antecedem a saída da Companhia, quando o grupo reúne-se na residência do casal, para ensaiar. Enquanto as fotos passam de mão em mão, as diferentes vozes se completam:¹⁶

- Aqui tá na mesa.

- Todo mundo almoçando, já entregou a bandeira.

¹⁶ Essas observações foram registradas em dois ensaios, realizados em dois anos consecutivos, 1996 e 1997. Como usei gravador, não foi possível identificar posteriormente, durante a transcrição, todas as pessoas que dialogavam. Referem-se a algumas fotografias do grupo que foram inseridas nesse trabalho.

- *A mesa de comida.*



L34



L18

- *Essas duas estão na rua, entrando em alguma casa. A mulher que pediu pra ser a bandeireira, se tem devoção pode.*

- *O palhaço já roubou a rainha, e está no portão vigiando se o outro palhaço não pega ela dele.*
- *Os dois palhaços não toca instrumento, eles dança prá distrair o povo quando a família foge, porque eles arrependeu do que eles ia fazer*
- *Correndo a estrela do oriente.*
- *Todo mundo cantando, entrando em uma casa.*
- *É na casa daqueles povo baiano. A toada deles é baiana, tem só duas vozes.*
- *É a meia lua lá na rua*



L24

Além das imagens fotográficas, o grupo possui três fitas de vídeo, sendo que duas foram gravadas por um festeiro Brasilino José, morador do Jardim Santa Eudóxia, que anualmente oferece um almoço para o grupo.¹⁷ Ele registrou o giro da Folia pelo seu bairro, e deu as fitas de presente para o grupo de foliões. A terceira foi feita pelo neto de Lurdes, Samuel Josemar Bauduino, no dia da chegada, em janeiro de 1998, usando uma câmera emprestada.

¹⁷ Esse grupo usa a denominação festeiro(a) para todas as pessoas que se comprometem antecipadamente em oferecer um almoço ou jantar para os foliões durante o giro. Isso significa que reconhecem várias pessoas como festeiros durante o mesmo ano.

As fitas de vídeo, ao contrário das fotografias, não são reproduzidas e circulam muito pouco entre os foliões, porque a maior parte deles não possui aparelho de videocassete. Essas fitas ficam guardadas na casa de Lurdes, que às vezes as empresta para os filhos e netos mostrarem para os colegas, ou para alguns vizinhos.

A oportunidade que os foliões têm para assistir essas gravações acontece praticamente uma vez por ano, no mês de setembro, quando Lucilena organiza em sua casa uma reunião com o grupo da Folia, para comemorar o aniversário da mãe. Essas fitas apesar de muito longas, são vistas com bastante atenção pelos foliões. Há uma preferência pela última fita gravada, porque mostra a festa da chegada, que é considerado o momento mais importante da Folia. As imagens selecionadas para a gravação em vídeo são muito parecidas com as imagens fotográficas, havendo também uma preocupação em mostrar o conjunto, quando o interesse deve estar voltado para o grupo todo, ou mostrar algum detalhe importante no trabalho ritual, como o desempenho corporal do bastião, a habilidade do mestre na embaixada.

Se durante o ritual cada folião está concentrado no exercício da sua função, é através das imagens em vídeo que podem perceber e comentar o resultado do trabalho produzido pelo conjunto. Muitas vezes os comentários antecedem as imagens, uma atitude muito parecida com a do público durante o ritual da Folia. Apesar de algumas variações no ritual, todos já sabem de antemão o que acontecerá, será dito, e as brincadeiras do palhaço; e a fala precede a representação do acontecimento:

- *agora eles vai pedir prá levar a bandeira prá dentro*¹⁸
- *Vai fazer a meia lua.*
- *o palhaço vai cair no chão.*

Entre a fala e o fazer é criada uma expectativa, por isso as imagens apresentadas no monitor não são simplesmente apreciadas, são sujeitas às críticas apontando as qualidades: *Tá bonito..., é assim mesmo que é a Folia*¹⁹, e os erros:

Olha aí, formou a fila e ele bagunçou (...). Ele tem que falar prá mim assim: 'madrinha, o quê que tá feito aqui?' Aí eu falo: 'um cruzeiro'. Aí tem que

¹⁸ Estes comentários são de: João Marcelino dos Santos, Manuel Atanásio e Maria de Lurdes Bonilha.

¹⁹ Comentário de João Marcelino dos Santos.

falar assim: 'e o quê que a senhora quer que eu faço?', falo: 'que você desmanche'. Aí desmancha tudo, mas não pode ser bagunça. Além disso é a meia lua, coisa da religião. No outro ano não quero atrapalhado.²⁰

²⁰ Comentário de Maria de Lurdes Bonilha.

3.2. Folia de Reis do “seu Dilino”

*Boa noite meu senhor
Boa nova venho lhe dar
Quem chegou na sua casa é quem deveria chegar:
A bandeira dos Três Reis que lhe veio visitar¹*



D9

A Folia de Reis de Adelino Gonçalves de Souza tem origem na Fazendinha Sobrado, no povoado de Santo Antônio da Boa Vista, município de São João da Ponte, região de Montes Claros, em Minas Gerais. O dono da Folia era o pai de Ilda Silva de Souza, esposa de Adelino, e como em todos os grupos estudados, com exceção da Companhia de Reis do Parque da Figueira, a bandeira, que significa a continuação da tradição, foi transmitida pelo sogro ao genro.

Esse grupo era inicialmente constituído por parentes que deixaram o lugar de origem, a partir dos anos 60, vendendo os seus sítios devido às dificuldades de sobrevivência em uma região seca.

¹ Quadra cantada por Adelino Gonçalves de Souza.

A relação entre as pessoas do grupo, embora não seja exclusivamente consanguínea, é expressa na frase: *tudo é como se fosse parente*. São considerados parentes, tanto os conhecidos da região de origem como os novos companheiros, agregados recentemente e que passaram a compartilhar momentos importantes de suas vivências.

A maior parte das famílias veio para o Estado de São Paulo, não ao mesmo tempo e nem para o mesmo local, por isso nos seus constantes deslocamentos, sempre por regiões agrícolas do noroeste paulista, periodicamente se encontravam e desencontravam, e por onde passavam recriaram a Folia de Reis.

Ficamos muito tempo em Lucélia e começemos a Folia de Reis lá. Depois nós mudou prá cidade de Araras; nós cantava lá também, e de lá que nós mudou prá cá.²

Aproximadamente em 1970 a maior parte do grupo chegou em Campinas, fixando-se no bairro Parque da Figueira. Dentro do próprio bairro, todos mudaram de residência várias vezes, passando por muitos barracos alugados até adquirirem a propriedade de um terreno onde construíram suas casas. Uma grande parcela desses parentes ainda mora no bairro, e os que não conseguiram tal aquisição foram para o Jardim Santa Clara ou para municípios vizinhos, onde as condições de moradia são mais acessíveis.

Os laços que unem as pessoas desse grupo são fortes, e todos mantêm contato freqüente, reunindo-se quase todos os finais de semana, em geral na casa de Adelino. Essa coesão estende-se ao lugar de origem, e os jovens principalmente, viajam no final do ano para visitar familiares e conhecidos, e sair com um grupo de Folia de Reis que continuou com os parentes que ficaram em Montes Claros:

Os parente tá vindo. Já tem um bocado morando ali em baixo. Tem outros bocado morando, sobrinho meu e filho do irmão dele, lá em Monte Mor, Hortolândia... Tá vindo bastante, porque lá tá ruim, não tá chovendo não. Os outros têm as fazendinhas deles... acho que eles não vêm prá cá não. Vem a sobrinhada. Os filhos deles têm um bocado morando em Salto, filho de um irmão meu. Um bocado em Monte Mor, outro bocado ali em baixo. Eles não sai na Folia, porque eles têm a Folia deles lá em Minas e eles vai prá Montes Claros. O ano passado saiu um, o irmão da minha sobrinha. Mas quando chegou perto do dia vinte e quatro, foi, não foi? Ele foi embora prá sair a dele

² Depoimento de Adelino Gonçalves de Souza.

*lá. Agora mesmo esse João que veio aqui esses dia, ele vai embora em janeiro prá Folia. Quando chega aquela época ele vai mesmo.*³

Decorrente desses êxodos periódicos é constantemente manifesta a preocupação de que ocorra uma esvaziamento e o término da Companhia aqui em Campinas. Mas esse esvaziamento nunca aconteceu, porque na realidade a maior parte dos foliões não são os parentes consangüíneos:

Os folião nosso mesmo daqui é gente daqui mesmo, não é de Minas, não.

Pergunta: É tudo nascido em Campinas?

Não. É gente que vem de fora: às vezes tem mineiro, tem baiano, tudo misturado. Os que gosta já vem, já procura, pergunta se vai sair e já marca o dia de vim, eles vem.



D7

Pergunta: Como é que o senhor juntou essas pessoas?

Um bocado deles já morava aqui e era tudo conhecido.

Pergunta: E quem ensinou a Folia prá eles?

*Bom, tem mineiro que era de lá, bem dizer do lugar meu, já conhecia. Agora, dois que canta comigo, esses já era folião desde Minas. Agora esses mais novo foi aprendendo comigo.*⁴

³ Depoimento de Ilda Silva de Souza.

⁴ Depoimento de Adelino Gonçalves de Souza.

Apesar de algumas variações na composição da Folia, causadas pela movimentação constante de foliões entre os grupos, a formação básica atual é a seguinte: Adelino Gonçalves de Souza toca viola e embaixa a cantoria; Vicente Alves de Moraes acompanha na viola; Josino Pereira da Costa toca cavaquinho e violão; João Bauduino toca cavaquinho, João Saraiva é caixeiro e Lídio dos Santos toca reco-reco. Os oito filhos de Adelino também são foliões, mas somente dois tocam instrumentos: Felício toca viola e está se preparando para assumir a função de embaixador e José toca sanfona e cavaquinho. Entre os netos, Eric Gonçalves, de dez anos, toca pandeiro e Wilson Souza Carvalho só ajuda na cantoria. A bandeireira do grupo é Lúcia, esposa de Lídio, sendo a única mulher que acompanha o giro todo. Antigamente quem desempenhava essa função era uma sobrinha de Ilda, mas depois que se mudou para a cidade de Araras precisaram substituí-la. Ilda não acompanha a Folia com regularidade, pois tem uma filha doente, então restringiu as suas funções à organização da saída e da chegada da bandeira, que é sempre na sua casa.

Nas várias entrevistas feitas com Adelino, com Ilda e com os foliões, ocorreu uma alternância de sentimentos, ora positivos, ora negativos, sobre a identidade do grupo, e a manifestação desses sentimentos opostos apareciam relacionados ao significado da palavra *parente*, que também se alterava em função das situações relatadas. O termo *parente* algumas vezes significa o grupo todo e outras significa *o povo de lá* em oposição *ao povo daqui*.⁵

Ou seja, o termo ‘parente’ pode ser entendido num sentido amplo, abrangendo todo o grupo, que é formado por dois sub-conjuntos em interação, cujas fronteiras são tênues: o primeiro sentido corresponde às relações que estabeleceram no bairro, com migrantes de outras regiões, os quais passaram a participar da Folia e do cotidiano do grupo; o segundo refere aos parentes e conhecidos que vieram de Montes Claros.

Como o grupo reúne-se freqüentemente, organizando trabalhos coletivos e festas, rezando, tocando Reis e *passando catira*, formou-se uma comunidade dentro da qual todos são considerados parentes. Nesses encontros, embora haja um predomínio numérico do *povo do lugar que nós morava*, ocorrendo uma manifestação muito forte dos costumes de lá - o ritmo musical, a preparação das comidas, as histórias contadas - a ênfase está na

⁵ Essas expressões são usadas por Adelino, Ilda e todos que vieram de Montes Claros.

unidade do grupo, tal como ele se apresenta hoje, no Parque da Figueira, identificado como *o pessoal do seu Dilino*.⁶

*Domingo nós tocou aqui mesmo. Tocou Reis e outras modas e depois ali na frente, nós trata ele de Bojão. Foi bonito, porque os folião tava mais reunido, tava os povo nosso. Os parente tava tudo reunido e cantemos bonito.*⁷

Pergunta: *E o Bojão é conhecido de vocês?*

*É conhecido, é vizinho. É tudo como se fosse parente.*⁸

*Essa Folia é tudo conhecido aqui, formou uma família. Já estou no Figueira um bocado de tempo, por base de uns quinze anos; é tudo uma família. (...) Formamos o bairro.*⁹

Percebe-se a existência da coesão grupal, pois o *povo daqui* compartilha no cotidiano, há muitos anos, seus valores com *o povo do lugar que nós morava* e todos passam a ser considerados da mesma família. Como afirma Halbwachs, ao traçar uma analogia entre a memória e a história: “mas o que nos chama a atenção é que, na memória, as similitudes passam entretanto para o primeiro plano. O grupo, no momento em que considera seu passado, e sente acertadamente que permaneceu o mesmo, toma consciência de sua identidade através do tempo.” (HALBWACHS, 1990, p. 87)

Esse tempo é o tempo de construção da vivência do grupo em Campinas, o tempo do *pessoal do seu Dilino*, com características que o distingue dos outros grupos. Por outro lado, existe dentro do grupo a noção de um outro tempo-espaco mais distante, que separa o *povo daqui* do *povo do lugar que nós morava*. Essa noção aparece principalmente no final do ano, quando aqueles que mantêm um referencial em Montes Claros, voltam para lá, então é feita uma distinção entre parente e folião, separando o *aqui* de *lá*:

*A Folia fica fraca, porque os parente vai sair na de lá, só fica os folião.*¹⁰
*Aqui eles não pega o som.*¹¹

Pergunta: *esse som é diferente porque?*

⁶ Expressão usada pelos vizinhos do bairro e por alguns foliões de outras Companhias.

⁷ Depoimento de Adelino Gonçalves de Souza.

⁸ Depoimento de Ilda Silva de Souza.

⁹ Depoimento de Josino Pereira da Costa.

¹⁰ Depoimento de Ilda Silva de Souza.

¹¹ Depoimento de Adelino Gonçalves de Souza.

É muito piadoso, devagar, o de papai. É uma coisa muito sentida, sabe como é que é? Agora daqui, não. Aqui é muito depressa. Por lá era assim: lá ia numa casa, amanhecia naquela casa cantando. Não é que nem aqui que precisa de ir, a gente vai depressa prá poder tirar esmola, né? Porque lá os povo não precisava dar esmola, não. A gente já tinha os parente prá fazer a festa e tudo. Aqui, aqui ninguém tem as coisas que tem lá.¹²

No período do giro da Folia, no final do ano, com o predomínio da participação *do povo daqui*, ocorre umas ruptura da continuidade, porque esses foliões que possuem diferentes origens e em suas andanças já participaram de outras companhias, propõem inovações, as quais não são facilmente aceitas:

Comecei sair naquele grupo da Pompéia, saí com o seu Samuel e agora com o seu Dilino. Nós fala que tem que mudar esse sistema, porque só de noite não dá, o povo não recebe a Folia de noite.¹³

Sempre me perguntam: ‘cantar de noite é melhor do que de dia?’. Eu falo: ‘prá mim é, tendo freguês’. Porque Folia de Reis é de noite, não é de dia, os três Reis cantou foi de noite. Eles cantou de noite, eu não gosto de cantar de dia, não. A vantagem que tem de dia é que todo mundo tá acordado. Falei: ‘quem gosta de Folia de Reis, quanto mais ele tá dormindo, prá ele acordar é mais bonito. Boniteza é a gente olhar prá cima e tá estrelado, né.¹⁴

Ter um que veste de palhaço é bom prá ajudar o embaixador, não judia ele porque já tem o palhaço que vai pedir.¹⁵

Botei palhaço porque o povo pedia. Veio um moço, ele vestiu a roupa, e aí tinha um revolver e queria atirar. Pedi a roupa dele e não deixei seguir com a Folia. Palhaço não combina com Folia; só pelo nome vê que não combina. O canto de reis é que tem que pedir a oferta prá festa.¹⁶

Por ser a dona da bandeira, Ilda tenta manter uma tradição, dificultando a negociação entre diferentes costumes, situação que fragiliza a Companhia de Reis, sendo este paradoxo que caracteriza o grupo: existe uma coesão o ano todo, mas com uma Companhia de Reis *fraca*.

¹² Depoimento de Ilda Silva de Souza.

¹³ Depoimento de João Bauduino.

¹⁴ Depoimento de Adelino Gonçalves.

¹⁵ Depoimento de João Saraiva.

¹⁶ Depoimento de Ilda Silva de Souza.

Lá no nosso lugar, no tempo de papai era uma coisa muito séria. E aqui não, aqui o povo pensa que é uma brincadeira. Porque os povo daqui não é nunca que nem lá em Minas, não. Porque eles já quer mudar prá outras banda, quer ir prá outros sentido. Tem que ter muito respeito prá mode seguir com a Folia. Hoje o povo eles não segue direito, eles não faz com muito respeito aquilo que a gente tá fazendo que nem lá.¹⁷

Essa Folia, embora bastante antiga e conhecida por todos no bairro, pois desde que chegaram saíram todos os anos, é definida pelos outros grupos como *uma folia muito simples, um povo muito pobre, uma família que só sai por devoção*.

Os adjetivos simples e pobre expressam uma diferença na forma de apresentação do grupo: não possuem palhaços, não usam fardas, apenas um lenço branco no pescoço e só recentemente confeccionaram uma bandeira, para facilitar a sua identificação durante a jornada pelas ruas. Inicialmente durante o giro levavam as imagens dos três Reis na mão, sobre uma toalha branca, mas esse costume foi abandonado no momento em que foi adotado o uso da bandeira.

Como afirma Pollak: “se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a *memória e a identidade* são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais”. Mas o objetivo de um grupo é constituir uma memória e uma identidade coletivas, entendidas como “todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo para dar a cada membro o sentimento de unidade, de continuidade, de coerência (...) e quando a memória e a identidade estão fortemente constituídas, os questionamentos vindos de grupos externos não provocam a necessidade de rearranjos. (POLLAK, 1992, pp. 204-205 e 207)

Os foliões querem ser valorizados pelas outras organizações similares existentes em Campinas, e deixar de serem vistos como participantes de *uma folia muito simples*, então, em função da percepção dos outros propõem rearranjos, e é nesses momentos que as cisões internas aparecem.

As falas dos foliões bem como a observação, mostram que essas cisões fragilizam realmente a Companhia, mas não a ponto de extinguí-la. “Se a iniciativa de um ou de

¹⁷ Depoimento de Ilda Silva de Souza.

alguns de seus membros, ou enfim, se as circunstâncias exteriores introduzissem na vida do grupo um novo elemento, incompatível com seu passado, um outro grupo nasceria, com uma memória própria, onde subsistiria apenas uma lembrança incompleta e confusa daquilo que precedeu esta crise.” (HALBWACHS, 1990, p. 88)

Mas a Folia do *seu Dilino* permanece, mesmo sem os palhaços, e apesar das dificuldades, repete anualmente o ritual dos três Reis, dentro do seguinte sistema: a saída acontece no primeiro sábado de dezembro, sempre da casa de Adelino, e por volta das dezoito horas os foliões começam a chegar e a afinar os instrumentos que já foram enfeitados com as flores e fitas por Ilda, com a ajuda da filha, netas, cunhadas e noras. Essas mesmas mulheres se encarregam de preparar o jantar que é oferecido somente aos foliões antes de saírem para a jornada. Outras pessoas que vieram participar da saída da Folia, não entram na casa, embora as portas fiquem abertas, pois conhecem as regras estabelecidas; ficam esperando na calçada, e muitos compram lanches e bebidas nos bares da região. Após cantarem pedindo benção e proteção aos três Reis, os foliões passam sob a bandeira, ouvindo os conselhos de Ilda:

Seguir a bandeira é muito respeito, não pode ter mau intenção. A Folia só tem coisa boa e tem que obedecer: quando entra nas casas tem que botar o pé direito na frente. Tudo que é oferta que ganha é prá botar na festa e dividir com os folião, se sobrar é prá dividir também e não pode ficar com nada. Quando vê fita preta na bandeira, joga no mato, porque enrola a vida. (...) E não pode passar na casa de mulher à toa. Porque seguindo pensando que é outra coisa qualquer, acontece as coisa.

A Companhia, seguida pela assistência inicia a jornada a pé pelas ruas do bairro Parque da Figueira, por volta das 23 horas, mas aos poucos o grupo se esvazia, e no final da noite permanecem somente os foliões. Como percorrem apenas três bairros adjacentes, Parque da Figueira, Vila Campos Sales e Jardim Nova Europa, procuram marcar com antecedência as visitas em algumas casas. Além dessas, os foliões cantam em outras portas pedindo para serem recebidos.



D6

O ritual é parecido com o das outras Folias, embora a toada seja bem mais lenta: os componentes do grupo afirmam que é a mineira legítima, mas os outros grupos a reconhecem como toada baiana, para diferenciá-la da sul-mineira. Nas casas cantam a chegada, o ofertório, fazem a pausa para o descanso, cantam o agradecimento e continuam o giro até seis horas da manhã, quando deixam a bandeira na última casa que foi visitada, de onde reiniciarão a jornada no sábado seguinte à noite.

Os foliões, na sua jornada noturna, cantam em aproximadamente dez casas, e a arrecadação geralmente é muito pequena, por volta de trinta reais. Já existe um costume no grupo de pedir apenas dinheiro e não mantimentos, pois isso facilita a organização da comida para a festa da chegada. No final do giro conseguem uma baixa quantia, nunca ultrapassando cento e cinquenta reais.

Esse ritual é repetido todo final de semana até o dia 6 de janeiro, quando realizam a festa da chegada, que é marcada para iniciar às dezoito horas, possibilitando a participação de todos, após o trabalho. O dia da festa gera uma grande movimentação no bairro, e no ano de 1996 participaram aproximadamente 200 pessoas, pois além da vizinhança, vieram os parentes dos foliões, incluindo os que moram em outras cidades, e muitos foliões de

outras Companhias existentes em Campinas. Como o dinheiro arrecadado na Folia não é suficiente para organizar um jantar para todos, o grupo desenvolveu uma forma de manter a festa, apesar dos escassos recursos:

Aqui nem dá prá fazer cozinhado. A gente pega é o dinheiro, compra a cerveja ou o chopp. Nós dá o chopp, porque rende mais e compra o pão e a carne moída e faz um sanduíche, na hora da chegada dá prá tudo. E comida nós só dá assim, pros folião mesmo que é pouquinho, nós dá a janta cedo no dia seis, logo, pros folião. Quando é de noite, agora tem os sanduíches prá turma tudo e o chopp.¹⁸

Antes da festa é servido um jantar apenas para os foliões, que geralmente chegam direto do trabalho, e precisam da refeição garantida. Depois o grupo segue para a casa de Sebastião Rodrigues dos Reis, um conhecido que mora da Vila Campos Sales, onde a bandeira esteve guardada a semana toda. De lá caminham tocando, cantando e soltando fogos, até a casa da chegada.



D8

¹⁸ Depoimento de Rosa de Souza.

No dia da chegada alguns foliões de outras Companhias são convidados ou se oferecem para ajudar na cantoria, e o bastião José da Silva, da Companhia de Reis do Parque da Figueira é autorizado a participar, fazendo *palhaçadas* e chamando a atenção do povo para a passagem da Folia pelas ruas. Este é o único momento que Ilda acompanha a Folia, assumindo a função de bandeireira à frente do grupo:

A chegada é contando os passos, porque a gente não quer que acabe. Que acabe, não: que não pare. Porque acabar não acaba nunca, os netos vai continuar. Mas quando chega esse dia é triste, porque a gente nunca sabe se vai tá junto de novo.

Após rezarem o terço no altar que é armado em frente à casa, fazem a festa na rua:

*Aqui mesmo, no dia, tem gente que pede prá passar catira.
Pergunta: E dos foliões do senhor, quem sabe passar catira?
Ah, tudo eles nasceu os dente em riba de catira.¹⁹*

Produção e circulação da imagem

Existe uma preocupação do grupo em gravar fitas cassete com as músicas da Folia tanto nos encontros informais do grupo, como durante o giro da Folia. Quase todos os foliões possuem gravador e se encarregam de produzir o seu material, ocorrendo muitas vezes empréstimos de fitas.

Esse grupo possui poucas fotografias, e tive acesso apenas a onze delas, pois algumas, apesar de citadas e descritas, não foram encontradas, e as que estiveram em posse de Ilda foram enviadas para os parentes em Montes Claros. Algumas fotos foram feitas por Catia Regina Campos, esposa do neto de Ilda, mas não existe uma preocupação em comprar um filme somente para essa finalidade; outras foram feitas por pessoas do bairro que recebem a Folia, e depois as doam aos foliões. Ataliba de Oliveira, que veio de Santa Rita do Sapucaí, mora no Parque da Figueira, não participa da Folia, mas além de receber a bandeira e os foliões, mantém relações de amizade com todos os integrantes do grupo:

¹⁹ Depoimento de Adelino Gonçalves de Souza

Todo ano a Folia do seu Dilino passa aqui, mas o dia não é combinado. Quando chega no tempo, nós já reserva uma prenda prá eles. (...) Minha mulher tira fotografias de recordação. Tinha outras fotografias, mas já demos pros folião.



D5

Por outro lado, uma tecnologia de registro da imagem em movimento, como o vídeo adquiriu uma grande importância para o grupo, e nas diversas entrevistas feitas ao longo da pesquisa, as fitas gravadas que possuem sempre apareceram como uma fonte de informação por iniciativa dos sujeitos pesquisados. O grupo possui várias fitas, que podem ser agrupadas em dois tipos de produção: o primeiro é feito por Wilson, que é componente do grupo e se preocupa em registrar o giro todo da Folia pelo bairro; o segundo é produzido por Geraldo dos Reis, que recebe a Companhia todo ano, e se preocupa em registrar o ritual completo na sua casa, doando uma cópia para Adelino.

O primeiro tipo de produção é considerado mais importante para o grupo, pois é feito por um folião que conhece o ritual e os foliões, e portanto carrega escolhas valorativas mais próximas do universo coletivo, sendo que, além disso, é um registro completo das várias situações, nas diferentes casas, pelas quais passam.

Desde 1990, Wilson e sua esposa Cátia têm como objetivo gravar anualmente a Folia, mas muitas vezes não conseguem o empréstimo da câmera. Eles estão planejando comprar esse equipamento portátil há vários anos, mas o grupo não dispõe de recursos, o que inviabiliza tal aquisição.

O manuseio da câmera de vídeo é sempre revezado entre o casal, e Cátia explica como escolhe as cenas a serem gravadas, e a importância desse registro para o grupo:

Vou filmando as pessoas cantando, os instrumentos. Quando param e a dona da casa dá uma coisa prá comer, filma o pessoal da casa, filma na cozinha. Mas filma mais o pessoal da Folia, é uma lembrança que fica. Se o seu Dilino continuar com a Folia, as fitas servem para ver como é, como tá tocando; se ele parar, todo mundo vai esquecer a Folia, aí tem as fitas.

Nas primeiras fitas gravadas, principalmente, percebe-se que a presença da câmera altera o ritmo do grupo, porque as pessoas são solicitadas a olhar e reagem de diversos modos: brincando, sorrindo, escondendo-se ou fingindo ignorá-la. Nessas mesmas fitas, por desconhecimento da tecnologia que estão usando, os operadores da câmera e os sujeitos “filmados” portam-se como se estivessem em uma situação de captação da imagem instantânea, ou seja, quando se percebem mirados, fazem uma pose, ficando alguns segundos imóveis. Não é raro ouvir uma voz que contribui para o constrangimento daqueles que são objeto de atenção: *olha o passarinho*. Outras pessoas, que conhecem as potencialidades do vídeo, se portam como se estivessem em uma situação de entrevista elaborando um discurso verbal:

Tamos aqui na casa do mano, graças a Deus tá tudo bem, o nosso acompanhamento tá bem. Agradeço também a presença de todo mundo aqui do bairro que tá acompanhando Reis. Chama o Valdir aí..²⁰

Durante a cantoria, as gravações internas mostram os detalhes dos símbolos que fazem parte do ritual: a bandeira, o presépio e os instrumentos. Os ambientes são muito pequenos e fica difícil para o operador mostrar planos de conjunto, mas com o recurso da movimentação de câmera são selecionados grupos de no máximo três pessoas e aos poucos

a Companhia toda é mostrada. Outro recurso usado pelos operadores para driblar a questão do espaço e manter uma distância dos objetos a serem gravados é subir sobre um móvel da casa, fazendo tomadas do alto.

As gravações feitas no exterior apresentam a vantagem de mostrar o grupo todo caminhando pela rua, mas pela falta de iluminação fica difícil identificar as pessoas, delineando-se apenas as silhuetas.

Tais registros são feitos, na medida do possível, sem cortes, mostrando o ritual de aproximadamente quarenta minutos em cada casa. Mas os foliões ao assistirem as fitas, não demonstram enfado. As mesmas fitas são vistas com bastante regularidade e esses momentos de contemplação, em geral coletivos, são sempre solicitados.

O grupo costuma se reunir aos domingos na casa de Adelino, e os filhos compram-lhe um aparelho de videocassete ao perceber que a possibilidade de ver a Folia na televisão tornou-se um motivo a mais para atrair os conhecidos. Durante a transmissão todos falam, comentam, contam histórias; muitas vezes param a fita para rever uma cena, e muitas vezes surgem discussões a partir do que foi gravado. Essas imagens não são aceitas ingenuamente: são sempre passíveis de elogio ou de crítica, principalmente por parte dos mais velhos. Os comentários referem-se às pessoas, às roupas e tentam datar o acontecimento, quando não há data inscrita, a partir das pessoas ausentes ou presentes na cena gravada. Além disso, contam as histórias de vida das pessoas que estão ausentes nesse momento da apreciação. Existe uma necessidade de comparar o ritual com o que está sendo transmitido: o desempenho dos músicos e foliões, a decoração da bandeira e a posição dos foliões na evolução que fazem para cantar na frente do presépio, a seqüência das casas visitadas:²¹

- *O João sim é um folião. Tem fé e mexe com o corpo todo. Tem um jeito prá tocar caixa.*

- *... porque a gente sabe sobre os canto e não tá bom, olha aí!*

- *... eu lembro e tô vendo. Tá minha cabeça que não saiu bom.*

²⁰ Fala de Felício de Souza na fita gravada em 1990

²¹ Esses comentários são, respectivamente, de: Teresa Gonçalves, Josino Pereira da Costa, Ilda Silva de Souza, Ilda Silva de Souza, Adelino Gonçalves de Souza, José de Souza, Rosa Carvalho, Lídio dos Santos, Rosa Carvalho, Rosa Carvalho e Ilda Silva de Souza. Foram registrados nos dias 04.06.95, 27.07.97, 02.08.97 e 14.09.97.

- ... olha, (apontando para o vídeo), até eles tá achando que não deu certo. Viu a cara dele? Dá prá tirar esse pedaço?
- ... mas parece que não foi assim.
- Tem pedaço bom e tem algumas falhas. A gente sabe isso porque quando tem falha, tem na folia e na fita, porque gravou.
- A gente não enjoa de olhar.
- Não filmou as pessoas oferecendo dinheiro prá bandeira. Tem que mostrar.
- A bandeira tá sem cor. Depende da casa a cor fica mais forte.
- Na casa do Haroldo a flor da bandeira cresceu e a música tá mais apumada. Lá nessa casa eles tem muita firmeza, eles nasceu dentro da Folia.
- Eu queria uma foto daí. Eu não conheço Folia como essa. Dá jeito?

A linguagem do vídeo é muito familiar para os mais jovens, mas para os mais velhos, alguns elementos causam estranheza. Por exemplo: em uma cena mostrando o conjunto dos foliões tocando e cantando, por algum motivo a câmera foi desligada e a cena seguinte começa com um close de um dos músicos. Em geral as pessoas mais velhas tiveram uma reação de estranhamento, fazendo comentários que se repetiram em dois finais de semana consecutivos que assistimos a mesma fita, enfatizando que consideram o ritual da Folia como coletivo e não entendem esses planos mais próximos que deixam escapar a noção de conjunto: *a televisão as vezes erra, acho que está errado... Cadê os outros folião?*²²

Se o registro em vídeo tem como objetivo guardar na lembrança, mostrar para quem não viu e ensinar as crianças quando crescerem, então diz Ilda:

...não devia ter filmado, porque agora não dá para apagar, e os músicos ainda não estão afinados. Isso não pode ser mostrado... Já que está sendo filmado, tem que ser tudo bom.

E Adelino completa:

Nas fita é tudo igual, sempre igual, mas na Folia é diferente. Aparece igual, mas é diferente o jeito. Mas é bom quando mostra todo mundo junto. Serve prá ver, é uma lembrança. Fica pros neto, pros filho. Serve até prá aprender, mas precisa ter alguém que sabe prá formar a Folia.

²² Comentário de Diva Gonçalves.

3.3 - Grupo Folclórico Campinense ¹

*Sou agricultor
Vim do sertão
Hoje moro na cidade
Mas lembro com saudade
Da minha linda profissão*

*Quando morava na roça
Um lugar abençoado
Trabalhava como ninguém
Todos viviam bem
Porque eram recompensados*

*Se vim para a cidade
E deixei o meu sertão
Não foi só porque quis
Veja o esforço que fiz
Para salvar a situação*

*O trabalho no campo
Foi ficando desamparado
Porque as leis trabalhistas
Seguíam para outras pistas
O lavrador ficou de lado*



F18

O Grupo Folclórico Campinense é constituído basicamente por migrantes que vieram de diferentes bairros rurais dos municípios de Caconde e Divinolândia, situados no nordeste do Estado de São Paulo. Os bairros Santa Quitéria, Quebra Machado, Fumaça,

¹ Os versos compostos por João Silvino de Faria e Roque José de Faria falam explicitamente sobre a introdução do Estatuto do Trabalhador rural, que foi decisivo para detonar o acelerado processo de migração rural-urbana. Este fator já foi citado no início do capítulo3 desta dissertação.

Cubatão, Bela Aurora, Cidreira, Machado e Santo Antônio aglomeravam sítiantes unidos por relações de parentesco e compadrio que estavam estabelecidos na região há várias gerações.

Lá era vida do campo. Trabalhava na enxada, agricultura completa, o gado, animal, porco, criava de tudo, plantava... Tinha a escola, no nosso sítio tinha até o quarto ano. Toda a região ia lá. Meu pai tinha um armazém, no sítio chamava venda. Vendia de tudo, desde um carretel de linha até um par de roupa, ferramenta. Meu avô tinha a casa da fazenda, mais prá cima, e a família do outro lado do córrego. Em frente era tudo parente. É família e morava sempre junto, e a Folia de Reis saiu de lá¹



F19

Lá o pessoal era muito reunido, muito chegado nos bairro. Tinha dois bairros mais chegado lá que era o bairro Santa Quitéria e o Quebra Machado, onde morava quase que só parente, gente da família. Então, aonde que tinha o grupo da Pastoria de Reis. Então teve lá uma represa, fizeram uma represa, ainda tem lá hoje uma represa da Usina Graminha, e pegou grande parte do povoado nosso lá. Então foi preciso que a gente mudasse prá cá, mudasse de lá porque a maior parte das terras foi vendido prá Companhia. Ficou embaixo d'água então as terra melhor; onde ficou os alto a pessoa falou: 'já que vai vender a terra melhor, vende tudo', então acabaram vendendo tudo o

¹ Depoimento de Sebastião Manuel Mendes.

sítio e vieram embora. Vieram prá cá, foram para Jundiá, foi prá São Paulo. E nessa época esparramou todo mundo, então acabou a Folia.²

Nos depoimentos de diversas pessoas que compõem esse grupo, o momento de saída do campo para a cidade é lembrado como a ruptura com um modo de vida que não oferecia condições de sobrevivência, dada a profunda transformação que ocorreu com a chegada da Usina, e a opção de vinda para a cidade significava novas oportunidades para os filhos.

Entre os anos de 1962 e 1970, grande parte dessa comunidade já se encontrava instalada em Campinas, ocupando principalmente os bairros Parque Industrial, Vila Pompéia, Jardim Santa Lucia, Vila Cidade Jardim, Vila Miranda, Vila Bela - atual Vila Castelo Branco - e Jardim Nova Europa. Conseguiram reiniciar em Campinas atividades voltadas para os serviços urbanos, ocupando inicialmente os mais baixos escalões no mercado de trabalho: faxineiros, serventes de pedreiro em grandes empresas e as mulheres passaram a trabalhar como lavadeiras de roupa e cozinheiras para as famílias campineiras de classe média.

Mesmo com a dispersão dos seus componentes no novo espaço geográfico, essa comunidade sempre manteve os laços afetivos e sociais que permitiu o restabelecimento de um sistema de ajuda mútua e posteriormente a reorganização da Folia de Reis:

Nós chegamos aqui primeiro, a gente voltava lá na roça e tinha os parentes, os amigos lá na roça no cabo da enxada, sofrendo: 'Vamos prá Campinas, você vai trabalhar, vai ganhar mais'. E o pessoal vinha. Ia lá prá casa. Ele vinha prá cá com uma mala de roupinha. A minha mãe conhecia o dono do macarrão Galo e punha o cara prá trabalhar. Chegava um começava a conversar, minha mãe punha prá trabalhar, carregar sacaria... O nego ficava aí, ficava aí, foi lá trazer a família, se era solteiro ficava aí, montava grupinho, arranjava uma casa e morava os rapaz. Vinha folião e ficava no grupo. Então minha mãe é que socorria todo mundo: dava casa para morar, roupa lavada, passada e comida na mesa. Nós tinha time de futebol nosso: Santos Futebol Clube, então aqueles cara que era bom de bola na fazenda, nós trazia tudo prá cá. E quem era da folia lá, chegava aqui, juntava tudo aqui.³

² Depoimento de João Silvino de Faria

³ Depoimento de Sebastião Manuel Mendes.



F3

Nessa época em Campinas já havia alguns grupos de Folia de Reis, principalmente na Vila Pompéia, Cidade Jardim e Vila Bela, que eram redutos de migrantes mineiros, e os cacondenses começaram a acompanhar a bandeira do embaixador José Pacheco, apelidado de Zé Mineiro, o qual reunia uma grande quantidade de foliões. Mas essa folia durou pouco, porque *o Zé Mineiro cantou uns três anos e a bandeira dele voltou prá Minas*.⁴ Os foliões passaram, então, a ajudar simultaneamente na cantoria de outros dois grupos que às vezes se juntavam: a Folia do *João Gordo*, que não sai mais e a Folia da *dona Santina*, também conhecida na época como Folia da Pompéia, que continua existindo até hoje, com o nome de Folia do Jardim Yeda.

*No começo era misturada, que eles tinha o grupinho deles, e nós juntamos tudo junto. Então tinha setenta por cento de folião nosso. A Folia era deles e nós também tinha bastante folião, saía tudo junto, misturava. Só que depois acabou nós fazendo um grupo só. (...) Agora nós tem nossa turminha. Nós fundou a nossa, o sistema deles trabalhar prá nós não serviu. Os outros não foi prá frente, o único que ficou é o nosso.*⁵

⁴ Depoimento de Sebastião Manuel Mendes.

⁵ Depoimento de Sebastião Manuel Mendes.



F6

Quando Sebastião diz que *os outros não foi prá frente, o único que ficou é o nosso*, ele está se referindo aos constantes rearranjos pelos quais as outras Companhias de Reis passaram nesses últimos trinta anos, ou seja, a formação que tais grupos apresentavam no passado, foi transformada, mas quase todas as pessoas citadas e que aparecem nas fotos mais antigas - anos 60 e 70 -, que estão em posse de algumas pessoas do Grupo Folclórico Campinense, ainda são foliões, embora não participem do mesmo grupo de origem em Campinas.

A primeira característica que diferencia o Grupo Folclórico das outras companhias de Reis, é que sua formação praticamente não se alterou desde que chegaram em Campinas e reorganizaram a Folia aqui. Aos olhos dos foliões de outras companhias, estes são vistos como: *a Folia que vem de fora*⁶, ou *a Folia daquele povo claro*⁷, referência à cor da pele, ou ainda *a Companhia de Reis que tão fazendo a igreja*⁸. Essas denominações foram

⁶ Fala de Adelino Gonçalves de Souza, referindo-se ao fato dos integrantes desse grupo não serem, em sua maioria moradores do Parque da Figueira.

⁷ Comentário de Maria de Lurdes Bonilha, da Companhia de Reis do Parque da Figueira, constatando que em todas as outras Foliás têm muitas pessoas negras participando.

⁸ Fala de Genésio Machado da Silva, bastião da Companhia de Reis do Jardim Yeda, referindo-se ao fato desse grupo ser composto por pessoas de maior poder aquisitivo e ter conseguido comprar um terreno onde está sendo construída uma sede social.

aparecendo, conforme o grupo se distanciava social e economicamente dos outros, delimitando as suas fronteiras de uma maneira mais rígida. Nesse processo, os sentimentos ligados à origem comum e à continuidade dessa origem aqueles que se comprometiam com as novas relações instauradas e excluiu os que não se adequavam à manutenção da unidade e coerência do grupo, que em última instância significa uma diferenciação sócio-econômica, uma vez que a maior parte dos foliões desse grupo desfrutavam de um padrão mais elevado.

O grupo, que no início reunia o pessoal para *lembrar daqueles tempo velho nosso lá*⁹, resolveu formalizar a sua organização, elaborando algumas regras para manter a disciplina entre os foliões. Com a criação dessas regras, foi estabelecido um maior controle sobre a assiduidade, o uso de bebidas alcoólicas, e a frequência aos ensaios, com a instauração de listas de presença.

*Aí acharam melhor ter um responsável, uma pessoa prá tomar conta. Um companheiro nosso, conhecido por Sebastião Gerônimo, também era da turma lá de Caconde, tomou conta uns tempo, depois passou pro Waldomiro, esse que ficou até a época que eu peguei. Então o Waldomiro ficou tomando conta do grupo, criou uma diretoria, mas não tinha nenhum documento, não tinha o estatuto ainda.*¹⁰

O grupo foi criado oficialmente em 1974 quando mandaram fazer em Caconde a bandeira e as máscaras novas, tendo sido registrado em cartório em 1982, com o nome de Associação Grupo Folclórico Campinense, a qual contou inicialmente com a adesão de setenta famílias que passaram a pagar mensalidades. Em 1996 havia trezentas famílias associadas, mas no ano seguinte muitas manifestaram a dificuldade em continuar o pagamento, e atualmente eliminaram o sistema de carnês, retomando o sistema de ofertas em dinheiro, durante o giro da Folia. Sebastião Canuto, atual presidente da Associação explica que essas ofertas variam de cinco a cinquenta reais *conforme a graça alcançada e os recursos do momento*. Mas a maior arrecadação do grupo atualmente provém das quermesses que organizam, tendo como objetivo angariar fundos para a construção uma

⁹ Extraído do depoimento de João Silvino de Faria.

¹⁰ Depoimento de João Silvino

sede social e de uma igreja, em um terreno recém adquirido no bairro Jardim Novo Campos Elíseos.

Desde a sua fundação, o grupo passou a ter eleições regulares a cada quatro anos, para eleger uma diretoria. Nessas eleições são formadas duas chapas, para disputar os seguintes cargos: presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro. À diretoria eleita, com exceção das atividades desenvolvidas durante o ritual religioso, que é função dos mestres ou embaixadores, compete organizar tudo que se refere ao grupo:

Nosso grupo aí é um grupo registrado, reconhecido, estadual, municipal e federal. Nós temos uma firma aberta. E desde que você tem uma firma aberta você tem que ter uma diretoria. Essa diretoria, ela tem que trabalhar em funções de manutenção do grupo. Prá dar manutenção pro grupo, você tem que arrecadar, senão você vai ficar parado. Nós, tinha o terreno lá em Hortolândia, então vendemos o terreno lá, compramos esse aí, que fica aí pertinho, fácil locomoção. Então, compramos aí o terreno de 490 metros. Fizemos um muro, fizemos a calçada, fizemos lá um barracão de pau a pique, você viu lá como é que tá lá: rústico, prá que nós pudesse arrecadar, fazer festa. Que nós fizemos o ano atrasado a festa da pizza, depois fizemos a festa junina, depois fizemos a festa da pizza novamente. É um esquema de festa que dá um lucro rendoso para o grupo.¹¹

O processo de organização formal do grupo implicou em um acúmulo de documentos escritos, com diferentes finalidades: desde o estabelecimento de uma comunicação mais ágil e eficiente entre os foliões, até a divulgação de alguns aspectos dessa cultura para setores da sociedade mais ampla, interessados no folclore, como a imprensa local e Secretarias de Cultura da região.

Para a comunicação entre os foliões, além dos convites para a participação nas reuniões e nas festas, são elaborados, na forma de listas, alguns tipos de documentos visando uma melhor organização: nomes de pessoas que participam de excursões para apresentação da Folia em outras cidades; roteiros que são elaborados anualmente no mês de outubro, com as datas, os nomes e os endereços das pessoas que receberão a Folia. Foi feita também uma tentativa de editar um pequeno jornal, veiculando informações referentes à diversos fatos sociais mundiais como porcentagem de analfabetos por país,

número de desabrigados, porcentagem da distribuição de terra no Brasil, etc., mas por falta de recursos circulou apenas um número, em outubro de 1987.

Existe também, porém em pouca quantidade, o registro de alguns versos que compõem o ritual, e são recitados pelos bastiões ou palhaços.

O documento escrito mais importante para o grupo é o estatuto, que foi organizado a partir da compilação de diferentes estatutos de sindicatos aos quais os componentes desses grupos estavam ligados, por relações de trabalho.

Para a divulgação do trabalho do grupo à sociedade, os documentos escritos são mais complexos, apresentando um histórico resumido da origem bíblica da Companhia de Reis anexado à relação das funções rituais e administrativas organizadas pelo grupo.

O uso da escrita está relacionado à ascensão social do grupo como um todo e à possibilidade de escolarização e de acesso às informações por que passaram as gerações mais novas, sendo esta característica que os distingue dos componentes dos outros grupos de Folias de Reis em Campinas:

*Antigamente era na folha de papel e demorava mais. Agora pode fazer quantas cópias quiser e depois é só cortar: o computador faz a coisa ficar bem feita.*¹²

Segundo Goody, em seus estudos sobre as diferenças entre a organização social de sociedades sem e com escrita e o processo de transição de uma para outra, trata-se de “uma utilização não sintática da linguagem, que a torna especialmente adequada aos fins da contabilidade”, ou seja, essa prática estaria mais voltada para a condução de assuntos econômicos e menos para o registro de mitos e rituais (GOODY, 1986, p.72).

Nesse sentido é possível, também, refletir com Leroi-Gourhan sobre a introdução da escrita em grupos cuja tradição esteve assegurada pela memória oral:

Nos primórdios da escrita, a memória coletiva não tem motivos para interromper o seu movimento tradicional, salvo no respeitante àquilo que excepcionalmente interessa fixar no quadro de um sistema social nascente. Portanto, não é por coincidência que a

¹¹ Depoimento de João Paulino Neto.

¹² Depoimento de Roque José de Faria, referindo-se ao computador adquirido pelo filho Carlos, que ajuda a administrar o grupo.

escrita não registra aquilo que é normalmente fabricado ou vivido, mas apenas aquilo que constitui o esqueleto de uma sociedade urbanizada, relativamente à qual a chave do sistema vegetativo reside numa economia de circulação (...). (LEROI-GOURHAN, 1983, p. 60)

Por outro lado, a pesquisa recente de Gomes e Pereira, acrescenta informações que enriquecem essa discussão:

Em Santo Antônio do Baú, Ilta Rodrigues de Oliveira, esposa de José Gomes de Oliveira, o dono da Folia, reuniu pacientemente em um caderno todas as informações sobre a fundamentação mítica do ritual. Há trinta e seis passos, com a explicação do momento certo da ocorrência de cada um deles; registraram-se treze embaixadas para situações também específicas e a parte de perguntas se compõe de cento e noventa e três questões. Nessa transição das falas orais para a linguagem escrita se evidencia o percurso da tradição oral; perderam-se elementos da sintaxe e os próprios vocábulos se alteraram - o que muitas vezes levou à destruição do signo lingüístico. Assim as palavras perdem seu sentido original e passam a figurar como elemento sonoro de poder mágico, independente de significação. A perda de sentido, decorrente da evolução fonética - ou a própria incompreensão do significado das palavras - em lugar de dificultar, favorece: é o mistério acrescido pela superioridade do obscuro. (GOMES & PEREIRA, 1995, p. 71)

No caso do Grupo Folclórico Campinense, foi observado que apesar de muito utilizada, a escrita é fundamental para a organização da área administrativa, sendo pouco praticada para o registro do ritual. Outros tipos de registros - fotografias e vídeo - , cuja produção será discutida mais à frente, são usados com a finalidade de mostrar os momentos do ritual.

Para o desenvolvimento do ritual essa Folia mantém uma estrutura parecida com a dos outros grupos, sendo constituída pelos seguintes foliões: Sebastião Canuto, José Etelvino, João Paulino Neto e Roque José de Faria tocam viola revezam-se na função de mestre; Levindo de Faria e Sebastião Gerônimo são contra-mestres; Amélio de Faria e Ataíde de Oliveira tocam violão; Oscar de Faria, Divino de Faria, João Donizetti e Benedito Rodrigues tocam cavaquinho; Roosevelt Justino Alves e José Eduardo de Souza tocam acordeão, José Roberto de Faria, e Celso Roque de Faria tocam caixa; Sebastião Aparecido e João de Andrade tocam pandeiro; Adelino Rodrigues toca bandolim. A toada ou o ritmo é predominantemente sul mineira, caracterizada pela sanfona.

Além da grande quantidade de músicos instrumentistas, a Companhia tem nove bastiões, sendo atualmente Antônio Manuel Mendes, o mais velho e encarregado de escalonar e distribuir as tarefas para cada um. Os aprendizes de bastião atualmente são

Felipe, Michel e Emerson, todos com aproximadamente dez anos de idade, que se revezam na recitação dos versos decorados, pois ainda não sabem improvisar. A presença dos bastiões é considerada fundamental, por isso existe uma preocupação em estar preparando as gerações mais novas para assumir essa função. Essa preocupação é tão evidente, que um folião da Companhia de Reis do Jardim Yeda se referiu a este grupo da seguinte forma:

Tem uns que tem professor. Aquela Companhia de Reis do Folclórico, tinha um professor que ele estudava muito e dá na escola praquelas meninada. Tinha um bastião, ele que era professor da turma. Ele tava ali sempre junto com a turminha, ele explicava prá eles.¹³



F11

Sebastião Mendes, um dos antigos bastiões do grupo acrescenta:

O Celso Divino foi o mestre dos bastião. Ele deu aula pros bastião. Então eu adquiri muita experiência com ele, muita prática, muita maneira de comportar, muito jeito de sambar, de ritmar a música. E agora os mais novo estão aprendendo também.

¹³ Depoimento de Genésio Machado da Silva



F15

Quem carrega a bandeira do grupo durante o giro da Folia é Julia de Faria, que também cuida da limpeza e da troca das fitas e flores quando ficam desgastadas. Nesse grupo existe uma regra proibindo que os devotos coloquem fotografias ou bilhetes na bandeira, evitando uma poluição visual, por isso todos os pedidos e agradecimentos devem ser representados apenas com fitas, respeitando uma simbologia de cores que faz parte das tradições.

A preparação para a Folia começa no mês de outubro, com a elaboração do roteiro das visitas nos diferentes bairros, e a distribuição de cópias para todos os foliões. A cada ano é escolhido um festeiro, que oferece a sua casa e se encarrega de organizar a saída da bandeira. A Folia *anda* todos os sábados e domingos do mês de dezembro, durante o dia todo, percorrendo aproximadamente vinte casas por final de semana. Os bairros percorridos por essa Companhia são: Parque Industrial, Jardim São Fernando, Vila Lemos, Vila Carlos Lourenço, Jardim Nova Europa, Jardim Eulina, Vila Santa Bárbara, Parque São Jorge, Vila Boa Vista, Jardim Maria Antônia (no município de Sumaré), Parque Universitário, Parque D. Pedro, Jardim Alvorada, Jardim Santa Lúcia, Campos Elíseos, Novo Campo Elíseos,

Jardim Ipaussurama, Jardim Anchieta, Vila Castelo Branco, Vila Padre Manuel da Nóbrega, Vila Pompéia, Cidade Jardim.

Grande parte dos foliões possui automóvel, e o transporte, portanto, não é problema para o grupo se deslocar quando precisa percorrer distâncias maiores. Como o grupo é numeroso, um dia normal do giro da Folia agrega aproximadamente cem pessoas, e esse número chega a quatrocentos no dia da festa da chegada. A alimentação sempre é suficiente, porque a organização é feita com bastante antecedência, tanto para o grupo ser recebido nas casas dos devotos que oferecem almoço, jantar ou lanche, como para receber pessoas na festa da chegada.

Na semana entre os dias primeiro e seis de janeiro a Folia interrompe o giro, pois muitos foliões vão a Caconde, onde ainda mantém laços de amizade, para participar da Festa nos bairros rurais de lá. De volta à Campinas, o ritual estende-se por quase todo o mês de janeiro, terminando com a festa da chegada. Desde 1995 a festa da chegada não acontece na casa do festeiro, e sim *no terreno*, que fica no Jardim Novo Campos Elíseos. Esse sistema adotado pelo grupo, rompendo com a tradição da festa ser promovida pelo festeiro tem como objetivo agregar maior quantidade de pessoas, num espaço adequado para a realização desses encontros.

A preparação da festa começa com dois meses de antecedência e o ponto de encontro é a casa de Conceição e Lurdes de Souza. *O povo que vem do sítio gosta de ficar junto e nós se damos bem*: é assim que essas duas irmãs, casadas com dois irmãos, Antônio e José de Souza, explicam o fato de dividirem a mesma residência desde que vieram para Campinas. Essa residência localizada no Jardim Novo Campos Elíseos, é conhecida por todos do grupo como *casa dos Carmélia* - alusão à dona Carmélia de Souza, mãe dos dois irmãos - e é um ponto de referência social e afetivo. Lá fica guardada a maior parte do patrimônio material da Folia, como instrumentos musicais, fardas e máscaras dos bastiões e ofertas que ganham. É o espaço também onde as mulheres se reúnem para fazer flores de tecido e de papel que enfeitarão os arcos de bambu, os andores, e o altar, *um costume que vem do tempo de Caconde*; para costurar as roupas dos palhaços e para planejar a festa. Encarregam-se também de cobrir com papéis coloridos e enfeitar com flores, caixas de papelão que serão usadas como bandejas para servir pães, bolos e roscas, feitos por elas.

Nesses momentos, as crianças sempre estão presentes, ajudando e aprendendo. A grande movimentação de pessoas na casa não acontece somente na época da Folia, pois é ali que o grupo reúne-se durante o ano todo, nos finais de semana, para discutir questões administrativas, para ensaiar e também assistir fitas de vídeo da Folia.

Para a festa, os homens providenciam o empréstimo e o transporte de mesas e cadeiras e encarregando-se dos trabalhos mais pesados para transformar o espaço em uma sede social. Na semana que antecede a festa esse trabalho é sempre intensificado, contando com uma grande participação, inclusive dos parentes que vêm de Caconde e Divinolândia. Até o final do ano de 1997, a sede social consistia de uma tenda feita com lona e plástico, mas com a organização de vários mutirões nos últimos meses, foi construído um galpão em alvenaria, coberto com telha canaleta e planejam para o próximo ano iniciar a construção de uma capela, ao lado do galpão. Para os foliões, essa construção tem um importante significado:

É uma evolução do grupo, a realização do sonho de ter um lugar. E a maior vantagem é não depender de prefeitura, nem de política, nem de igreja, e de paróquia nenhuma. Essa construção é a garantia da Folia continuar com os filhos, os netos.¹⁴

Os filhos e os netos, porém, participam esporadicamente da Folia, apesar de todo empenho dos foliões mais velhos para a continuidade dessa tradição. Comparado aos outros grupos, esse é o que está mais preocupado, formalmente, com esse aspecto do afastamento dos jovens, e promovem discussões em busca de sugestões para atrair as pessoas na faixa etária dos dezoito aos quarenta anos, que são as mais ausentes, mas fundamentais para assumir a liderança e dar continuidade ao projeto comunitário. Essas questões passam por propostas de inovações, vindas das velhas gerações:

Os velhos tem que abrir a cabeça e chamar os jovens. Vê o caso do meu irmão: ele criou na Folia de Reis um ritmo tipo samba, que agradaria muito os jovens. A Folia tem que adaptar outra toada, tem que adaptar o momento.¹⁵

¹⁴ Depoimento de Sebastião Canuto.

¹⁵ Depoimento de João Paulino Neto.

*Se não colocar os jovens para dirigir o grupo essa tradição vai acabar. Tinha que criar novas modalidades de dança, mais dinâmica, com roupas mais esporte e menos ligada na religião (...) Precisa dos jovens porque eles já vem com a capacidade de estudo melhor. Porque a dificuldade nossa hoje é usar uma língua diferente, a nossa língua é muito antiga ainda.*¹⁶

Se os jovens estão ausentes, as crianças, por outro lado, estão bastante presentes em vários momentos: ajudam na preparação da festa e participam do ritual acompanhando o giro todo do grupo. No ritual vários meninos atuam como bastiões e algumas meninas, no dia da chegada vestem-se de anjos, significando as pastorinhas que esperam a Folia sob os arcos.



F20

O Grupo Folclórico Campinense encena, algumas vezes, a Folia de Menino ou Pastoria de Menino, que pode ser considerada uma variação da Folia de Reis. Esse ritual, que era praticado com mais frequência quando moravam no sítio, é um pouco mais elaborado porque, além do grupo da Folia, aparecem outros personagens: os três Reis Magos, Papai Noel e dezesseis pastores. Os pastores se dispõem em duas filas ou cordões e, portando cajados enfeitados com fitas azuis ou rosas, dançam o xote. Quem comanda o

¹⁶ Depoimento de João Silvino de Faria.

grupo é Papai Noel, que é sempre o embaixador da Folia. João Silvino de Faria explica o significado da pastoria:

Conta na história, a lenda que nós conhece é quase criada por nós mesmo, que o pastor mais velho estava no campo quando os três Reis chegaram. A roupa do pastor era um paletó bem velho, depois foi modificando e resolveram mudar a roupa para Papai Noel, porque se destaca mais: na cidade já chama mais atenção.



F7



F14

Produção e circulação da imagem

O grupo possui uma grande quantidade de fotografias, mostrando a Folia de Reis desde os primeiros anos que chegaram em Campinas. Quase todos os foliões possuem algumas fotografias, mas a maior parte das fotos antigas estão com Sebastião Manuel Mendes, que era um dos bastiões do grupo. Ele se lembra que em 1969 contrataram um fotógrafo para registrar o grupo reunido, e nos anos seguintes costumavam pedir para alguns colegas fotografarem, até que em 1975 comprou uma *kodaquinha*. Em alguns momentos ele mesmo encarregou-se de produzir as imagens e em outros, quando estava desempenhando a função de bastião, solicitava o auxílio de outras pessoas. Muitas dessas fotos se perderam por causa dos empréstimos para os foliões e para os parentes, que *levam, porque gostam; aí um passa pro outro e esquece de trazer*.¹⁷

Dentre as entrevistas realizadas com os foliões desse grupo, a mais longa foi com Sebastião Mendes, pois a partir das fotos, a memória foi aguçada, e a compreensão de um panorama cultural no qual elas foram produzidas veio à tona. Parcelas de um universo não selecionado pelo olhar do fotógrafo foi representado verbalmente, articulando diferentes

¹⁷ Fala de Luzia, esposa de Sebastião Mendes.

tempos e espaços, oferecendo novas possibilidades de interpretação do processo de recriação das Folias de Reis em Campinas. A partir dessas imagens mais antigas e da identificação dos personagens e dos cenários mostrados, feitas pelo seu guardião, foi possível perceber o contexto que propiciou a integração, através das Folias de Reis, entre os migrantes de diferentes origens que chegaram na cidade, ocupando os bairros, que na época constituíam a periferia.

Várias pessoas do grupo também possuem fotos, mas são mais recentes e retratam apenas a parte do ritual em que a Folia visita suas casas. Essas fotos têm uma circulação mais restrita, e geralmente são guardadas nos álbuns familiares.

Atualmente uma moça do grupo, Maria Neusa Faria, filha de Roque José de Faria, preocupa-se em fotografar vários momentos da Folia - a saída, a passagem por várias casas, a festa da chegada - desde 1992, quando comprou uma câmera automática. O objetivo é mostrar sempre o que não foi fotografado anteriormente, o que se torna diferente de um ano para outro, pois mesmo tratando-se de um ritual cuja essência permanece a mesma, existem pequenas modificações, as quais podem ser vistas através das imagens. Além disso, a própria autora das fotos considera que mesmo o que permanece igual pode ser retratado de outras formas, o que significa inúmeras possibilidades seletivas, incluindo principalmente o enquadramento e os ângulos de tomada. Nas semanas subsequentes ao término da Folia, é bastante comum o interesse das pessoas em apreciar essas fotos recentes e muitos solicitam o filme emprestado para fazer reproduções. Em seguida, Neusa organiza essas seqüências fotográficas em álbuns, anotando as datas. Ela considera que *o vídeo é uma lembrança mais completa, porque você ouve a voz, mas a foto demora mais para estragar*, referindo-se à grande quantidade de fitas gravadas em vídeo que o grupo possui.

Desde 1990 algumas pessoas do grupo têm se empenhado em registrar a Folia em vídeo e essa produção, organizada principalmente pelas novas gerações, é considerada muito importante pelos velhos embaixadores:

*As fitas têm muita utilidade, porque nós precisamos aprender e com essas fitas que podemos aprender. A fita seria o maior professor: pela fita vê os erros dos músicos. Ela não mente.*¹⁸

*É bom o vídeo porque a gente vê os defeitos e pode corrigir. Tem muitos no grupo que filma, mas o oficial é o Nelito; ele entende de vídeo.*¹⁹

Quando Roque usa o termo *oficial*, ele se refere ao fato de Nelito Gonçalves ser considerado um folião, embora não seja instrumentista, pois sempre acompanha o grupo, gravando grande parte do percurso realizado pela Folia durante os finais de semana. Quando o grupo viaja para Caconde, ou para outras cidades, para *pagar promessa de devoto*, ou mesmo quando são convidados para participar de festivais de folclore promovidos pelas prefeituras locais, ele sempre está presente, com a câmera de vídeo, encarregando-se também de fazer reproduções para os foliões que solicitam.

Mas pelo grupo circulam também outras fitas gravadas mostrando a Folia. Geralmente são feitas pelos próprios foliões quando da passagem da bandeira por suas casas, e podem ser realizadas por alguma pessoa da própria família ou, no caso de não possuírem câmera, através da solicitação de favor amigos ou como prestação de serviços pagos.

Esse tipo de produção é considerado de menor valor, se comparado com o trabalho do Nelito, e a explicação do Antônio Manuel Mendes deixa clara a importância dessa função, pois já contratou os serviços de um vizinho que estava montando um estúdio, mas como não conhecia Folia de Reis:

Não foi bem filmado, porque a câmera era muito rápida e a imagem não para. Eles não focalizavam quem está cantando, e não pode sair fora da estética da cantoria; não pode estar mostrando outra coisa. Quando o Nelito gravou a chegada, é interessante porque quando o mestre falava da Nossa Senhora, ele mostrava o assunto, o andor da Nossa Senhora. O que é mais importante é o verso, porque conta o que está acontecendo. Se mostrar só o mestre, fica cansativo, então a pessoa que filma tem que buscar o que o mestre está falando, prá mostrar. Se a câmera não busca o que está sendo falado, quem vai assistir, não vai entender.

¹⁸ Depoimento de João Paulino Neto

¹⁹ Depoimento de Roque José de Faria.

Foram feitas também algumas tentativas de edição dessas fitas, selecionando cenas que algumas pessoas consideravam mais importantes e mais representativas da tradição da Folia. A construção de um discurso videográfico implica em muitas possibilidades seletivas, desde a captação da imagem - enquadramentos, movimentação da câmera, cortes -, até a edição. Muitas dessas opções de seleção ou exclusão do que é considerado mais ou menos significativo, podem gerar discórdias e tensões:

Tem uma fita que trouxe tristeza: dá privilégio para uns e tira de outros. Você filmou um mas não filmou o outro. Por que? Todos são iguais. Quando filma um embaixador dava para escutar. Quando filma de longe não dá para escutar a voz do outro. Pode ser falta de experiência de trabalho ou má intenção. Se mostrou você, todos seus parentes e amigos vão querer ver. E quando chegou o outro que ninguém filmou? Tem um grupo que pagava a pessoa para filmar, mas só a sua família. Então ele não fazia para o grupo. O jeito correto seria uma fita só, mostrando o conjunto, o grupo, sem distinção de interesse pessoal e depois fazia cópia para todo mundo²⁰

Portanto o grupo está em processo de negociação entre diferentes pontos de vista, um processo inerente à função de memorizar, selecionando o que merece ser registrado e o que deve ser descartado, tendo com objetivo a construção de imagens da suas vivências presentes e passadas que possam servir como referência para as novas gerações.

²⁰ Depoimento de João Paulino Neto.

3.4. Folia de Reis do Jardim Yeda

*Voltando disseram os três Reis: procuramos o Rei do mundo
por toda região de Belém, não encontramos também.
Os três Reis foi com uma nova estrela em sua guia,
chegando em Belém avistaram a Santa Família¹*



F5

Vários depoimentos de foliões de Reis de diferentes grupos, bem como velhas fotografias apontam para a Companhia de Reis do Jardim Yeda como a mais antiga de Campinas.

Essa bandeira é carregada por Santina Felipe de Souza, que localiza suas lembranças das Foliias de Reis em São Pedro da União, um arraial perto de Guaxupé, no Estado de Minas:

Lá é que era lugar... É porque lá é Minas Gerais, é minhas terra prá lá. Lá todo mundo tinha sítio. Criava capado, aquela vacaiada de leite, aquele farturão. Meu pai era bom de vida, graças a Deus. Tinha muita coisa, aquela coisera... Saía uma Companhia, a outra chegava, saía a outra, chegava outra... Depois foi desnorteando, acabou vendendo tudo lá. E resolvemos vim morar prá cidade.

¹ Trecho do *Vinte Cinco*. Transcrito da recitação de Genésio Machado da Silva.

As transformações no modo de vida desses sítiantes culminaram com o deslocamento de grande parte das famílias de São Pedro Damiano para a cidade de Guaxupé, onde foi difícil a inserção no mercado de trabalho. *Lá não tinha lugar de trabalhar de empregada doméstica e os homens tinham pouco serviço de pedreiro*², então a comunidade se desmembrou, quando algumas pessoas foram para o Paraná e um pequeno grupo veio para Campinas.

Mas esses deslocamentos não se realizaram sem resistência, pois o grupo “resiste com todas as forças de suas tradições, e essa resistência não permanece sem efeito. Procura e tenta, em parte, encontrar seu equilíbrio antigo sob novas condições” (HALBWACHS, 1990, p.137). “Quando um grupo se transporta para um novo espaço, antes de sua adaptação é como se tivesse deixado para trás a personalidade. Segundo Pierre Nora, a lembrança ‘obriga cada um a se lembrar e reencontrar o pertencimento, em troca, o engaja inteiramente’. A ruptura provocada pelo deslocamento faz com que o migrante rompa com suas estruturas materiais. Para não se sentir perdido no novo meio, busca ponto de apoio, constrói núcleos comunitários, onde as lembranças possam sobreviver e a identidade anterior possa ser preservada”. (LUCENA, 1996, pp.225-226)

Portanto, lembranças de vivências em diferentes lugares - São Pedro da União, Moçambo, Santa Quitéria e Quebra Machado, Cachoeira - que vieram na bagagem dessas pessoas apartadas de seus lugares de referência, foram fatores que contribuíram para a reunião daqueles que partilhavam um destino comum. Através de diferentes memórias, evocando tempos e espaços passados, a Folia de Reis, uma prática tão familiar, conhecida e compartilhada por migrantes rurais, foi retomada nos quarteirões da Vila Pompéia, em Campinas, tendo como sustentáculo a bandeira vinda de São Pedro da União.

*Meu pai me entregou a bandeira quando eu tinha sete anos: ‘Toma conta, seu três Reis Santo, dessa minha filha. Enquanto ela tiver vida, ela tem que seguir a jornada com a bandeira; toda volta que os três Reis dá, ela dá também’. O significativo que a bandeira é minha é por causa disso. Porque quando era para formar um grupo aqui em Campinas, ninguém tinha bandeira, só eu que tinha, que eu trouxe lá de Minas.*³

² Depoimento de Santana Felipe de Souza.

³ Depoimento de Santana Felipe de Souza.



G10

Essa bandeira que trazia consigo a história de sua origem agregou outras histórias, que se reforçaram e complementaram.

Santina, o marido José Domiciano de Souza e alguns familiares vieram para Campinas em 1960, fixando-se na Vila Pompéia. Nos primeiros anos sempre viajavam para acompanhar as Folias de Reis dos parentes que tinham ficado em Minas ou dos que tinham ido para o Paraná. Em 1963 tendo já reunido vários foliões, saíram com a Folia, percorrendo as ruas da Vila Pompéia, Vila Castelo Branco e Jardim Yeda.

Santina: Já tinha muito folião na vizinharada. Eles também não saía em Companhia de Reis porque ele não tinha bandeira.

José: *Eles tinha a Folia de Reis, mas é de Minas, do Paraná. Então ficava sabendo 'tal lugar tem um que é folião'. Ia lá, falava com ele, então ele vinha e reuniu tudo.*



G1

Genesio Machado da Silva é um dos bastiões do grupo. Veio de um arraial chamado Moçambo, perto de Muzambinho, em Minas, chegando em Campinas em 1951 para trabalhar como ajudante de limpador na Companhia Mogiana. Ele conta como o grupo se originou:

A nossa companhia formou assim: que eu sempre ia lá pro Estado de Minas pra sair na Folia. E tinha uns colega aqui que é a dona Santina e o marido dela, eles era folião. Toda vida eles tinha vontade de formar um grupo aqui em Campinas, então eles me convidaram, que aqui não tinha Companhia de Reis nossa. Ela arrumou uma bandeira lá no Estado de Minas, porque o pai dela já era reiseiro há muito tempo, ele saía com Companhia. Então eles pediram ordem pro padre, tiraram licença na delegacia, e formamos o grupo aqui. Já faz trinta anos, prá mais. O gerente era o seu Geraldo Marçal, aí arrumou o seu Francisco, que é aquele embaixador. Formamos o grupo, tá até hoje esse grupo de Reis. Então quer dizer que antigamente era Companhia da Pompéia,

que eles morava lá, foi nascido lá na Vila Pompéia, agora é Jardim Yeda, porque o gerente é o Aparecido, a casa dele é no Yeda.

Outro folião, João Paulino, nasceu no bairro rural de Cachoeira, em Guaranésia, onde participava de uma Folia, embaixada pelo seu pai. Embora atualmente seja componente do Grupo Foclórico Campinense, ele conta como começou a participar da Folia de Reis do Jardim Yeda:

E tinha Folia de Reis aqui e eu não sabia. Não é que eu não sabia, também não procurava. Quando eu mudei prá esse bairro aqui, eu tô trabalhando aqui, vendia roupa, eu vi uma Folia de Reis. Nesse intervalo eu fiquei quatro anos sem sair com a Folia de Reis. Aí eu falei: ‘escuta, vocês têm essa Folia de Reis aonde?’; ‘Nós somos a Folia de Reis da Pompéia, (...) Olha, sábado nós vamos ter um ensaio aqui perto da casa do Cido’. Cheguei no ensaio ele falou: ‘em que lugar que você canta na Companhia de Reis?’ E eu falei: ‘olha, minha voz não é boa, mas eu canto em todas elas, voz boa eu não tenho, mas eu encaixo aí mais ou menos em todas elas que for preciso.’ ‘Você embaixa também?’. Falei: ‘se for preciso, embaixo.’ Aí ele virou prá mim: ‘olha, o embaixador é o seu Francisco; se você quiser vim com nós você pode cantar em outra posição.’ E eu acompanhei o grupo por base de vinte anos.



Ao longo dos anos, a composição do grupo foi mudando, agregando novos foliões, moradores de bairros mais distantes. A composição atual da Companhia é a seguinte: João Leandro Sobrinho é mestre e toca viola; Aristides Almiro, é contra-mestre e toca viola; Joaquim Leme é cantra-mestre e toca viola; Jair Batista, é ajudante e toca cavaquinho; José de Souza é ajudante e toca bandolim; Esmeraldo Felipe, canta de contrato e toca viola; Alcides Pires Lopes, canta na quarta voz e toca caixa; Carlos Ramos canta na quinta voz e toca violão; Geraldo Martins canta na sexta voz e toca pandeiro; Odair José Ferreira canta na sexta voz e toca viola; Vicente Anselmo canta na sexta voz; Benedito Alves toca sanfona; Aparecido Martins toca caixa; José Caetano da Silva toca violino; Genésio Machado da Silva, José Garcia e Maria Helena da Silva são bastiões; Joana Maria é roupeira e cuida das prendas; Santana Felipe de Souza é bandeireira.

O percurso da Folia que inicialmente era restrito a três bairros adjacentes - Vila Pompéia, Vila Castelo Branco e Jardim Yeda - foi gradativamente aumentando, à medida que se ampliava a rede de conhecidos, e o próprio grupo de foliões. Essa Companhia atualmente é a que percorre maior número de bairros mais afastados na periferia de Campinas para visitar todos os conhecidos que fazem parte de uma rede bem ampla. O roteiro da Folia é preparado com antecedência, quando os foliões se reúnem para os ensaios. Os critérios usados para decidir o roteiro são: conhecer de antemão o lugar e as pessoas que moram na região, garantindo, portanto, que a Folia será recebida nas casas, a realização do ritual e em troca o recebimento das ofertas. Geralmente quando estão passando nos bairros, são solicitados a cantar em casas de pessoas que não conheciam, e o grupo sempre aceita, aumentando dessa forma o giro da Companhia para o próximo ano.

*Nessas vila o povo gosta. Inclusivamente uma mulher de lá achou muito bonito e disse que vai pegar a bandeira esse ano, prá ela ser a festeira o ano que vem. Vai ser lá nessa vila que nós tava. É o que eu tô dizendo: quem não conhece, passa até a ser festeiro ou festeira. Já comunica junto.*⁴

⁴ Depoimento de Santana Felipe de Souza.



G6

O giro completo da Folia é realizado geralmente em seis ou sete finais de semana, sempre aos sábados e domingos o dia todo, sendo planejado da seguinte forma: no dia da saída, a Companhia de Reis reúne-se no período da manhã, na casa do festeiro, onde é feita a confraternização. Após rezarem o terço, tomarem o café e afinarem os instrumentos, os foliões são informados pelo embaixador ou pelo gerente do grupo sobre o roteiro a ser percorrido. Até o ano de 1996, essa informação era passada oralmente, com maior possibilidade de alterações na ordem pré-estabelecida. No ano de 1997 optaram pela elaboração e divulgação por escrito, incluindo nomes dos bairros e as datas, facilitando dessa forma a um folião, que por algum motivo não compareça ao ritual em um dia, consiga localizar o grupo em outro dia.

Os bairros percorridos por essa Companhia são os seguintes: Parque Universitário, a região dos DICs (I, II, III, IV, V e VI), Jardim Ouro Verde, Jardim Canadá, Jardim Yeda, Jardim Santa Lúcia, Jardim do Lago, Vila Pompéia, Cidade Jardim, Souza, Joaquim Egídio, Centro, Jardim São José, Vila Oziel, Jardim Maria Rosa, Jardim Aeronave, Jardim Planalto, Vila Ademar de Barros, Jardim São Cristovão, Parque D. Pedro II.

Geralmente aos sábados, a Folia *anda* até dez horas da noite, quando os foliões retornam para suas casas, deixando a bandeira na casa do pouso, que foi a última a ser

visitada. No dia seguinte, domingo de manhã, todos se reúnem nessa casa, reiniciando a jornada, que termina ao anoitecer. Durante o giro, os foliões recebem lanche, almoço, janta, que muitas vezes, no caso de pagamentos de promessas, foram acertados antecipadamente. Quando essas refeições não estão planejadas, é função do gerente procurar a solução adequada. Geralmente ele entra em contato com as pessoas do bairro no qual a Folia está cantando, as quais encarregam-se de providenciar às pressas um almoço ou jantar. Não é raro que essas situações improvisadas convertam-se em verdadeiras festas, com uma ampla participação da população local.

Esse ritual repete-se até meados de janeiro, quando o grupo finaliza o trabalho ritual com a realização da festa da chegada no mesmo lugar onde foi a saída, pois o giro é uma volta, um círculo. A festa da chegada é feita basicamente com a arrecadação de alimentos, e a média recebida por dia, pelo grupo é: dois frangos, dois pacotes de macarrão, um litro de vinho, oito litros de refrigerante, um litro de óleo, dois quilos de arroz, de vez em quando uma leitoa e uma parte em dinheiro. Todos os anos essa comemoração, que começa sempre no final da tarde de sábado, é oferecida pelo festeiro na sua própria casa, o qual, com a ajuda das mulheres da família e vizinhança se encarrega de preparar a janta para todos os participantes.



A festa da chegada da Companhia de Reis do Jardim Yeda reúne vários foliões de outros grupos, por tratar-se da Folia mais antiga de Campinas. Esses foliões de outros grupos ajudam na cantoria, e todos vêm vestidos com as fardas dos seus grupos atuais.

Ainda na rua, antes de entrar na casa do festeiro, o grupo faz a *meia-lua*, caminhando em seguida até a entrada da casa onde estão os três arcos feitos em bambu. Na frente do último arco são desenhadas no chão as letras do alfabeto para que os bastiões vençam o desafio de recitar versos começando com as letras indicadas. As últimas etapas do ritual são a passagem da coroa do festeiro atual para o escolhido do ano seguinte, e a entrega da bandeira no presépio. Terminado o ritual, começa a festa, com o jantar e em seguida o forró, que costuma durar a noite toda.

Embora Santana sempre tenha sido a gerente da Companhia, tomando todas as decisões para o funcionamento da Folia, nos últimos cinco anos o sistema de organização está sendo redefinido, de maneira mais formal, com a passagem do poder de decisão da antiga liderança, encabeçada pelos antigos foliões, para as novas gerações, que estão apresentando novas propostas.

No mês de outubro de 1998 foi feita uma eleição, entre todos os foliões para escolher um novo comando, tendo sido eleito como gerente o folião Odair José Ferreira.

Tradicionalmente essa transferência de poder inclui uma lenta preparação e formação do novo líder. O antigo líder “escolhe” entre os foliões disponíveis para substituí-lo, aquele que tem o *dom* e seja capaz de dar continuidade à coesão do grupo. Na realidade, esse processo de escolha formal, implantado pelas novas gerações da Companhia de Reis do Jardim Yeda, não está desvinculado das formas tradicionais de *passagem da bandeira*. Um ano antes dessa eleição, quando os componentes do grupo já sabiam que havia uma disputa entre Odair e Aparecido - duas pessoas que estavam bastantes empenhadas em trabalhar pela continuidade da Folia -, Santana Felipe de Souza já havia feito sua escolha:

Eu já dei essa bandeira esse ano. Já dei ela prá um folião, porque eu tenho medo dum dia Deus olive que Deus me leva, eu morra, e a bandeira fica aí, e eu não sei o quê que o povo vai fazer... Então eu já dei prá ele falando assim: “Seu Odair, enquanto eu tiver vida, a bandeira tá dentro da minha casa, é minha. A hora que Deus olive guarde eu faltar, a bandeira é do senhor.” Ele até chorou. Aquele homem até chorou. Aí eu falei prá ele: “No meu lugar o

senhor põe qualquer bandeireiro ou bandeireira ou o senhor mesmo segue a jornada. Não pode parar. Todo ano; não pode parar.” Então conversamos tudo, entreguei a bandeira prá ele.⁵

As palavras do coordenador, Alcides Pires Lopes, que é ajudante do gerente, mostram que a preocupação com a continuidade da Folia, mantendo os objetivos de manter o grupo, adquirem uma nova postura de negociação, usando todos os recursos acessíveis:

Na troca de administração do grupo, foi priorizado dinamizar o giro, para que não ficasse cruzando a bandeira pelas ruas, sem rumo; para disciplinar rigorosamente, com o objetivo de agradar, porque para ser bem recebido, tem que se apresentar como uma equipe organizada, e foi proibido bebida. E também investir mais nas cantorias da Igreja, participar mais das Igrejas, para se tornar uma Pastoral de Reis. Na cidade grande é difícil atingir muitas casas, então fazendo apresentações na Igreja, atinge um número maior de pessoas. Cada Companhia de Reis atinge trezentas famílias, se for na Igreja pode atingir mil.

Outra proposta das novas lideranças é que as arrecadações em dinheiro, numa média de oitenta a cem reais por dia, antes empregadas exclusivamente na Companhia - transporte para as pessoas mais carentes que acompanham o giro, manutenção ou compra de novos instrumentos musicais, e das fardas dos foliões, complementação de comidas e bebidas para a festa da chegada -, sejam destinadas, em sua maior parte à construção, já iniciada, da Igreja de Santos Reis, no Jardim Monte Cristo, um grande território que foi ocupado por famílias sem teto. O grupo conseguiu, através da Paróquia do Jardim Santa Cruz, a doação, pela Prefeitura Municipal, de um terreno neste bairro.

A quantidade arrecadada por esse grupo, durante o giro, é sensivelmente maior do que a das outras Companhias e como os foliões de todos os grupos estão constantemente

⁵Conforme estudou Haydeé D. F. Cardoso, a “missão” do mestre, ou gerente, ou dono, enfim, de responsável pelo ritual é considerada um encargo pesado, que é passado ritualmente do antigo para o novo mestre. O mestre tem a obrigação de produzir o espetáculo todos os anos até o final de sua vida. Deve preparar um sucessor, e a “passagem da bandeira” ou do “bastão” é acompanhada da passagem dos segredos e fundamentos do grupo, e eventualmente do poder mágico-religioso. Assim tem sido em milhares de grupos de manifestações de cultura popular brasileira, como Congadas, Reisados, Moçambiques, Quilombos. Muitas vezes, nesses grupos, como em rituais de umbanda, a passagem do ritual dos segredos é acompanhada da expressão “põe uma pedra em cima”, significando que o novo mestre, só deverá cotar esse segredo ao próximo sucessor. Ver CARDOSO, Haydeé Dourado de Faria. O gesto, o canto, o riso: história viva na memória”, pp. 59-60 e p.70.

trocando informações sobre as condições das Folias, acreditam que esse fato é resultado do investimento na nova forma de organização, que se reflete também no desenvolvimento do ritual, melhorando a cantoria, e o desempenho dos bastiões. Como consequência, vários foliões de outras Companhias tem expressado o desejo de participar, esporádica ou mesmo definitivamente desse grupo. Até o ano de 1997, muitos foliões de outras companhias participavam da cantoria na festa da chegada da Companhia de Reis do Jardim Yeda, e para que todos pudessem cantar, era organizado um sistema de revezamento. Mas a nova direção do grupo pretende dar prioridade aos foliões que acompanham o giro todo, restringindo, dessa forma, a participação de novos componentes. Além disso, pretendem diminuir o período da festa da chegada, que sempre foi muito longo e animado, tendo início sábado à noite, estendendo-se muitas vezes durante o domingo todo.

Desta forma, a gerência atual está investindo, também, na criação de uma nova imagem do grupo.

Produção e circulação das imagens

Existem muitas pessoas dentro do grupo registrando as imagens da Companhia durante o giro todo, e principalmente na festa da chegada. Na festa do ano de 1998, havia três pessoas com câmeras fotográficas e quatro com câmeras de vídeo. Todas essas pessoas estão envolvidas, de certa forma, com a Companhia de Reis: são sobrinhos, filhos, noras e genros de foliões. As fotógrafas eram mulheres: Silmara e Silvana Machado da Silva, filhas de um dos bastiões do grupo, e Maria Conceição Reis de Faria, esposa do embaixador da Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria. Os operadores de câmeras de vídeo eram todos homens: Donizeti Cardoso, Antônio Martins, Aparecido Fernandes da Silva e Roque José Gobe.

Muitas pessoas do grupo possuem cópias dessas imagens, mas o maior acervo, incluindo as fotos mais antigas, está em posse de Genésio Machado da Silva, que é o palhaço da Companhia. Assim como nos outros grupos pesquisados, as imagens - fotografias e fitas de vídeo- circulam, na forma de empréstimo ou doações, entre os foliões, sendo também bastante comum a sua apreciação conjunta nas reuniões informais que

promovem, para visitas e conversas. Esses encontros acontecem principalmente na casa de Genésio ou de Aristides.

Em 1996 foi contratado o serviço de uma produtora de vídeo para acompanhar a Folia e registrar o ritual. Mas o resultado não foi considerado satisfatório para os foliões, porque a câmera, operada por uma pessoa que não conhecia o desenvolvimento do ritual, estava sempre posicionada de fora do grupo, mostrando muitas vezes os músicos de costas, não conseguindo apreender o que é importante para ser registrado.

A melhor filmagem foi de um cara que filmou pela primeira vez, mas como era folião, conhecia bem e sabia se posicionar de maneira estratégica: ele ficava entre os foliões. Mesmo que a imagem não era global, ela era melhor, mesmo mostrando o individual.⁶

Desde o ano de 1997, foi feita uma outra opção com relação às imagens: as novas lideranças têm se empenhado em recolher as imagens que vêm sendo produzidas há vários anos pelos próprios foliões, principalmente em vídeo, para organizá-las. Um dos líderes atuais, Alcides Pires Lopes, contratou os serviços de uma empresa, para fazer a edição de uma fita, *mostrando os melhores momentos da Folia* e distribuindo cópias a preço de custo para os foliões, ou doando para pessoas fora do grupo.⁷

Atualmente, portanto, circulam dois tipos de imagens videográficas da Companhia de Reis do Jardim Yeda. Entre os foliões circulam as gravações originais e a versão editada; e para pessoas e instituições alheias ao grupo é apresentada a versão editada, que já passou por uma segunda fase do processo seletivo. As novas lideranças do grupo demonstram a intenção explícita de obter apoio da Igreja e da mídia impressa e televisiva, através da transmissão de uma certa imagem das Folias de Reis em Campinas.

⁶ Depoimento de Alcides Pires Lopes.

⁷ Este procedimento foi adotado pela Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria, há vários anos. A diferença é que este grupo contratou os serviços de uma produtora para registrar e organizar uma edição em ordem cronológica com datas e localização dos lugares. Essa opção foi feita porque, tratando-se de um grupo constituído por pessoas de baixo poder aquisitivo, não tinham nenhuma possibilidade de contato com câmeras de vídeo, nem através de empréstimo, por isso a alternativa encontrada foi pagar pelo serviço, com uma parte da arrecadação feita durante o giro da Folia.

Existe um propósito político de veiculação dessa imagem que o grupo forja sobre si (para si mesmo ou só para quem é de fora?)⁸, como estratégia de sobrevivência, dada a consciência que possuem de que a partir dessa representação visual podem faturar as condições para a continuidade da apresentação da Companhia de Reis.

⁸ Ver POLLAK, Michel, “Memória, esquecimento, silêncio”, p.10.

3.5 - Usos da imagem e a expansão da memória coletiva

A memória no tempo da roça era oral, e assim os foliões mantinham e reinventavam as tradições. Agora percebemos que a palavra não é o único suporte da memória: fotografias e fitas de vídeo são usadas com muita frequência em todos os grupos de Folias de Reis em Campinas.

Fotografias e fitas de vídeo são suportes com possibilidades de registro diferentes, embora tenham em comum a representação figurativa mediada por meios técnicos de captação, reprodução e conservação da imagem.

Para as pessoas que participam das Folias de Reis, esse conjunto imagético como um todo é dotado de grande importância, o que justifica um investimento na sua produção, seja na forma de imagens fixas ou em movimento. Apesar de não ser explicitado um posicionamento hierárquico, essas imagens possuem usos e funções distintos que dependem das possibilidades e limites das situações: ... *não dá nem prá contar de tão bonito. Vou mostrar os retrato, você vê melhor... Tem a fita também, mostra igual, mas eu não sei ligar no aparelho.*¹ Muitas vezes o vídeo tem preferência, porque *mostra a Folia como ela é mesmo*², mas as fotos são consideradas importantes no processo de circulação entre as pessoas que não possuem aparelho de videocassete. Além disso, os foliões mais velhos não tem familiaridade com o manuseio desses equipamentos e preferem recorrer às fotografias que em qualquer ocasião podem ser buscadas e apreciadas.

No decorrer da pesquisa essas duas fontes não foram tratadas indistintamente, simplesmente associando-as aos depoimentos orais; foram consideradas as diferenças relativas à natureza de sua constituição, implicando em reflexões apropriadas.

A primeira característica da fotografia, que lhe concede o estatuto de suporte da memória, seria a impossibilidade de negar que aquilo que está registrado foi “real”. Philippe Dubois aponta a existência de várias teorias sobre a foto que permitem identificar três posições epistemológicas quanto à questão do realismo da imagem fotográfica. A primeira destas posições vê na foto uma reprodução mimética do real, e ela é concebida como o espelho do mundo. A segunda atitude consiste em denunciar esta faculdade da

¹ Comentário de Ilda Silva de Souza.

imagem como cópia do real, então a imagem é analisada como uma interpretação-transformação do real, como uma criação arbitrária, cultural e ideológica e perceptualmente codificada. A terceira maneira de abordar a questão do realismo fotográfico assinala um retorno ao referente, mas sem a obsessão do ilusionismo mimético: a imagem foto se torna inseparável de sua experiência referencial, do ato que a cria.³

Arlindo Machado, compartilhando a segunda posição, considera que “o signo fotográfico é ao mesmo tempo motivado e arbitrário: motivado porque, de qualquer maneira não há fotografia sem que um referente pose diante da câmera para refletir na lente os raios de luz que incidem sobre ele; arbitrário porque essa informação de luz que penetra na lente é refratada pelos meios codificadores” (MACHADO, 1984, p. 158).

O autor propõe uma investigação desses meios codificadores até o reencontro com o referente, para que este não seja transformado em fetiche. Um trabalho de decodificação da imagem fotográfica significa uma compreensão dos principais elementos constitutivos do código fotográfico: os recortes, os enquadramentos e os ângulos de tomada.

O primeiro papel da fotografia é selecionar e destacar um campo significativo, limitá-lo pelas bordas do quadro, isolá-lo da zona circunvizinha, que é a sua continuidade censurada. O quadro da câmera é uma espécie de tesoura que recorta o que deve ser valorizado, que separa o que é importante para os interesses da enunciação do que é acessório, que estabelece logo de início uma primeira organização das coisas visíveis. (MACHADO, 1984, p. 76).

A partir da observação desse processo seletivo de captura da imagem pelos foliões, pude perceber a importância de alguns momentos em detrimento de outros, bem como das pessoas mais importantes dentro dos grupos de Folias de Reis pesquisados. Mas para além da visibilidade da imagem enquadrada, aparecem com clareza nos depoimentos alusões ao extraquadro, ou seja, às pessoas, objetos e cenas que saíram dos limites do visível e continuam presente na memória, sendo explicitados oralmente no momento da contemplação.

O segundo aspecto considerado pelo autor é o lugar que a câmera ocupa para mirar seu objeto:

² Comentário de Maria de Lurdes Bonilha.

³ Ver DUBOIS, P. *O ato fotográfico*.

O amador sempre supõe em sua inocência que a simples posse de um aparelho fotográfico já lhe dá procuração para mover-se com liberdade na cena dos acontecimentos e decidir a seu bel-prazer a posição do olho enunciador, mas muito cedo ele experimentará a dura realidade do confronto com as forças monopolizadoras do espaço: em pouco tempo, ele aprenderá que o espaço já está de antemão esquadrihado e ocupado, como numa operação militar, e que os ângulos privilegiados, nem sempre estão disponíveis. O tripé de uma câmera é como o mastro de uma bandeira: para fincá-lo no solo é preciso primeiro ocupar um território ou - mais comumente - estar solidário com aqueles que o ocupam. É por isso que o ato de fotografar exige mais que a simples posse da câmera: exige o pacto com o detentor do espaço. (MACHADO, 1984, p. 105)

O pesquisador nem sempre, através da observação das fotografias, consegue detectar a posição do fotógrafo em relação ao grupo: se é um profissional contratado para fazer o registro, ou se é um participante e conhecedor daquela cultura, preocupado, portanto, em mostrar os aspectos mais significativos do ritual.

O trabalho com os grupos de Folias de Reis, utilizando imagens fotográficas implicou na percepção dessas escolhas valorativas que constituem a linguagem fotográfica: os recortes, os enquadramentos e os ângulos de tomada. As informações específicas para elucidar como aconteceram tais escolhas só puderam ser obtidas pelos depoimentos orais das pessoas que conservam as fotos e conheceram as condições de produção desse material.

Com relação ao vídeo, Arlindo Machado afirma que, decorrente da sua condição tecnológica, este possui uma natureza diferente da fotografia, pois não necessita de um processamento intermediário, ou seja um intervalo separando o momento em que o referente posa para a câmera e aquele em que o espectador frui o produto final.⁴ O autor aponta para a diferença entre a imagem em suporte fotoquímico e a imagem em suporte eletrônico, enfatizando que a fotografia conserva algo que já passou, e o vídeo significa a possibilidade de operar no eterno presente. Mas no caso desta pesquisa sobre as Folias de Reis, esse aspecto não é relevante, porque as imagens que são captadas durante os vários fins de semana do ritual, não são apreciadas simultaneamente ao momento da captura, e sim nos finais de semana posteriores, quando o *giro* já terminou.

Ambos os meios, vídeo e foto, além de constituírem-se em formas de conservação e conhecimento do passado a que estão associados, são dotados de uma extensibilidade que

possibilita o desencadeamento de idéias não contidas na imagem, e que podem ser exteriorizadas oralmente, produzindo novos significados.⁵

Para os sujeitos pesquisados a diferença fundamental entre esses dois meios está relacionada à questão de uma maior “impressão de realismo” fornecida no momento da recepção. A impressão de realismo está diretamente vinculada com a captura da imagem em movimento mostrando o desenrolar de uma ação ao longo do tempo, simultaneamente à captura do som, que é importante para observação das variações no ritmo musical, nos versos decorados que todos devem conhecer e nos versos improvisados pelos embaixadores.

Foi possível perceber, comparando várias fitas gravadas, que há oito anos atrás, quando os grupos começaram a ter acesso à esse instrumental tecnológico de captura da imagem em movimento havia uma coincidência entre a narrativa videográfica e o tempo vivido pelos sujeitos no momento da recepção. Em geral as câmeras eram ajustadas para gravação na velocidade SLP, e as fitas com duração esticada para seis horas mostravam um tempo real do ritual da Folia no período de seis horas. Essas primeiras fitas estão sujeitas a constantes avaliações pelas várias pessoas que compõem os grupos, e muitas vezes foram apontados os “erros”. A partir dessas avaliações, aos poucos foram introduzindo os cortes no momento de captura das imagens. Geralmente esses “erros” mostram aspectos considerados pouco significativos ou mesmo comprometedores, desqualificando portanto a função da imagem de transmissora de elementos que foram escolhidos como “corretos”. A identificação dos “erros comprometedores”, apontados pelos foliões, bem como os elogios a certos aspectos dessa construção imagética, ofereceram um panorama das elaborações e reelaborações em diferentes períodos, de regras de controle dos comportamentos das pessoas tanto no ritual como no cotidiano e de processos de seleção inerentes à função de memorizar, distinguindo e ordenando o que deve ficar registrado e o que deve ser excluído.

Alguns grupos mantêm uma produção bem rudimentar e cheia de “erros”, na qual é possível perceber o papel do operador da câmera: se é folião e conhece com antecedência os momentos previstos do ritual ou se é de fora e foi incorporado ao grupo somente para

⁴ Ver MACHADO, Arlindo, *A Arte do vídeo*.

essa função, tendo, conseqüentemente, pouco domínio sobre o motivo enfocado, não conseguindo um resultado satisfatório na composição, no recorte, no enquadramento e na posição da câmera, perdendo muitas vezes algumas cenas importantes. Mesmo o folião iniciado, muitas vezes não tem o completo domínio do aparato mecânico-eletrônico que utiliza, então o produto final vem carregado de elementos que apontam para essas limitações técnicas.

Recentemente vem sendo explorada uma nova possibilidade de organização das imagens gravadas, que é a edição, e alguns grupos de Folias de Reis, na perspectiva de corrigir as imagens que devem ser preservadas, pagam por esse serviço, que muitas vezes é oferecido no próprio bairro, por pequenas produtoras visando um mercado em ascensão. Considerando que essas imagens fazem parte do inventário cultural dos grupos de Folias de Reis, e que “a cultura não é um depósito de informações; é um mecanismo organizado, de modo extremamente complexo, que conserva as informações, elaborando continuamente os procedimentos mais vantajosos e compatíveis” (FERREIRA, 1994/95, p. 116), fica evidente que, com a aquisição dessas possibilidades, algumas fitas de vídeo mais recentes das Folias de Reis passem por esse processo de assepsia e censura, eliminando as impurezas indesejáveis.

Esses grupos pesquisados, portanto, estão apropriando-se de um instrumental tecnológico e aprendendo códigos novos para usá-lo de um modo próprio, com a intenção de produzir e difundir a sua imagem de mundo, criando canais de comunicação que atendam a seus interesses coletivos.

Para entender os usos e funções das imagens nos grupos de Folias de Reis foram identificados dois momentos nesse processo: o primeiro enfoca a produção mesma e buscou entender quem manuseia os equipamentos de captura da imagem; o segundo refere-se à circulação dessas imagens dentro e fora dos grupos, bem como à organização e arquivamento desses registros, remetendo também aos momentos de recepção ou apreciação, apontando como e onde acontecem e quem deles participa.

Nas Companhias de Reis enfocadas podem ser distinguidos diferentes tipos de produção imagética, os quais estão relacionados com as condições sócio-econômicas e

⁵ Ver LEROI-GOURHAN. *O gesto e a palavra: técnica e linguagem*, p. 201.

culturais de inserção dos componentes dos grupos na sociedade mais ampla. Da intenção de produção de imagens à realização, essas condições se interpõem e em cada grupo essa realização acontece de diferentes maneiras, dependendo do poder aquisitivo para comprar câmeras, da predisposição de algumas pessoas para acompanhar o ritual exercendo a função de registrá-lo, da negociação para empréstimo de câmeras junto à familiares ou amigos, ou da organização e planejamento para contratar o serviço de algum profissional, caso não tenha outra alternativa, etc. São, portanto, inúmeras variáveis que resultam em diferentes tipos de organização e produção de imagens, caracterizando-as como mais ou menos coletiva.

A tentativa de uma sistematização rígida sobre esses modos de proceder a uma produção imagética adotados pelos grupos de Folias de Reis tem um caráter provisório, porque as condições que propiciam tais produções estão constantemente se transformando. É possível, entretanto, apontar para esses diferentes tipos de produção, tais como foram verificados nos grupos pesquisados, no período de 1995-1998. São os seguintes:

1- Uma ou mais pessoas do grupo tem a função - muito bem definida - de gravar e/ou fotografar com suas câmeras particulares ou emprestadas, o máximo de tempo possível *a jornada toda*, produzindo, portanto, um amplo registro, que fica à disposição do grupo, para empréstimo ou cópia. Como a jornada é longa, envolvendo quatro ou cinco finais de semana completos, visitando cerca de 70 casas, pode ocorrer revezamento nessa função, recorrendo-se a um ajudante ou substituto.

2- Algumas pessoas do grupo possuem ou usam emprestado câmeras de vídeo e/ou fotográfica para registrar a visita dos foliões *nas suas casas*, não achando necessário o registro em outros momentos. Essas imagens adquirem um caráter mais “pessoal” e sua circulação é mais restrita aos familiares. Muitas vezes, embora não exista um compromisso estabelecido de antemão, elas são doadas aos foliões.

3- Algumas pessoas do grupo que não possuem câmeras de vídeo ou fotográficas, e não sabem manusear tais equipamentos, solicitam a algum vizinho ou conhecido que possua câmera, o registro da imagem mostrando o ritual *na sua casa e/ou na festa da chegada*. Esse tipo de registro se diferencia dos outros porque é feito por pessoas alheias ao grupo, que desconhecem o ritual, e é perceptível o distanciamento pela maneira como

as cenas são selecionadas, e a postura da câmera em relação aos objetos filmados, mesmo que as cenas sejam dirigidas por quem solicitou o serviço. Em alguns casos essa solicitação tem um custo, porque nesses bairros periféricos está ocorrendo um aumento da profissionalização nessa área, embora com equipamentos muito simples, tendo como objetivo o registro de festas de aniversário, noivado, casamento e rituais populares.

A respeito da circulação e recepção das imagens foi possível verificar que existe um constante trânsito de pessoas e imagens em diversas direções, instituindo-se uma rede que extrapola os limites do grupo, do bairro e da cidade, seguindo, muitas vezes, o percurso inverso das pessoas que compartilham essa cultura. Essa movimentação fica evidentes nas falas:

*Emprestei os retratos para os parentes de Minas; quando vier alguém, sempre vem uns, eles mandam.*⁶

*Eu sempre vejo de domingo. Mas só tenho duas fitas e quando canso, preço emprestado outras pro Nelito, assisto e devolvo.*⁷

A circulação é um momento chave no processo de transmissão da cultura, e pode acontecer de várias formas, as quais permitem uma organização em dois tipos, tais como foram verificados no período de 1995-1998:

1- essas imagens são transportadas pelas pessoas e distribuídas por um amplo espaço geográfico, levadas de um lugar a outro, divulgadas para quem não esteve no ritual, operação feita geralmente na forma de empréstimo, seja para reprodução ou para simples fruição.

2- muitas vezes essa movimentação tem um caráter diferente não é a imagem que sai, mas as pessoas que afluem para um mesmo espaço físico. No caso das fitas de vídeo - principalmente mas não exclusivamente - pela escassez de aparelhos de video-cassete, essa troca não acontece na forma de empréstimo, mas sim de reuniões nas quais participam parentes, vizinhos e conhecidos. A apreciação dos vídeos usualmente é realizada em domingos previamente acertados, quando um grande número de foliões assiste a horas de

⁶ Comentário de Ilda Silva de Souza.

⁷ Comentário de Antônio Manuel Mendes.

gravação, aparentemente sem enfado, intercalando-as de inúmeros comentários. Esses momentos coletivos, além de reforçar os laços internos dos grupos, transformam-se em rituais, pois envolve uma organização e distribuição de papéis, incluindo a reconfiguração de ambientes, que em geral são pequenos, e a participação dos mais jovens para a sintonização do canal, a regulação da cor e do som.

No caso das Folias de Reis, tanto o vídeo como a foto apontam simultaneamente para o caráter não apenas de conservação do passado, mas de reatualização desse passado no presente, através da oralidade a que estão associados. E ambos estão integrados a um calendário que organiza os momentos de produção e captura do registro do ritual e períodos de circulação e contemplação dos resultados imagéticos, incluindo a crítica do registro.

Considerações Finais

Memória e imagem

*Só que o jeito que os antigo folião fazia era diferente.
Os companheiro hoje não sabe,
porque naquele tempo já tinha aquela prática.
Não tem ninguém daquele tempo prá ensinar
e não tinha vídeo para filmar.¹*

As passagens de Companhias de Reis pelos bairros periféricos da cidade de Campinas, São Paulo, não constituem cenas raras, apesar de surpreendentes para alguns habitantes urbanos desconhecedores ou já desapegados da cultura de origem rural. Nos finais de semana dos meses de dezembro e janeiro, vários grupos - tendo à frente um porta estandarte carregando a tradicional bandeira pintada com a imagem do presépio e enfeitada com fitas e flores coloridas, seguido por um cortejo de músicos instrumentistas e cantadores e dois ou três palhaços mascarados usando vestes coloridas - chamam a atenção do povo para o *giro da Folia* pelas ruas de diversos bairros.

Apesar de não ter origem na região de Campinas, existem, no município, aproximadamente quinze Folias de Reis, recriando a tradição desse ritual de representação da viagem dos três Reis Magos. Esses grupos são constituídos por migrantes provenientes da zona rural de vários Estados brasileiros, que vieram para Campinas a partir dos anos 60.

Grande parte dessa população, apesar das diferentes procedências regionais, compartilha a experiência de ter vivido em agrupamentos rurais na condição de sitiantes, parceiros, meeiros ou colonos de pequenas fazendas. Essas comunidades rurais, embora não possam ser caracterizadas como invariáveis, em termos de composição interna – pois havia constantes êxodos e imigrações - “constituíram estruturas consistentes e duráveis” (PEREIRA DE QUEIROZ, 1973, p. 51), nas quais as relações de ajuda mútua e a participação nas festas religiosas eram importantes fatores de integração. Entre estas, as festas de Reis, distinguindo-se por características regionais, faziam parte das manifestações religiosas em diversos Estados do território nacional.

¹ Depoimento de José Rodrigues de Faria.

A partir dos anos 50, com o processo de desagregação das pequenas unidades produtoras agrícolas, houve uma intensificação dos movimentos migratórios de populações rurais, inicialmente buscando novas fronteiras agrícolas e posteriormente em direção aos centros urbanos que apresentavam crescimento industrial. Nessas movimentações de abrangência inter-estaduais, grupamentos foram dispersos e novos foram formados, mantendo, porém, características de sociabilidade rural, funcionando como sistemas abertos a integrantes que passassem a compartilhar efetivamente as práticas coletivas.

O curto tempo de duração das fronteiras agrícolas acentuou a migração para os centros urbanos (BAENINGER, 1996, p.54) e Campinas, em franco desenvolvimento, tornou-se um centro receptor de mão de obra; um grande contingente populacional foi se fixando nas regiões limítrofes da área urbana do município, iniciando o povoamento dos que viriam a ser os novos bairros.

A formação desses bairros na periferia de Campinas é, portanto, parte do processo de transformação das sociedades rurais tradicionais, mas esse processo não deve ser apreendido como a destruição total dessas sociedades, na medida em que foram restabelecidos laços sociais, e formas de solidariedade e ajuda mútua necessárias à sobrevivência nas condições urbanas. Ocorreram mudanças daquele fazer cotidiano que envolvia um tipo específico de produção e de relação entre as pessoas, para novos hábitos de convivência, adequados à sociedade urbana. Por um lado, o ritmo de produção passou a exigir de cada pessoa da família o desempenho de um trabalho individual, geralmente distante do local de moradia, reduzindo o tempo de contato familiar e vicinal diário; por outro, a política de ocupação dos espaços urbanos, em consonância com os movimentos migratórios, continuou e continua expulsando a população excedente e excluída para bairros mais distantes e municípios vizinhos, contribuindo para a constante dispersão. Os espaços urbanos, inicialmente caracterizados como periferia, passam por acelerado processo de valorização, e conseqüente ocupação por segmentos sociais que não compartilham dos mesmos valores culturais que as camadas de mais baixa renda – os migrantes de origem rural.

Desta forma, resultado das dificuldades de vivência intensiva numa localidade delimitada, não são necessariamente os bairros e os grupamentos de vizinhança que irão

oferecer as condições de criação e manutenção da vida social. Para esses migrantes, portanto, a recriação das Folias no ambiente urbano – uma prática que não necessita da propriedade de um espaço, pois é adaptável à situação itinerante – foi a maneira encontrada para restabelecer vínculos sociais perdidos no processo de migração.

As Folias de Reis possibilitam o restabelecimento de vínculos sociais porque envolvem uma ampla participação coletiva. A manutenção dessa prática depende da existência de uma complexa organização: um grupo de foliões com funções definidas, capacitados para realizar um trabalho devocional e uma quantidade de pessoas dispostas a receber o cortejo que bate às portas de suas casas oferecendo o serviço religioso, tendo como contrapartida algum tipo de oferta para a realização da festa comunitária.

Embora a recriação das Folias seja uma produção cultural de grupos portadores de tradições, as tradições não são invariáveis, na medida em que os próprios grupos percebem “os obstáculos que lhes ameaçam a continuidade, que lhes limitam a capacidade de reprodução” (BALANDIER, 1976, p. 101) e as necessidades de renovação. As tradições das Folias de Reis, portanto, não desempenham meramente a função de acessório formal repetido através de regras fixas. Pelo contrário, a manutenção das tradições ou sua recriação no âmbito do ritual das Folias, tem a finalidade prática de restabelecer relações sociais, daí a sua força e adaptabilidade.

A transposição das Folias para a periferia de Campinas implicou em processos de negociação entre a manutenção de valores tradicionais e a adaptação aos novos padrões culturais da sociedade urbana. No cotidiano urbano os papéis de gênero passaram por transformações, as quais refletem-se na composição das Folias. Estas, tradicionalmente, eram compostas por grupos masculinos com a função de percorrer sítios e fazendas, a partir do dia 25 de dezembro, arrecadando os donativos para a realização da festa comunitária, no dia 6 de janeiro. A participação das mulheres estava associada a três momentos estáticos do evento: oferecer apoio aos foliões no dia da saída, receber a bandeira nas suas casas oferecendo as refeições e preparar a festa da chegada, enquanto aos homens cabia a função do giro, ou seja, buscar as provisões. Na cidade não existem restrições à participação feminina nas jornadas que antecedem a festa; pelo contrário, no processo de reorganização das Folias de Reis, além de garantir maior disciplina, em

algumas Companhias as mulheres lideraram a organização do grupo, refletindo os novos papéis que assumem na vida social.

Outro aspecto mostrando as adaptações no ritual das Folias, é que em Campinas, decorrente dos compromissos com horários de trabalho, os foliões podem se encontrar somente nos finais de semana. A *saída da bandeira*, portanto, foi antecipada para o início do mês de dezembro, e a *chegada* – a festa - pode acontecer até o final de janeiro, dependendo do roteiro a cumprir: quantidade de casas que visitam e sua distribuição em bairros mais ou menos distantes.

Entre os vários grupos de Folias de Reis que circulam em Campinas, cada um construiu a sua trajetória particular com uma organização interna específica - *o sistema de trabalho* - que o identifica e distingue dos outros. Mas a composição dos grupos não é fixa e homogênea, permitindo que os foliões mudem de Companhia, se adaptarem-se melhor ao *sistema* de outro grupo, e conseqüentemente propiciando trocas entre si.

O que garante a coesão interna, permitindo ao mesmo tempo as migrações dos participantes de um grupo para outro é que embora possuam diferentes experiências - construídas a partir das relações vividas no interior de grupos sociais em épocas e lugares diversos – as pessoas que participam das Folias sentem-se como pertencentes a mesma linhagem ou *linha* - usando os termos dos foliões - e possuem o mesmo *fundamento*.

O fundamento – narrado pelos mestres - é a história que legitima a origem do grupo e estabelece uma genealogia: dos três Reis Magos que criaram a primeira Folia, até o grupo de hoje. A narração da criação e da continuidade com os antepassados pode ser definida como um mito, pois “conta uma história sagrada, relata um acontecimento que teve lugar no tempo primordial, o tempo fabuloso dos começos (...) e é considerado como uma história sagrada e portanto uma história verdadeira, porque se refere sempre a realidades” (ELIADE, 1989, pp.12-13). Como o ritual da Folia é intrinsecamente ligado à vivência cotidiana, o mito significa a história verdadeira para o grupo, justificando os comportamentos, as dádivas e as situações desabonadas.

Em todos os grupos o fundamento é o mesmo, constituindo portanto uma estrutura fixa que garante a coesão interna, permite as migrações inter-grupais e assegura a continuidade mesmo na condição itinerante em que vive grande parte desses foliões. Essa

estrutura fixa pode ser recoberta por variações produzidas pelos diferentes grupos a partir de experiências trazidas da zona rural ou vivenciadas na situação urbana, as quais lhes dão uma identidade própria. Nesse sentido a reorganização das Folias nos diferentes tempos e espaços, incluindo a periferia urbana, pressupõe necessariamente um trabalho de negociação de memórias entre pessoas que possuem diferentes origens geográficas, e vivenciaram o processo migratório e a inserção na sociedade urbana de maneiras diversas.

Atualmente um dos problemas centrais para esses foliões em Campinas é a questão da permanência do grupo e vários fatores contribuem para esse sentimento de inquietação. Um deles, já citado, é a expulsão, cada vez mais intensa dessas populações para regiões mais afastadas. Outro, talvez mais importante, é a ausência de grande parte dos jovens, que tendem a se constranger e afastar-se dessa cultura, buscando outras opções.

A garantia da continuidade dessa cultura é, portanto, uma grande preocupação que permeia todos os grupos estudados, porque brevemente as novas gerações deverão assumir a liderança. Os mestres atuais têm em torno de 70 anos de idade, e os últimos trinta foram dedicados à transmissão de seu conhecimento aos jovens foliões.

A base para a continuidade de uma cultura é a memória, e cada tipo de sociedade constrói, preserva e transmite a memória de acordo com o seu nível tecnológico. As Folias de Reis são produções culturais de grupos de memória oral, que até recentemente transmitiam seus saberes e conhecimentos oralmente.

Com a integração destes grupos migrantes à cultura urbana e a conseqüente ampliação de suas relações com outros campos da cultura brasileira - escola, trabalho, meios de comunicação de massa - houve uma aquisição de novos instrumentais técnicos de preservação e transmissão da memória.

Em todos os grupos pesquisados, atualmente há uma grande ocorrência de registros sonoros, fotográficos e videográficos produzidos por eles mesmos. Este fenômeno característico das sociedades modernas ou “sociedades do esquecimento”, nas quais a memória deve ser preservada em suporte material está interagindo, portanto, com o universo da tradição, e isto remete à reflexão sobre a transição da memória coletiva, baseada na vivência e na transmissão oral, para a memória registrada parcialmente na forma de sons e imagens.

A memória das sociedades sem escrita que é transmitida de geração a geração através da fala e dos gestos, é vivida e constantemente reconstruída no interior da coletividade tendo como suporte fundamental a forma de expressão oral. No caso das Folias de Reis de Campinas percebe-se que, à medida que as descontinuidades espaço-temporais dominam as relações entre as pessoas, e os rearranjos intergrupais são muito intensos e acelerados, surgiram novos tipos de suporte para registrar o presente.

Para Nora desde que haja mediação, não estamos mais dentro da verdadeira memória:

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações. (NORA, 1993, p. 9)

Ainda seguindo o pensamento deste autor, o registro, por outro lado, qualquer que seja a sua natureza: escrito, imagético ou sonoro, seria um recorte estático, fixo, imutável, a inscrição de longa durabilidade daquilo que já pereceu.

É necessário cogitar sobre essas questões apontadas, pois nos grupos de Folias de Reis, embora a necessidade de memória retiniana seja um fato, tais registros não carregam um sentido de desaparecimento do passado, pois existe um componente social e coletivo que continua operando, desde a intenção de captura das imagens, até a forma de circulação e o destino que lhes é dado.

Velhos embaixadores e jovens foliões apontam para a importância dos registros fotográficos e dos *filmes no vídeo* como forma de lembrança para as futuras gerações, como forma de mostrar para as pessoas que não estiveram presentes no ritual como ele aconteceu, porque *quando a gente vê no retrato ou na televisão é como se tivesse acontecendo de novo, a gente não enjoa de olhar. (...) e é bom para aprender, senão os novo esquece.*²

Os depoimentos e as práticas envolvendo a produção, a circulação e a recepção das imagens fotográficas e videográficas apontam para a mobilidade do seu caráter, e portanto para a possibilidade de compor a memória coletiva, tal como no passado a oralidade

² Comentário de Rosa de Souza.

realizava. A imagem é produzida, criada, selecionada, guardada, mostrada, vista, comentada, enviada, mantendo uma dinâmica característica da memória oral.

Nos grupos pesquisados, tais registros não se transformam em arquivos de imagens, servindo somente de “referências tangíveis de uma existência que só vive através delas” (NORA, 1993, p.14); pelo contrário, constituem um elo com o presente, sujeito a transferências, reinterpretações e reconstruções.

O advento dessas novas possibilidades como a gravação em vídeo e a fotografia provoca mudanças não apenas na forma de organização da memória, como também na redefinição dos papéis sociais das pessoas que fazem parte desses grupos. Com a aquisição de câmeras como meios de selecionar e preservar alguns momentos do ritual, as novas gerações assumem uma função importante dentro dos grupos de Folias de Reis, porque é do seu ponto de vista que alguns aspectos da cultura serão registrados. Dominando os equipamentos, os jovens transformam-se nos agentes encarregados de selecionar as imagens a serem preservadas, mas os antigos papéis dos velhos foliões não são menosprezados porque são eles que trazem na memória os *fundamentos* que são passados às novas gerações.

As novas funções, assumidas pelos jovens, de produção da imagem, são reconhecidas e respeitadas como qualquer outra desempenhada nos moldes da tradição oral: na época da saída da bandeira, a sua presença é solicitada da mesma forma que é solicitada a presença do folião tradicional e sua ausência ou a sua falha é igualmente percebida.

De diferentes formas, reflexo da situação econômica e sócio-cultural dos seus integrantes, cada um dos grupos de Folias de Reis pesquisado está empenhado em construir e organizar a sua memória-imagem, consciente de que é preciso adaptar-se aos meios que propiciem maiores facilidades para a acumulação de sua memória. Com a capacidade de reprodução da imagem, propiciada pela tecnologia, a memória pode ser multiplicada, democratizada³, transitar e ser difundida entre pessoas que compartilham algum grau de experiência comum. Qualquer que seja a forma de produção, organização e circulação,

³ Ver LE GOFF, Jacques. *História e memória*, p. 466.

essas imagens são construídas como parte do processo de constituição e reforço da identidade dos grupos em questão.

O cenário torna-se dessa forma complexo e desafiante para o pesquisador interessado em abordar tal temática, com os recursos metodológicos de associação dos discursos visuais à história oral. Nos depoimentos orais, a foto ou a imagem no vídeo aparecem como complementares, pois a imagem possui uma liberdade dimensional, desencadeando processos verbais a que não está diretamente ligada⁴.

Assim, foi verificado que, quando a expressão verbal não é suficiente para enfatizar uma visualidade necessária à compreensão de certas circunstâncias, as pessoas recorrem às imagens, como foi a solução encontrada por Ilda Silva Souza: *... não dá nem prá contar de tão bonito... Vou mostrar os retratos, você vê melhor*. E inversamente, quando a imagem não dá conta de explicar uma situação, ela é traduzida numa oralidade que a contextualiza, conforme explicou Maria de Lurdes Bonilha: *Aqui não tá a mesa tudo, não*, contando em seguida fatos que não foram captados pelo olhar do fotógrafo.

Para a realização da pesquisa, os relatos orais e as imagens, enquanto fontes de dados, mostraram-se portanto, eficientes para elucidar alguns aspectos da produção da memória coletiva por grupos de pessoas empenhadas na recriação das Folias de Reis em Campinas.

Enquanto objeto da pesquisa, esses diferentes suportes – a voz, o papel fotográfico revelado, a fita eletromagnética – aparecem como meios que transportam seletivamente parcelas de memórias. Esses meios constituem-se em narrativas com características próprias que se complementam no sentido de manter viva a memória de um grupo e a recriação de suas práticas culturais. Enquadramentos, recortes, versos, lendas e histórias não são “imagens” retidas no tempo, pois são constantemente re-significadas, possibilitando novas maneiras de, no momento presente, compreender o passado e projetar o futuro.

Como afirma Le Goff: “a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das sociedades em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela

⁴ Ver LEROI-GOURHAN, A. O gesto e a palavra: técnica e linguagem, p.195.

sobrevivência e pela promoção. (...) Mas a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita (*e porque não, imagética*)⁵, que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória” (LE GOFF, 1990, p. 475-476).

... E as Folias de Reis seguem seus caminhos:

*Senhora dona da casa
Nós avisa prá senhora,
Por favor traga a bandeira
Que ela agora vai-se embora*

*Nós não pode andar sem ela
Ela vai na nossa frente
Agradeço o guaraná
Que matou a nossa sede*

*No dia da nossa festa
Quero vocês dono lá
Prá assistir nossa chegada
E o terço com nós rezá.*

*Viva os três Reis Santo
Viva a estrela da guia
Viva o festeiro e a festeira*⁶



C9

⁵ A inserção é minha.

⁶ Versos de despedida cantados pelo embaixador Aparecido, da Companhia de Reis do Jardim Yeda.

Anexo 1: Localização dos bairros pesquisados

Referência: Mapa de Campinas, 1998

FONTES ORAIS

Estão incluídos os nomes das pessoas que forneceram entrevistas gravadas, e de outras, cujos comentários, registrados por escrito durante a realização da pesquisa, foram utilizados na dissertação.

Adelino Gonçalves de Souza: 71 anos, embaixador e tocador de viola. Procedente da região de Montes Claros, MG; atualmente reside no Parque da Figueira. Entrevista em 11.11.96.

Alcides Pires Lopes: 44 anos, folião, tocador de pandeiro, e coordenador da Companhia de Reis do Jardim Yeda. Procedente de Fernandópolis, SP; atualmente reside no Jardim Yeda. Entrevista em 05.10.97.

Antônio Manuel Mendes: 50 anos, bastião da Folia de Reis do Grupo Folclórico Campinense. Procedente da região de Caconde, SP; atualmente reside no Jardim Novo Campos Elíseos. Entrevista em 20.5.95.

Ataliba de Oliveira: devoto de Santos Reis e recebe várias Folias incluindo a Folia do *seu* Dilino. Procedente de Santa Rita do Sapucaí; atualmente reside no Parque da Figueira. Comentário colhido em 28.07.98.

Cátia Regina Campos: 26 anos, encarregada de fazer as fotografias e as gravações em vídeo da Folia do *seu* Dilino. Procedente de São Paulo; atualmente reside no Parque da Figueira. Comentário colhido em 14.09.97.

Genésio Machado da Silva: 67 anos, bastião da Companhia de Reis do Jardim Yeda. Procedente da região de Muzambinho, MG; atualmente reside no Parque Industrial. Entrevista em 19.04.98.

Ilda Silva de Souza: 67 anos, dona da bandeira da Folia de Reis do *seu* Dilino. Procedente da região de Montes Claros, MG; atualmente reside no Parque da Figueira. Entrevista em 11.11.96.

João Bauduino: 68 anos, tocador de cavaquinho, folião da Folia de Reis do *seu* Dilino. Procedente de Machado, MG; atualmente reside no Parque da Figueira. Comentário colhido em 07.12.96.

João Cristóvão da Silva: considerado o mestre dos mestres por vários foliões, tocador de viola e embaixador de Folia, faleceu com 90 anos em 24.12.97. Entrevista em 20.04.95

João Leandro Sobrinho: 67 anos, embaixador da Companhia de Reis do Jardim Yeda. Procedente de Cajuru, região de Ribeirão Preto, SP; atualmente reside no Jardim Yeda. Depoimento colhido em 25.07.98.

João Marcelino dos Santos: 56 anos, tocador de viola e embaixador da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Procedente de Pitangueira, PR; atualmente reside no Jardim dos Oliveira III. Entrevista em 09.11.96.

João Onofre da Silva: 69 anos, folião da Companhia de Reis do Parque da Figueira, tocador de viola e embaixador. Procedente do Paraná; atualmente reside no Jardim Florence. Depoimento colhido em 23.11.97.

João Paulino Neto: 68 anos, tocador de viola, folião e ex-presidente da associação do Grupo Folclórico Campinense. Procedente de Guaranésia, MG; atualmente reside no Jardim Novo Campos Elíseos. Entrevista em 05.10.97.

- João Saraiva*: 59 anos, tocador de caixa e embaixador, folião da Companhia de Reis do seu Dilino. Procedente de Adamantina, SP; atualmente reside no Jardim Aeroporto. Entrevista em 13.09.97.
- João Silvino de Faria*: 66 anos, folião e ex-presidente da associação do Grupo Folclórico Campinense. Procedente da região de Caconde; atualmente reside no Jardim Eulina. Entrevista em 31.07.98.
- José Aparecido Dias*: 58 anos, gerente da Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco. Procedente de São Sebastião do Paraíso, MG; atualmente reside no Parque Universitário de Viracopos. Entrevista em 25.07.98.
- José Domiciano de Souza*: 77 anos, folião e tocador de bandolim na Companhia de Reis do Jardim Yeda. Procedente da região de Guaxupé, MG; atualmente reside na Vila Pompéia. Entrevista em 12.12.97.
- José Rodrigues de Faria*, conhecido por Coquinho: 56 anos, tocador de viola e embaixador da Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria. Nasceu em Diamantina, MG, passou por vários lugares no Paraná e atualmente reside no Parque Universitário de Viracopos. Entrevistas em 12.12.97 e 26.07.98.
- José da Silva*: 45 anos, bastião da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Procedente de Pouso Alegre, MG; atualmente reside no Parque São Paulo. Depoimento colhido em 09.11.96.
- Josino Pereira da Costa*: 68 anos, folião, tocador de cavaquinho e violão na Folia de Reis do seu Dilino. Procedente de Jequitinhonha, MG; atualmente reside no Parque da Figueira. Entrevista em 26.01.97.
- Luciana Aparecida Dias*: 15 anos, pastorinha da Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco. Nasceu em Campinas; reside no Parque Universitário de Viracopos. Entrevista em 25.07.98.
- Lucilena Bonilha Bezerra*: 30 anos, encarregada de fazer as fotografias da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Nasceu em Campinas; atualmente reside no Parque da Figueira. Comentário colhido em 28.07.98.
- Manuel Atanásio*: 68 anos, tocador de violão e folião da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Nasceu em Pernambuco, morou em Goiás e no Paraná; atualmente reside no Jardim Santa Eudóxia. Comentário colhido em 23.11.97.
- Maria Conceição Reis de Faria*: 52 anos, ajuda na organização da Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria. Procedente do Paraná; atualmente reside no Parque Universitário de Viracopos. Entrevistas em 12.12.97 e 26.07.98.
- Maria de Lurdes Bonilha*: 75 anos, dona da bandeira e gerente da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Procedente de Jau, SP; atualmente reside no Parque da Figueira. Entrevistas em 20.05.95 e 27.03.98.
- Marilda Aparecida Dias Frois*: 36 anos, festeira da Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco no ano de 1997. Procedente de São Sebastião do Paraíso, MG; atualmente reside no Parque Universitário de Viracopos. Entrevista em 25.07.98.
- Roque José de Faria*: 76 anos, embaixador da Folia de Reis do Grupo Folclórico Campinense. Procedente da região de Caconde, SP; atualmente reside na Vila Padre Manuel da Nóbrega. Entrevista em 17.10.96.

- Rosa de Souza*: 50 anos, ajuda na organização da Folia de Reis do *seu* Dilino. Procedente da região de Montes Claros, MG; atualmente reside no Parque da Figueira. Comentários colhidos em 04.06.95, 27.07.97, 02.08.97.
- Samuel Bonilha*: 79 anos, tocador de violão e cavaquinho, folião da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Procedente de Jau, SP; atualmente reside no Parque da Figueira. Entrevistas em 20.05.95 e 27.03.98.
- Santina Felipe de Souza*: 70 anos, dona da bandeira da Companhia de Reis do Jardim Yeda. Procedente da região de Guaxupé, MG; atualmente reside na Vila Pompéia. Entrevista em 12.12.97.
- Santina Marciana Dias*: 56 anos, ajuda na organização da Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco. Procedente de São Sebastião do Paraíso, MG atualmente reside no Parque Universitário de Viracopos. Entrevista em 25.07.98.
- Saturnino Francisco*: 73 anos, tocador de viola, folião da Companhia de Reis do Parque da Figueira. Procedente de Monte Santo de Minas, MG; atualmente reside no Parque da Figueira. Entrevistas em 09.11.96 e 28.03.98.
- Sebastião Canuto*: 59 anos, tocador de viola e embaixador de Folia de Reis no Grupo Folclórico Campinense. Procedente da região de Caconde, SP; atualmente reside no Jardim Novo Campos Elíseos. Comentário colhido no dia 21.04.98.
- Sebastião Manuel Mendes*, conhecido por Kojak: 53 anos, bastião da Folia de Reis do Grupo Folclórico Campinense. Procedente da região de Caconde, SP; atualmente reside no Jardim Campos Elíseos. Entrevistas em 09.10.97 e 26.03.98.

FONTES FOTOGRÁFICAS

Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco

A2

Ficha técnica

1- Local: interno, residência de José Aparecido Dias, Parque Universitário de Viracopos, Campinas, SP.

2- data: 13.12.97

3- tipo: objeto inanimado/decoração.

4- fotógrafo: Antônio Andrade de Resende, profissional contratado mediante pagamento, conhecedor de Folia de Reis e morador do bairro.

5- doador: José Aparecido Dias.

Conteúdo: presépio construído na sala, para receber a Folia de Reis da Comunidade de São Francisco.

A4

Ficha técnica

1- Local: interno, residência de Marilda Dias Frois, Parque Universitário de Viracopos, Campinas, SP.

2- data: 13.12.97

3- tipo: posada

4- fotógrafo: Antônio Andrade de Resende, profissional contratado mediante pagamento, conhecedor de Folia de Reis e morador do bairro.

5- doador: José Aparecido Dias.

Conteúdo: mulheres e crianças preparando, no fogão à lenha, o almoço que será servido para os foliões da Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco no dia da saída da bandeira. O almoço é oferta da festeira Marilda Frois Dias, como pagamento de promessa.

A7

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque Universitário de Viracopos, Campinas, SP.

2- data: 18.01.98

3- tipo: espontânea; grupo em primeiro plano.

4- fotógrafo: Angela Maria Dias.

5- doador: José Aparecido Dias.

Conteúdo: Folia de Reis da Comunidade de São Francisco caminhando por uma rua, no último dia do giro.

A10

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque Universitário de Viracopos, Campinas, SP.

2- data: 18.01.98

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Angela Maria Dias.

5- doador: José Aparecido Dias.

Conteúdo: meninas vestidas de pastorinhas carregando a imagem de Nossa Senhora Aparecida caminham por uma rua, para encontrar o grupo de foliões da Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco, como parte do ritual, no dia da festa da chegada

A13

Ficha técnica

1- Local: interno, residência de José Aparecido Dias, Parque Universitário de Viracopos, Campinas, SP.

2- data: 13.12.97

3- tipo: posada

4- fotógrafo: Antônio Andrade de Resende, profissional contratado mediante pagamento, conhecedor de Folia de Reis e morador do bairro.

5- doador: José Aparecido Dias.

Conteúdo: Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco, no dia da saída da bandeira. As mulheres que aparecem são a esposa, a mãe e a irmã de José Aparecido Dias.

Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria

C1

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque D. Pedro II, Campinas, SP.

2- data: 13.12.97

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Maria Conceição Reis de Faria.

5- doador: José Rodrigues de Faria.

Conteúdo: encontro da bandeira da Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria com a bandeira da Companhia de Reis do Jardim Yeda

C2

Ficha técnica

1- Local: externo, Vila União, município de Cascavel, PR.

2- data: 1974

3- tipo: posada (reprodução de monóculo)

4- fotógrafo: profissional, desconhecido.

5- doador: José Rodrigues de Faria

Conteúdo: Folia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria, quando era embaixada pelo pai de José Rodrigues de Faria, percorrendo as casas dos moradores, que eram, em maioria, provenientes de Minas Gerais.

C3

Ficha técnica

1- Local: interno, Igreja em Iracema do Oeste, PR.

2- data: 1969

3- tipo: espontânea (reprodução de monóculo)

4- fotógrafo: profissional, desconhecido.

5- doador: José Rodrigues de Faria.

Conteúdo: chegada da Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria em uma igreja na cidade, depois de percorrer as casas dos sitiantes, na zona rural.

C6

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque D. Pedro II, Campinas, SP

2- data: 13.12.97

3- tipo: espontânea

4- fotógrafo: Maria Conceição Reis de Faria

5- doador: José Rodrigues de Faria

Conteúdo: Companhia de Reis do Jardim Yeda.

C7

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque D. Pedro II, Campinas, SP

2- data: 13.12.97

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Maria Conceição Reis de Faria

5- doador: José Rodrigues de Faria

Conteúdo: Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria

C8

Ficha técnica

1- Local: externo, Aparecida do Norte, SP.

2- data: 20.12.97

3- tipo: posada

4- fotógrafo: profissional, desconhecido.

5- doador: José Rodrigues de Faria

Conteúdo: Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria pagando promessa em Aparecida do Norte.

C9

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque D. Pedro II, Campinas, SP.

2- data: 13.12.97

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Maria Conceição Reis de Faria.

5- doador: José Rodrigues de Faria.

Conteúdo: Em primeiro plano Santana Felipe de Souza carregando a bandeira da Companhia de Reis do Jardim Yeda; ao fundo os foliões e a assistência.

Folia de Reis do seu Dilino

D5*Ficha técnica*

1- Local: interno, noturno, residência localizada no bairro Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: 21.12.96

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Francisca de Souza Oliveira.

5- doador: Ataliba de Oliveira

Conteúdo: visita da Folia de Reis do *seu* Dilino em uma casa; ao fundo a dona da casa com a bandeira; em plano mais próximo Lúcia dos Santos, componente do grupo, tocando pandeiro.

D6*Ficha técnica*

1- Local: interno, noturno, residência de Adelino Gonçalves da Silva, localizada no bairro Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: 07.12.96

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Cátia Regina Campos

5- doador: Ilda Silva de Souza

Conteúdo: dia da saída da Companhia de Reis do *seu* Dilino. Os foliões, pedindo proteção para a jornada que se inicia, passam sob a bandeira que fica na porta da casa.

D7*Ficha técnica*

1- Local: interno, noturno, residência localizada no bairro Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: 14.12.96

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Ousinir Alves

5- doador: Ilda Silva de Souza

Conteúdo: foliões cantando em uma das casas do bairro Parque da Figueira durante o giro da bandeira da Folia de Reis do *seu* Dilino.

D8*Ficha técnica*

1- Local: externo, noturno, rua localizada no bairro Parque da Figueira em Campinas, SP.

2- data: 06.01.97

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Cátia Regina Campos.

5- doador: Ilda Silva de Souza.

Conteúdo: Ilda Silva de Souza, Diva Gonçalves e Lúcia dos Santos caminham com a bandeira, seguidas pelo grupo de foliões e assistência, no dia da festa da chegada da Folia de Reis do *seu* Dilino.

D9*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, noturno, rua localizada no bairro Parque da Figueira em Campinas, SP.
- 2- data: 07.12.96
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Catia Regina Campos.
- 5- doador: Ilda Silva de Souza.

Conteúdo: bandeireira caminha com a bandeira, enquanto os foliões estão se organizando antes de começar a percorrer as ruas do bairro no primeiro dia do giro da Folia de Reis do *seu* Dilino.

D11*Ficha técnica*

- 1- Local: interno, noturno, residência de Adelino Goançalves da Silva, localizada no bairro Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: dezembro de 1995
- 3- tipo: posada, primeiro plano.
- 4- fotógrafo: Catia Regina Campos.
- 5- doador: Ilda Silva de Souza

Conteúdo: Ilda Silva de Souza com a bandeira no dia da saída da Folia de Reis do *seu* Dilino.

Grupo Folclórico Campinense**F1***Ficha técnica*

- 1- Local: externo, residência localizada na Vila Cidade Jardim, Campinas, SP.
- 2- data: dezembro de 1974
- 3- tipo: P x B, posada.
- 4- fotógrafo: folião do grupo, desconhecido.
- 5- doador: Sebastião Manuel Mendes.

Conteúdo: A Folia de Reis do Grupo Folclórico Campinense, que naquela época denominava-se Grupo Folclórico Cacondense, chegando na casa de um devoto. Em primeiro plano os três bastiões e Maria Mendes, a madrinha da bandeira. Ao fundo mulheres colocando placa na entrada da casa, com as letras V O T R S (Viva os três Reis Santos).

F2*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, residência localizada na Vila Pompéia, Campinas, SP.
- 2- data: dezembro de 1974.
- 3- tipo: P x B, posada.
- 4- fotógrafo: folião do grupo, desconhecido
- 5- doador: Sebastião Manuel Mendes.

Conteúdo: saída da Folia de Reis do Grupo Folclórico Cacondense, da residência de Maria Mendes, a madrinha da bandeira. À direita, Maria Mendes com a bandeira, e a o seu lado, Santana Felipe de Souza, dona da Folia de Reis do Jardim Yeda. Os foliões das duas Companhias costumavam sair juntos, em dias alternados, para se ajudar mutuamente.

F3

Ficha técnica

- 1- Local: externo, residência localizada na Vila Cidade Jardim, Campinas, SP.
- 2- data: dezembro de 1974.
- 3- tipo: P x B, espontânea.
- 4- fotógrafo: folião do grupo, desconhecido
- 5- doador: Sebastião Manuel Mendes

Conteúdo: chegada da Folia de Reis do Grupo Folclórico Cacondense na casa de um devoto. O dono da casa recebe a bandeira de Maria Mendes, madrinha e bandeireira do grupo.

F4

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada na Vila Pompéia, Campinas, SP.
- 2- data: dezembro de 1969.
- 3- tipo: P x B, posada.
- 4- fotógrafo: profissional, desconhecido.
- 5- doador: Sebastião Manuel Mendes

Conteúdo: Folia de Reis do Zé Mineiro. Em primeiro plano, usando a farda de bastião estão Sebastião Mendes e Celso Divino, atuais componentes do Grupo Folclórico Campinense. Ao fundo, vários foliões que hoje compõem a Folia do Grupo Folclórico Campinense e outros que participam da Companhia de Reis do Jardim Yeda.

F5

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada na Vila Bela, atual Vila Castelo Branco, Campinas, SP.
- 2- data: dezembro de 1973.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: desconhecido.
- 5- doador: Sebastião Manuel Mendes

Conteúdo: Folia de Reis da Vila Pompéia, atualmente denominada Companhia de Reis do Jardim Yeda, tendo à frente, Santana Felipe de Souza, carregando a bandeira. Usando a farda de bastião está Sebastião Manuel Mendes, atual componente do Grupo Folclórico Campinense.

F6

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada na Vila Bela, atual Vila Castelo Branco, Campinas, SP.
- 2- data: dezembro de 1973.
- 3- tipo: posada.

4- fotógrafo: desconhecido.

5- doador: Sebastião Manuel Mendes

Conteúdo: Companhia de Reis da Vila Pompéia, atualmente denominada Companhia de Reis do Jardim Yeda, cuja bandeira é de Santana Felipe de Souza. Aparecem alguns foliões que faziam parte da extinta Folia do João Gordo, alguns foliões que hoje compõem o Grupo Folclórico Campinense e foliões que pertencem à Companhia de Reis do Jardim Yeda.

F7

Ficha técnica

1- Local: externo, noturno, Cidade do Menor, perto de Indaiatuba, SP.

2- data: 1977

3- tipo: posada.

4- fotógrafo: algum folião do grupo.

5- doador: Sebastião Manuel Mendes.

Obs. João Silvino de Faria possui uma foto feita no mesmo dia, mostrando um plano de conjunto do grupo todo, mas não foi utilizada nesse trabalho, pois a imagem está com pouca definição.

Conteúdo: Grupo Folclórico Campinense apresentando a Pastoria, que é uma variação da Folia de Reis.

F9

Ficha técnica

1- Local: externo, noturno, residência localizada no Jardim Novo Campos Elíseos, Campinas, SP.

2- data: 22.12.1980

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: algum folião do grupo.

5- doador: Sebastião Manuel Mendes

Conteúdo: festa da chegada da Folia de Reis do Grupo Folclórico Campinense, na casa de Sebastião Manuel Mendes. Além de palhaço da Companhia, Sebastião foi o festeiro do ano, para cumprir uma promessa. Os bastiões adultos são Celso Divino, Sebastião Manuel Mendes e Antônio Manuel Mendes. A crianças usando farda de bastião são Celso, Sergio e Warney, filhos de foliões do grupo.

F10

Ficha técnica

1- Local: externo, noturno, residência de Sebastião Manuel Mendes, localizada no Jardim Novo Campos Elíseos, Campinas, SP.

2- data: 22.12.1980.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: algum folião do grupo.

5- doador: Sebastião Manuel Mendes

Conteúdo: festa da chegada da Folia de Reis do Grupo Folclórico Campinense, na casa de Sebastião Manuel Mendes. Um vizinho, morador do bairro segura a bandeira.

F11*Ficha técnica*

1- Local: externo, noturno, residência de Sebastião Manuel Mendes, localizada no Jardim Novo Campos Elíseos, Campinas, SP.

2- data: 22.12.1980.

3- tipo: posada.

4- fotógrafo: algum folião do grupo.

5- doador: Sebastião Manuel Mendes

Conteúdo: festa da chegada da Folia de Reis do Grupo Folclórico Campinense, na casa de Sebastião Manuel Mendes, que, além de palhaço da Companhia, foi o festeiro do ano, para cumprir uma promessa. Os bastiões adultos são Celso Divino, Sebastião Manuel Mendes e Antônio Manuel Mendes. A crianças usando a farda de bastião são Celso, Sergio e Warney, filhos de foliões do grupo. Um vizinho, morador do bairro, também mineiro, segura a bandeira.

F14*Ficha técnica*

1- Local: externo, praça pública ao lado da Igreja do Jardim Proença, Campinas, SP.

2- data: 1992

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Maria Neusa de Faria.

5- doador: Roque José de Faria.

Conteúdo: apresentação da Folia de Menino, que é uma variação da Folia de Reis, a convite da comunidade do Jardim Proença.

F15*Ficha técnica*

1- Local: externo, rua localizada no Jardim Novo Campos Elíseos, Campinas, SP.

2- data: 12.01.97

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Maria Neusa de Faria.

5- doador: Roque José de Faria.

Conteúdo: A Folia do Grupo Folclórico Campinense caminha pelas ruas, no último dia do giro, antes da festa da chegada.

F16*Ficha técnica*

1- Local: interno, residência localizada na Vila Padre Manuel da Nóbrega, Campinas, SP.

2- data: 10.01.98

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Maria Neusa de Faria.

5- doador: Roque José de Faria.

Conteúdo: Mestre e contra-mestre do Grupo Folclórico Campinense, puxando a cantoria na casa de um devoto.

F18*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, rua localizada no Jardim Novo Campos Elíseos, Campinas, SP.
- 2- data: agosto de 1996.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Maria Neusa de Faria.
- 5- doador: Roque José de Faria.

Conteúdo: “Folia fora da época”. Os foliões do Grupo Folclórico foram convidados para cantar Reis na casa de devoto, como cumprimento de promessa.

F19*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, bairro Santa Quitéria, município de Caconde, SP.
- 2- data: janeiro de 1985.
- 3- tipo: posada.
- 4- fotógrafo: algum folião do grupo.
- 5- doador: Maria Neusa de Faria.

Conteúdo: o Grupo Folclórico Campinense interrompe a jornada da bandeira em Campinas, na primeira semana de janeiro, para que os foliões possam sair com a Folia de Reis dos parentes que ficaram nos sítios em Caconde.

F20*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, residência localizada no bairro Parque da Figueira.
- 2- data: 15.01.95
- 3- tipo: posada.
- 4- fotógrafo: Maria Neusa de Faria.
- 5- doador: Helena de Faria.

Conteúdo: Em primeiro plano, meninas vestidas de anjos esperam a Folia de Reis na casa dos festeiros, onde é realizada a festa da chegada

F21*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, sítio localizado em Monte Mor, município vizinho de Campinas, SP.
- 2- data: 12. 10. 97
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Maria Neusa de Faria.
- 5- doador: Maria Neusa de Faria.

Conteúdo: Os foliões do Grupo Folclórico Campinense foram convidados para cantar Reis “fora da época da Folia”, na casa de devoto, como cumprimento de promessa. Os bastiões estão recitando versos a partir das letras do alfabeto, que foram colocadas no arco de entrada.

Companhia de Reis do Jardim Yeda

G1*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque Universitário de Viracopos, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1979
- 3- tipo: posada.
- 4- fotógrafo: José Luis, folião do grupo e genro de Genésio Machado da Silva.
- 5- doador: Genésio Machado da Silva.

Conteúdo: Companhia de Reis da Pompéia, atual Companhia de Reis do Jardim Yeda, em um dia de giro da Folia, percorrendo ruas no Parque Universitário de Viracopos. O embaixador nessa época era Francisco Narciso da Silva e, assim como outros foliões, morava nesse bairro.

G2*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, praça em Aparecida do Norte, SP.
- 2- data: 1990
- 3- tipo: posada.
- 4- fotógrafo: profissional, desconhecido.
- 5- doador: Santina Felipe de Souza.

Conteúdo: Companhia de Reis do Jardim Yeda pagando promessa do festeiro em Aparecida do Norte. O festeiro escolhido no ano se encarregou de pagar todas as despesas da viagem.

G3*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque Universitário de Viracopos, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1979.
- 3- tipo: posada.
- 4- fotógrafo: José Luis, folião do grupo e genro de Genésio Machado da Silva.
- 5- doador: Genésio Machado da Silva.

Conteúdo: Companhia de Reis da Pompéia, atual Companhia de Reis do Jardim Yeda, em um dia de giro da Folia, visitando conhecidos no Parque Universitário de Viracopos. O embaixador nessa época era Francisco Narciso da Silva e, assim como outros foliões, morava nesse bairro.

G4*Ficha técnica*

- 1- Local: externo, bairro rural em Itupeva, SP.
- 2- data: 10.01.93
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Silmara Machado da Silva.
- 5- doador: Genésio Machado da Silva.

Conteúdo: a festa da chegada da Companhia de Reis do Jardim Yeda foi em um sítio em Itupeva, na casa do festeiro do ano de 92, Sebastião Paulino. O festeiro se encarregou de organizar a saída da Folia e a festa da chegada, arcando com grande parte das despesas.

G5

Ficha técnica

1- Local: externo, bairro rural em Itupeva, SP.

2- data: 10.01.93

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Silmara Machado da Silva

5- doador: Genésio Machado da Silva

Conteúdo: festa da chegada da Companhia de Reis do Jardim Yeda em um sítio no município de Itupeva. O bastião está recitando versos, pedindo licença para a visita ou agradecendo ao festeiro, e os instrumentistas estão acompanhando.

G6

Ficha técnica

1- Local: externo, bairro rural em Itupeva, SP.

2- data: 10.01.93

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Silmara Machado da Silva

5- doador: Genésio Machado da Silva

Conteúdo: festa da chegada da Companhia de Reis do Jardim Yeda em um sítio no município de Itupeva.

G8

Ficha técnica

1- Local: externo, residência localizada no Jardim Yeda, Campinas, SP.

2- data: dezembro de 1983.

3- tipo: posada.

4- fotógrafo: Sandra Machado da Silva.

5- doador: Genésio Machado da Silva.

Conteúdo: quatro bastiões da Companhia de Reis do Jardim Yeda após o ritual da Folia em uma casa.

G9

Ficha técnica

1- Local: externo, residência localizada no Jardim Campos Elíseos, Campinas, SP

2- data: janeiro de 1985.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Sandra Machado da Silva.

5- doador: Genésio Machado da Silva.

Conteúdo: os foliões da Companhia do Jardim Yeda, após o ritual da Folia na casa de Esmeraldo Felipe, um componente do grupo. Em primeiro plano, usando a farda de bastião

estão Genésio Machado da Silva e Maria Helena da Silva. Atrás os foliões, incluindo João Paulino Neto, que atualmente é componente do Grupo Folclórico Campinense.

G10

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Jardim Campos Elíseos, Campinas, SP

2- data: janeiro de 1985.

3- tipo: espontânea

4- fotógrafo: Sandra Machado da Silva.

5- doador: Genésio Machado da Silva.

Conteúdo: Santina Felipe de Souza caminha à frente da Companhia de Reis do Jardim Yeda, carregando a bandeira.

G11

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Jardim Aeroporto, Campinas, SP.

2- data: 24.01.98

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Silvana Machado da Silva.

5- doador: Genésio Machado da Silva.

Conteúdo: Em primeiro plano, bastião da Folia de Reis do Jardim Yeda, antes de realizar a meia-lua, no dia da festa da chegada. Atrás os foliões, incluindo alguns de outras Companhias: do Grupo Folclórico Campinense, da Companhia de Reis do Parque da Figueira e da Companhia de Reis irmãos Rodrigues de Faria.

Companhia de Reis do Parque da Figueira

L2

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: 11.01.98.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Lucilena Bonilha Bezerra.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: Companhia de Reis do Parque da Figueira percorrendo as ruas do bairro no dia da chegada da bandeira.

L5

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: 11.01.98.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Lucilena Bonilha Bezerra.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: Companhia de Reis do Parque da Figueira cantando no portão de uma casa, pedindo licença para entrar, no dia da festa da chegada.

L6

Ficha técnica

1- Local: interno, residência de Maria de Lurdes Bonilha, localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: janeiro de 1995

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Flavia Edilene Aparecida dos Santos Pinto.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: o almoço dos foliões no dia da chegada da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

L7

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: janeiro de 1995.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Flavia Edilene Aparecida dos Santos Pinto.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: bastiões da Companhia de Reis do Parque da Figueira dançando o corta-jaca.

L9

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP

2- data: janeiro de 1995.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Flavia Edilene Aparecida dos Santos Pinto.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha

Conteúdo: Maria de Lurdes Bonilha carregando a bandeira da Companhia de Reis do Parque da Figueira no dia da chegada.

L10

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP

2- data: janeiro de 1995.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Flavia Edilene Aparecida dos Santos Pinto.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha

Conteúdo: foliões da Companhia de Reis do Parque da Figueira fazendo a meia-lua, no dia da chegada da bandeira.

L12

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP
- 2- data: janeiro de 1995.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Flavia Edilene Aparecida dos Santos Pinto.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha

Conteúdo: Maria de Lurdes Bonilha caminha à frente da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

L13

Ficha técnica

- 1- Local: externo, residência localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1988.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Aparecida.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: Maria de Lurdes Bonilha puxando a estrela guia, no dia da festa da chegada da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

L14

Ficha técnica

- 1- Local: interno, residência de Maria de Lurdes Bonilha, localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1985.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Aparecida.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: foliões almoçando durante a festa da chegada da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

L16

Ficha técnica

- 1- Local: interno, residência de Maria de Lurdes Bonilha, localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1992.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Aparecida.
- 5- doador: Maria Aparecida Bonilha.

Conteúdo: foliões almoçando durante a festa da chegada da bandeira da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

L17

Ficha técnica

- 1- Local: interno, residência de Maria de Lurdes Bonilha, localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1992.

3- tipo: objeto inanimado.

4- fotógrafo: Aparecida.

5- doador: Maria Aparecida Bonilha.

Conteúdo: altar de umbanda, onde é feita a entrega a bandeira no dia da chegada da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

L18

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: janeiro de 1993.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Lucilena Bonilha Bezerra.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: Maria de Lurdes Bonilha puxando a estrela guia, no dia da festa da chegada da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

L20

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: janeiro de 1993.

3- tipo: posada.

4- fotógrafo: Lucilena Bonilha Bezerra.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: foliões da Companhia de Reis do Parque da Figueira caminhando pelas ruas do bairro Parque da Figueira no último dia do giro. Uma devota carrega a bandeira e Maria de Lurdes Bonilha não aparece na foto.

L21

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: janeiro de 1990.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Aparecida.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: dança dos palhaços da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

L22

Ficha técnica

1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: janeiro de 1985.

3- tipo: espontânea.

4- fotógrafo: Aparecida.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: foliões da Companhia de Reis do Parque da Figueira caminhando pelas ruas do bairro antes da festa da chegada. Em primeiro plano Maria de Lurdes Bonilha tocando

instrumento musical. O embornal vermelho, para guardar as arrecadações significa que ela é a gerente da Folia.

L23

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1990.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Aparecida.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: foliões da Companhia de Reis do Parque da Figueira caminhando pelas ruas do bairro no último dia do giro. À frente do grupo estão a bandeira e os bastiões, guardas da bandeira.

L24

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1993.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Lucilena Bonilha Bezerra.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: a meia lua é feita na rua, no último dia do giro da Companhia de Reis do Parque da Figueira, antes de entrarem na casa de Maria de Lurdes Bonilha, onde é realizada anualmente a festa da chegada da Folia.

L25

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1985.
- 3- tipo: posada.
- 4- fotógrafo: Aparecida.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: no dia da festa da chegada da Companhia de Reis do parque da Figueira, além dos foliões, apareciam outros personagens que realizavam uma encenação dramática: os palhaços pediam licença para o embaixador e roubavam o rei, a rainha e a pastorinha. Em primeiro plano o rei, a rainha e a pastorinha; ao fundo os foliões.

L26

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1985.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Aparecida.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: devota pagando promessa entra ajoelhada na casa de Maria de Lurdes Bonilha, no dia da chegada da bandeira da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

L29

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1990.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Aparecida.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: no dia da festa da chegada da Companhia de Reis do parque da Figueira, além dos foliões, apareciam outros personagens que realizavam uma encenação dramática: os palhaços pediam licença para o embaixador e roubavam o rei, a rainha e a pastorinha. Em primeiro plano bastião roubando a rainha, que é representada por Lucilena Bonilha.

L31

Ficha técnica

- 1- Local: interno, residência de Maria de Lurdes Bonilha, localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1985.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Aparecida.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: foliões da Companhia de Reis do Parque da Figueira no dia da chegada.

L32

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1993.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Lucilena Aparecida Bonilha.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: foliões da Companhia de Reis do Parque da Figueira cantando no portão de uma casa, pedindo licença para entrar.

L33

Ficha técnica

- 1- Local: externo, rua localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.
- 2- data: janeiro de 1995.
- 3- tipo: espontânea.
- 4- fotógrafo: Flavia Edilene Aparecida dos Santos Pinto.
- 5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: folia de Reis do Parque da Figueira caminhando pelas ruas do bairro no ultima dia do giro. Em primeiro plano Maria de Lurdes Bonilha carregando a bandeira e o embornal vermelho, para guardar as arrecadações significando que ela é a gerente da Folia.

L34*Ficha técnica*

1- Local: interno, residência de Maria de Lurdes Bonilha, localizada no Parque da Figueira, Campinas, SP.

2- data: janeiro de 1990.

3- tipo: posada.

4- fotógrafo: Aparecida.

5- doador: Maria de Lurdes Bonilha.

Conteúdo: almoço servido aos foliões e à assistência, na festa da chegada da Companhia de Reis do Parque da Figueira.

FONTES VIDEOGRÁFICAS

- Folia de Reis do Parque da Figueira*, fita gravada em 11.01.98, por Samuel Josemar Bauduino, VHS, 4 h.
- Folia de Reis do Parque da Figueira*, fita gravada por Elaine Betareli das Chagas em dezembro de 1996, VHS, 6 h.
- Folia de Reis do seu Dilino*, fita gravada por Wilson de Souza Carvalho e Catia Regina Campos, no período de dezembro de 1994 a janeiro de 1995, VHS, 8 h.
- Folia de Reis do seu Dilino*, fita gravada por Wilson de Souza Carvalho e Catia Regina Campos, no período de 25.12.90 a 06.01.91, VHS, 4h.
- Grupo Folclórico Campinense*, fita gravada por Nelito Gonçalves, no período de dezembro de 94 a janeiro de 95, VHS, 2 h, editada por Nelito Gonçalves.
- Grupo Folclórico Campinense*, fita gravada por Nelito Gonçalves, no período de dezembro de 92 a janeiro de 93, VHS, 4h.
- Grupo Folclórico Campinense*, fita gravada por Nelito Gonçalves, no festival do folclore na cidade de Olímpia, em 22.08.93, VHS, 4h.
- Companhia de Reis do Jardim Yeda*, fita gravada por Aparecido Fernandes da Silva em 10.01.93, VHS, 4 h.
- Companhia de Reis do Jardim Yeda*, fita gravada por profissionais contratados, no dia 18.01.97, VHS, 2 h, editada.
- Companhia de Reis do Jardim Yeda*, fita gravada por Roque José Gobe, no dia 24.01.98, VHS, 3h.
- Companhia de Reis da Comunidade de São Francisco*, fita gravada por Olímpio, folião que está se iniciando na produção de vídeo, no dia 18 de janeiro de 1997, VHS, 2 hs, editada.
- Companhia de Reis Irmãos Rodrigues de Faria*, fita editada, a partir de gravações feitas anualmente desde 1993, por profissional contratado, VHS, 6 h.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- AMADO, Janaina e FERREIRA, Marieta de Moraes Ferreira (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BAENINGER, Rosana. *Espaço e tempo em Campinas: migrantes e a expansão do pólo industrial paulista*. Campinas, CMU/UNICAMP, 1996.
- BALANDIER, Georges. *Antropo-lógicas*. São Paulo, Cultrix/ EDUSP, 1977.
- _____. *As dinâmicas sociais: sentido e poder*. São Paulo/Rio de Janeiro, Difel, 1976.
- BENJAMIN, Walter. "O narrador". In *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo, Brasiliense, 1996. (Obras escolhidas, v. I).
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Memória do sagrado: estudos de religião e ritual*. São Paulo, Editora Paulinas, 1985.
- _____. *Casa de escola*. Campinas, Papyrus, 1984.
- _____. "Produtores tradicionais da cultura popular". *Cadernos CERU*, n° 17, 1982.
- BRIOSCHI, Lucila R. (e al.). *Entrantes no sertão do Rio Pardo: o povoamento da freguesia de batatais (Século XVIII e XIX)*. São Paulo, CERU, 1991.
- BRITO, Marilza. "Memória e cultura". *Caderno memória da eletricidade*, n° 1, Rio de Janeiro, Centro da Memória da Eletricidade, 1989.
- BURCH, Noel. *Praxis del cine*. Madrid, Fundamentos, 1970.
- BURKE, Peter. *A cultura popular na Idade Moderna*, São Paulo, Cia das Letras, 1989.
- CANCLINI, Nestor Garcia. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- _____. "Fotografia e ideologia". *Feito na América Latina*, Rio de Janeiro, Funarte, 1987.

- CARDOSO, Haydeé Dourado de Faria. *Relações entre cultura popular e indústria cultural: a congada de Ilha Bela*. Dissertação de Mestrado, São Paulo, USP, 1982.
- _____. *O gesto, o canto, o riso: história viva na memória*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1990.
- CARELLI, Vincent. "Vídeo e reafirmação étnica". *Antropologia visual: caderno de textos*. Rio de Janeiro, Museu do índio, 1987.
- CERTEAU, Michel de. *A Invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis, Vozes, 2ª Edição, 1996.
- CHARTIER, Roger. "Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico". *Estudos históricos*. Rio de Janeiro, v. 8, n° 16, 1995.
- COLLIER JR., John. "Photography in Anthropology. A Report on Two Experiments". *American Anthropologist*, v. 59, n°1, February, 1957.
- DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Campinas, Papirus, 1994.
- DURHAN, Eunice. *A caminho da cidade*. São Paulo, Perspectiva, 1973.
- ELIADE, Mircea. *Aspectos do mito*. Lisboa, Edições 70, 1989.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. "Reconstruindo a saudade portuguesa em vídeo: histórias orais, artefatos visuais e tradução de códigos culturais na pesquisa etnográfica". *Horizontes antropológicos: antropologia visual*, v. 2, Porto Alegre, 1995.
- FERREIRA, Jerusa Pires. "Os desafios da voz viva". In SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas, CMU, 1997.
- _____. "Os ofícios tradicionais". *Revista USP*, n° 29, São Paulo, março-maio/96.
- _____. "Cultura é memória". *Revista USP*, n° 24, São Paulo, dezembro-fevereiro/94-95.

- FERRO, Marc. *Falsificações da história*. Portugal, Publicações Europa-América, Lda., s.d.
- FRANCE, Claudine de. "Filmic anthropology: a difficult but promising birth". In HOCKINGS, Paul (org.) *Visual Anthropology*, vol. 6, pp. 1-23, Harwood Academic Publishers, USA, 1993.
- FREUND, Gisèle. *La fotografia como documento social*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 1976.
- FUKUI, Lia. *Sertão e bairro rural: parentesco e família entre sitiantes tradicionais*. São Paulo, Ática, 1979.
- GALLIAN, Dante Marcelo Claramonte. "O historiador como inquisidor ou como antropólogo?". *Revista História*, São Paulo, n° 125-126, p. 93-103, ago-dez/91 a jan-jul/92.
- GALLOIS, Dominique T. e CARELLI, Vincent. "Vídeo e diálogo cultural: experiência do projeto vídeo nas aldeias". *Horizontes antropológicos: antropologia visual*, v. 2, Porto Alegre, 1995.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1989.
- GOMES, Núbia P. M e PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Do presépio à balança: representações sociais da vida religiosa*. Belo Horizonte, Mazza Edições, 1995.
- GOODY, Jack. *A lógica da escrita e a organização da sociedade*. Lisboa, Edições 70, 1986. (coleção Perspectivas do Homem, n° 28).
- _____. e WATT, Ian. "The consequences of literacy". In GOODY, Jack (org.). *Literacy in traditional societies*. Cambridge, Cambridge University Press, 1968.
- GUSMÃO, Neusa Maria Mendes e SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. "A criação cultural na diáspora e o exercício da resistência inteligente". *Ciências sociais hoje*, São Paulo, ANPOCS/Vértice, 1989.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*, São Paulo, Vértice, 1990.

- HAMPATÉ-BÂ, A. "A tradição viva" In KI-ZERBO, J. (org.). *História geral da África: I. metodologia e pré-história da África*. São Paulo, Ática/Unesco, 1980.
- HERNANDEZ, Isabel. "O cinema antropológico e a auto-gestão indígena". *Antropologia visual: caderno de textos*, Rio de Janeiro, Museu do Índio, 1987.
- HOBBSAWM, Eric J. (org.). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- KI-ZERBO, J. (org.). *História geral da África: I. metodologia e pré-história da África*, São Paulo, Ática/Unesco, 1980.
- KOSSOY, Boris. *Fotografia e história*. São Paulo, Ática, 1989.
- LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo, Brasiliense, 1997.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.
- LEITE, Miriam Moreira e SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von. "Imagem e linguagem: reflexões de pesquisa". *Textos CERU*, nº 3, 1992.
- LÉON-PORTILLA, Miguel. *A visão dos vencidos: a tragédia da conquista narrada pelos astecas*. São Paulo/ Porto Alegre, L & PM Editores, 1987.
- LEROI-GOURHAN, André. *O gesto e a palavra: técnica e linguagem*. Lisboa, Edições 70, 1985. (coleção Perspectivas do Homem).
- _____. *O gesto e a palavra: memória e ritmos*. Lisboa, Edições 70, 1983. (coleção Perspectivas do Homem).
- LUCENA, Célia. "Tempo e espaço nas imagens das lembranças" In SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas. CMU. 1997.
- MACHADO, Arlindo. *A ilusão especular*. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- _____. *A Arte do Vídeo*, SP: Brasiliense, 1988
- MELLO E SOUZA, Antônio Cândido. *Os parceiros do Rio Bonito: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1975.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

_____. “Quando o campo é a cidade” In MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo, Edusp/Fapesp, 1996.

MAUAD, Ana Maria. “História, iconografia e memória” In SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*, Campinas, CMU, 1997.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas” In *Sociologia e antropologia*. São Paulo, EPU/EDUSP, v. II, 1974.

MONTENEGRO, Antônio Torres. “História oral e interdisciplinaridade: a invenção do olhar”. In SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas, CMU, 1997.

NORA, Pierre. “Entre memória e história: a problemática dos lugares”. *Projeto História*, nº 10, São Paulo, EDUC, 1993.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Petrópolis, Vozes, 1978.

PARK, Margareth Brandini. *Histórias e leituras de almanaques no Brasil*. Tese de Doutorado, Campinas, São Paulo, UNICAMP, 1998.

PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis, Vozes e São Paulo, Edusp, 1973.

_____. “Calendário religioso e festas na antiga civilização caipira do Estado de São Paulo”. São Paulo, USP, 1982. (xerox),

POLLAK, Michel. “Memória e identidade social”. *Estudos históricos*, v. 5, nº 10, Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1992.

_____. “Memória, esquecimento e silêncio”. *Estudos históricos*, v. 2, nº 3, Rio de Janeiro, Vértice, 1989.

- PORTELLI, Alessandro. "O que faz a história oral diferente". *Projeto História*, nº 14, São Paulo, EDUC, 1997.
- PRINS, G. "História Oral". In BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.
- RIOS, Luís Henrique, PEREIRA, Renato Rodrigues e FROTA, Monica. "Mekáron Opoiioie". *Antropologia visual: caderno de textos*. Rio de Janeiro, Museu do índio, 1987.
- RODRIGUES, Martha e SILVA, Jorge. "Nossa voz da terra: memória e futuro". *Antropologia visual: caderno de textos*. Rio de Janeiro, Museu do índio, 1987.
- SANTANA, Charles D'Almeida. *Fartura e ventura camponesas: trabalho, cotidiano e migrações (Bahia 1950 -1980)*. São Paulo, Annablume, 1998.
- SILVA, Maria Aparecida Moraes. "As andorinhas: nem lá nem cá". *Cadernos CERU*, São Paulo, Humanitas/FFLCH/ USP, n. 9, 1998.
- SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von (org.). *Os desafios contemporâneos da história oral*. Campinas, CMU, 1997.
- _____. "Depoimento oral e fotografia na reconstrução da memória histórico-sociológica: reflexões de pesquisa". *Boletim CMU*, nº 5, Unicamp, 1991.
- _____. *Branco e negro no carnaval popular paulistano (1914-1988)*. Tese de Doutorado, São Paulo, USP, 1989.
- _____. (org.). *Revisitando a terra de contraste: a atualidade da obra de Roger Bastide*. São Paulo, FFLCH/CERU, 1986.
- SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Ed. Arbor . (xerox)
- STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis, Vozes/CID, 1996.
- TACCA, Fernando. *Sapateiro: o retrato da casa*. Dissertação de Mestrado, Campinas, São Paulo, UNICAMP, 1990.

- THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.
- THOMSON, Alistair. “Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais”. In AMADO, Janaina (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, Editora da FGV, 1996.
- VANSINA, J. “A tradição oral e sua metodologia”. In KI-ZERBO, J. *História geral da África: I. metodologia e história geral da África*. São Paulo, Ática/Unesco, 1980.
- VIDIGAL, Luis. “A entrevista: o que é preciso saber para originar testemunhos orais”, *Cadernos do projecto museológico sobre educação e infância*. n° 20, Santarém, ESES, 1994.
- _____. “A história oral: o que é, para que serve, como se faz”. *Cadernos do projecto museológico sobre educação e infância*. n° 16, Santarém, ESES, 1993.
- VIEIRA, Sonia M. *Folia de Reis*. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1989.
- WORTH, Sol e ADAIR, John. “Navajo filmmakers”. *American anthropologist*, n° 72, 1970.
- XAVIER, Ismail - *O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.